



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
Letras Língua Inglesa e Literaturas

Jailma da Silva Oliveira

**TRADUÇÃO COMO DESLOCAMENTO: um estudo de caso de percursos tradutórios
na obra “*A Map to the Door of No Return – notes to belonging*” de Dionne Brand.**

Jacobina

2016

Jailma da Silva Oliveira

**TRADUÇÃO COMO DESLOCAMENTO: um estudo de caso de percursos tradutórios
na obra “*A Map to the Door of No Return – notes to belonging*” de Dionne Brand.**

Monografia apresentada para Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, Universidade do Estado da Bahia – como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Língua Inglesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Cristina Salvadori

Jacobina
2016

Jailma da Silva Oliveira

**TRADUÇÃO COMO DESLOCAMENTO: um estudo de caso de percursos tradutórios
na obra “*A Map to the Door of No Return – notes to belonging*” de Dionne Brand.**

Monografia apresentada para Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, Universidade do Estado da Bahia – como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Língua Inglesa e Literaturas.

Aprovada em ____ de _____ de 2016

Profa. Dra. Juliana Cristina Salvadori (Orientadora)

Universidade do Estado da Bahia

Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu (Banca Examinadora)

Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Mauren Pavão Przybylski (Banca Examinadora)

Universidade do Estado da Bahia

Jacobina
2016

*Dedico esse trabalho a todos (as) aqueles (as)
que me apoiaram e me incentivaram ao longo da
minha jornada acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar pelo caminho da retidão dando-me equilíbrio e perseverança.

À minha família por sempre ter apoiado e compreendido todas as minhas escolhas e decisões, dizer que meu crescimento foi fruto da credibilidade depositada por vocês a mim.

À família Lopes, na pessoa da Sr.^a Selma Lopes dos Reis pelo incentivo e por me acolher como membro de sua família, minha gratidão e o meu muito obrigado.

A Uelson Lopes que, durante os últimos oito anos de minha vida esteve comigo, desfrutando, compartilhando de momentos bons e ruins, dizer que sem você está caminhada certamente seria mais árdua. Seu amor, seu carinho, sua preocupação contribuiu para que eu não me deixasse debater diante das circunstâncias da vida, que pudesse conquistar meus objetivos, que tivesse força, fé e determinação para enfrentar obstáculos, em ter discernimento nas minhas escolhas e decisões. Dizer que seu companheirismo foi o alicerce fundamental.

À minha orientadora, professora e amiga Juliana Cristina Salvadori pela confiança, incentivo, suporte e orientações destinadas ao desenvolvimento e conclusão deste trabalho. Agradeço a sua paciência, principalmente por ter acreditado em meu potencial. Dizer que sem seus conselhos e orientações esta pesquisa não ganharia tal dimensão.

Aos demais professores efetivos e contratados do colegiado de Letras-Língua Inglesa e Literaturas: Roberto Bueno, Rodrigo Reis, Graciélia Penha, José Carlos Félix, Reginaldo Alves, Arnon Rocha, Joaquim Gama, Vanessa Rocha, Igara Oliveira, bem como aqueles (as) que exerceram a função de colaboradores: Kátia Leite, Silene Franco, Márcia Regina, Geysa Andrade, Alexandra, Elizabeth que fizeram parte desta jornada tão importante na minha vida, por contribuírem para o meu desenvolvimento intelectual, profissional e crítico.

Aos graduandos do sétimo semestre 2015.1 do curso de Língua Inglesa e Literaturas da UNEB-Universidade do Estado da Bahia/Jacobina, por terem participado e concedido os dados para a realização desta pesquisa.

Às colegas de classe e demais amigas que me aconselharam, incentivaram e apoiaram nessa jornada tão importante, em especial à Édisse Manuele Almeida, Girlene Vieira, Naylane Matos, Amália Catharina, Valquíria Rodrigues, Gisele Moreira, Camila Gomes, Clarice Reis, Geane Timóteo, Elieuma Feliciano, Bernadett Rocha, Cleiva Cardoso e Benedita Gama.

Às primas Zenilde Araújo e Lília Daiane que mesmo não compreendendo o universo acadêmico sempre me apoiaram com palavras de incentivo.

À minha grande amiga Amy Chacon, por me socorrer na correção de papers, por sua amizade, pelas expressões de amor, afeto e carinho mesmo separadas pelo oceano.

Aos (as) colegas estudantes universitários de Capim Grosso, que em meio a tantas dificuldades, continuaram a encarar todos os dias o caminho para estudar na UNEB-Jacobina, enfrentando os riscos (estradas ruins) e vários outros desafios na tentativa de um futuro melhor, munidos de alegria, risadas, otimismo e entusiasmo.

A Coopes - Cooperativa de Pequenos Produtores/Capim Grosso nas pessoas de Josenaide Alves e Ana Rita Gonçalves por contribuírem para a minha formação profissional, por proporcionar minha primeira viagem ao exterior (Itália) como representante da Cooperativa no encontro internacional Terra Madre e Salone del Gusto, em 2008.

À italiana Silvia Parodi por me incentivar a estudar e a ter uma formação superior, inclusive colocou em minha vida - lá no início de tudo, quando eu estudava na Escola Família Agrícola de Jaboticaba (EFA) - uma madrinha italiana – Irene, a qual, me apoiou financeiramente para que eu pudesse fazer alguns cursos, inclusive o de Língua Inglesa na AEC-TEA/Associação. Agradeço pela generosidade de ambas, o cuidado, principalmente por terem apostado e acreditado em meu potencial.

À Associação AEC-TEA/Capim Grosso, nas pessoas de: Sacia Stiles, Jamile Nascimento, Charles Exdell, Luciene Rosa, Lu Mota, Valdemir Nascimento, Fábio Bonfim, Girlene Bonfim, Aija Jantunen e o grupo de voluntários locais, nacionais e internacionais que prestaram serviço a presente instituição entre os anos de 2006 a 2015 - pelo incentivo, preocupação, pelos momentos de formação, estudo, debates, alegria e festas.

A todos (as) minha imensa gratidão!

Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: ser, ser, ser. Er. R. que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Não quero ser. Vou crescer assim mesmo. Sem ser. Esquecer.

(Carlos Drummond de Andrade, 2013)

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso e teve por finalidade investigar o percurso tradutório, na obra *A Map to the Door of No Return* da escritora caribenho-canadense Dionne Brand (2001), dos discentes do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB/Campus IV cursando o componente curricular “Prática de Tradução”, ofertado para o sétimo semestre durante 2015.1 – nosso universo de pesquisa abrangeu, considerando os critérios elencados, 8 participantes. Objetivamos compreender como a prática tradutória demandada desses tradutores não profissionais provocaria o deslocamento de suas identidades culturais por meio dos diálogos (entre culturas; entre textos; entre língua); averiguar como as competências construídas ao longo de seu percurso no curso, advindos dos diversos eixos e componentes, como os estudos culturais, a linguística, a língua e a literatura, contribuíram para uma prática tradutória crítica e reflexiva (questionário, entrevista semi-estruturada e protocolos/notas de tradução foram os instrumentos escolhidos para construção dos dados); investigar a busca destes tradutores por informações contextuais, extratextuais e paratextuais para sua leitura e interpretação do texto – quais trechos ou aspectos do texto levaram-nos a buscar instrumentos para além dos dicionários. As considerações tecidas pela pesquisadora a partir da construção dos dados detiveram-se sobre a dificuldade dos participantes em estabelecer a relação teoria e prática em seu percurso tradutório: os textos teóricos, por exemplo, emergem nas falas, mas muito timidamente nos protocolos/notas de tradução para contextualização das escolhas e percurso tradutórios. Outro fator foi à dificuldade em se pensar a tarefa do tradutor como mediador intercultural, isto é, o tradutor como sendo o *entre-lugar*, em que tanto cultura, quanto identidade - tradutor/autor/texto são postas em xeque. Em geral, as reflexões dos participantes se limitaram a localizar suas dificuldades com o texto na língua – e na cultura: a língua e a cultura emergem como problemas para os tradutores, principalmente quando eles acreditam que as mesmas convergem – isto é, como se a cultura, e as questões identitárias, centrais na obra da autora e na própria prática tradutória, emergissem apenas quando se tratam de assuntos como festas tradicionais.

Palavras-chave: Identidade cultural. Tradutor. Tradução cultural. Diáspora. Deslocamento

ABSTRACT

This work is a Case Study and aims to investigate the translation pathways in the work *A Map to the Door of No Return*, written by the Caribbean-Canadian writer Dionne Brand (2001), fulfilled by students of UNEB University /Campus IV, Letters - English Language Course and Literatures attending the “Practice of translation” curricular component offered to the seventh semester. Our research universe covered, leading in consideration the listed criteria’s, eight participants. Aiming to understand how the translation demanded practice of these non-professional translators would cause the displacement of their cultural identities through dialogues (between cultures, between texts, between languages). To find out how the skills built along its pathways in the course, coming from various shafts and components, such as cultural studies, linguistics, language and literature, contributed to a critical and reflexive translation practice (observations notes, semi-structured questionnaire and protocols / translation notes were the instruments chosen for construction the data). To investigate the search of these translators for contextual information, extra-textual and text for reading and for interpretation of the text - which sections or aspects of the text led us to seek other instruments than the dictionaries. The considerations set out by the researcher from the data construction, were arrested on the difficulty of the participants in establishing the relationship between theory and practice in its translation path: theoretical texts, for example, emerge in their speech but very timidly in the protocols / notes translation for contextualizing the choices and translations route. Another factor was the difficulty to think the translator's task as intercultural mediator, that is, the translator as the in-between, where both culture as identity - translator / author / text are confronted. In general, the participant’s reflections were restricted to locate their difficulties with the text in the language - and culture. Language and culture emerge as problems for translators, especially when they believe that it converges - that is, if the culture, and identity issues, central in the author’s work and their own translation practice, emerge only when it comes to issues such as traditional festivals.

Keywords: Cultural Identity. Translator. Cultural Translation. Diaspora. Displacement

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A TRADUÇÃO: UM DESLOCAMENTO IDENTITÁRIO-CULTURAL.....	18
2.1 Identidades culturais	19
2.2 A formação de identidades culturais a partir da tradução.....	27
2.3 Do deslocamento e da diáspora: os sujeitos <i>versus</i> a tradução.....	30
2.4 Tradução: A ponte necessária	34
3. METODOLOGIA.....	38
3.1 Questões norteadoras da pesquisa	42
3.2 Participantes	43
3.3 Instrumentos de construção de dados.....	44
3.4 Procedimento da construção de dados.....	46
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	49
4.1 As Observações	50
4.2 Os questionários.....	53
4.3 Os Protocolos/notas da tradução.....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	88

APÊNDICE A – Dados das observações

APÊNDICE B – Dados dos questionários

ANEXO C – Dados dos protocolos e notas das traduções

APÊNDICE D – Termo de autorização do uso do documento escrito

APÊNDICE E – Termo de consentimento livre e esclarecido

APÊNDICE F – Modelo em branco do questionário aplicado

1. INTRODUÇÃO

[...] Construir sentido sobre nós mesmos é o que produz identidade (SPIVAK, 2000)¹.

O desejo em conhecer acerca de outros povos e culturas iniciou-se no ano de 2005, quando eu, ainda no período de adolescência, ingressei no curso de Língua Inglesa ofertado pela Associação Educativo-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade (AEC-TEA)² no município de Capim Grosso, Bahia. A curiosidade me levou além da sala de aula rotineira, a me tornar voluntária. Naquela oportunidade, além de contribuir em atividades diversas, me ofereci para ministrar aulas de Português para os estrangeiros que ali habitavam, mesmo com uma comunicação limitada, dispondo apenas do Inglês apreendido na escola rural.

Procurei me esforçar ao máximo, aproveitando aquela que parecia ser a única oportunidade de estar em contato com alguém diferente de mim, da minha cultura e língua. Duas vezes por semana eu tomava aula de Inglês e uma vez por semana ministrava aulas de Português para os estrangeiros. Fui aos poucos aprendendo e me envolvendo mais e mais naquele contexto, me arriscando, me desafiando, procurando estabelecer as relações interculturais. No ano de 2011, fui eleita presidente da Associação AEC-TEA e pude, no ano seguinte, estreitar mais ainda as relações com os estrangeiros, ao assumir a coordenação do programa de voluntariado internacional, em parceria com a estadunidense Sacia Stiles. Foi um ano de aprendizado, um ano no qual eu pude compreender e vivenciar os conflitos entre culturas, assim como estreitar as relações interculturais.

A minha vontade em me aprofundar na Língua Inglesa levou-me a prestar vestibular para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Curso Licenciatura em Letras - Língua

¹ No original: “Making sense of ourselves is what produces identity” (SPIVAK, 2000, p. 397, tradução nossa).

² A Associação Educativo-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade (AEC-TEA) é uma entidade de objetivos culturais democrática sem fins lucrativos fundada em 21 de julho de 1999. A AEC-TEA tem como missão fomentar a participação das pessoas no trabalho voluntário em projetos e ações que visam a melhorar a qualidade de vida da população. Tem ainda os seguintes objetivos; a) contribuir com a luta pela democratização dos meios de educação e de comunicação, pela democratização da informação e pela institucionalização do Direito de Comunicar; b) dar oportunidade à difusão das ideias, elementos de cultura, tradições hábitos sociais da comunidade, propagando a cultura nacional, além de intercâmbio entre os aspectos culturais das várias comunidades organizadas; c) prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário; d) coletar, pesquisar, elaborar e divulgar nos meios de comunicação locais, regionais e nacionais, informações de cunho político, social, econômico, científico, culturais e desportivos, relacionados às comunidades e de seu interesse; e) organizar Biblioteca e arquivo público com registro sonoro, fonográfico ou audiovisual de depoimentos e fotos produzidas ou colhidas na comunidade ou de interesse geral; f) promover continuamente o debate objetivando o avanço dos projetos comunitários; g) promover o intercâmbio de culturas entre os voluntários de outras regiões brasileiras ou de outros países com as comunidades locais; h) manter intercâmbio com outras entidades de atividades afins existentes no Brasil e/ou em outros países; i) estabelecer parcerias ou convênios para ampliação de sua área de atuação. (ESTATUTO SOCIAL, 2005).

Inglesa e Literaturas, na qual obtive aprovação no ano de 2011. No decorrer dos semestres foi notória a minha afinidade com as disciplinas que tratavam de língua e cultura, despertando posteriormente minha curiosidade em pesquisar sobre os aspectos da cultura e da língua estrangeira – só não sabia qual caminho seguir, nem por onde começar, já que se tratava de um campo tão amplo. As tentativas em desenvolver a pesquisa foram várias: minha primeira proposta consistia em averiguar quais marcas culturais eram evidentes nas interações de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (LE), tendo como interlocutores professores nativos da língua alvo e aprendizes nativos da língua portuguesa cursando o nível iniciante no semestre, 2014.1, a fim de diagnosticar até ponto essas marcas afetavam a formação identitária desses atores no núcleo de ensino denominado Associação Educativo-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade (AEC-TEA). Contudo, devido à suspensão do programa de voluntariado internacional, os participantes, bem como o local da pesquisa, estavam ameaçados. Desse modo, optei, então, por assumir a responsabilidade e não dar continuidade a pesquisa naquela localidade, substituindo o objeto, na ocasião não definido.

Desse modo, migrei para área da poesia pós-colonial. Devido à escassez de referencial teórico acerca da obra do autor Benjamin Obadiah Zephaniah (encontrei disponíveis apenas resenhas, resumos e relatos superficiais em *sites* diversos), esta proposta também acabou por não se desenvolver. Já havia selecionado o recorte teórico gostaria de seguir, mas não tinha o objeto definido. Com o tempo, graças ao meu empenho e orientação da professora Juliana Cristina Salvadori, que me aceitou como sua orientanda, convidando-me posteriormente a fazer parte do grupo de pesquisa “Desleitura em série: da tradução como transcrição, adaptação, refração, diáspora³”, comecei a me engajar nos estudos da tradução. Foi então que me dei conta do quão significativo e relevante este campo era para um estudante de língua estrangeira, bem como da sua dimensão cultural e identitária.

Partindo para os estudos da tradução me deparei com textos de autores como Benjamin (2008) e Berman (2000), entre outros, que abordavam o ato da tradução não como tarefa simples, mas multifacetada. Com o tempo, na condição de discente, fui percebendo que, na

³ O Grupo de pesquisa Desleitura em série pretende, como o título implica, repensar o ato da leitura a partir de outras perspectivas, encarando-a como prática transgressora e desviante: desler o texto é também mediá-lo para outros públicos, e, nessa perspectiva, os outros textos /textos outros - como as adaptações e as traduções (textos outros/dos outros, por excelência) sejam estas multimodais, intersemióticos, intralinguísticos, interlinguísticos - desempenham papel/tarefa fundamental: desleem os textos a partir de outras linguagens, culturas, línguas. Esta concepção da tradução e (re)(des)leituras como operação de mediação é central para redefini-las como opção de atuação crítica - traduzir, como ler, é eger e pôr em circulação certas narrativas, estruturas, autores, línguas. Nosso objetivo, portanto, é repensar o ato da leitura como ato transgressor a borrar as fronteiras linguísticas, discursivas, culturais que a contemporaneidade e suas novas textualidades põem em xeque. (Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1792517921828602>>. Acesso em: 23 maio. 2016).

academia, a tarefa de traduzir era tida, por mim e pela grande maioria dos estudantes de Letras Língua Inglesa, como uma tarefa “chata”, cansativa, dolorosa, etc., uma tarefa *servil*, para usar o termo de Octavio Paz (2009) – mera transposição de signos, significados e estruturas linguísticas de uma língua para a outra. Foi então que, mais tarde e com o incentivo de professores, particularmente da minha orientadora Juliana Cristina Salvadori, despertei interesse em aprofundar-me nos estudos da tradução pela perspectiva dos estudos culturais, fomentando o diálogo com conceitos e estudos de áreas do meu interesse, como estudos pós-coloniais, estudos culturais/identitários e diáspora.

Ao procurar delimitar participantes e objeto deparei-me com um grupo de estudantes cursando o componente curricular “Prática da Tradução”, graduandos do curso de “Letras – Língua Inglesa e Literaturas” no Departamento de Ciências Humanas na UNEB-Universidade do Estado da Bahia – Campus IV- Jacobina; 06 destes discentes teriam participado de uma pesquisa anterior sobre tradução, com recorte no aspecto linguístico. No componente curricular “Prática de tradução”, ministrado pela professora Juliana Cristina Salvadori no semestre 2015.1, estes discentes continuariam a trabalhar com oficinas de prática de tradução com a obra *A map to the Door Of No Return* de autoria de Dionne Brand (2001). Como a tradução da obra seria requisito de avaliação do componente, e a professora do componente era a minha orientadora, encontramos o cenário propício para desenvolver a pesquisa. Em conversa com os discentes, eles concordaram em elaborar protocolos da tradução e ceder os dados à pesquisadora.

A partir do tema proposta – tradução como deslocamento cultural e identitário – e do objeto desta tradução, a obra *A Map to the Door of No Return – notes to belonging*, da escritora caribenho-canadense Dionne Brand (2001), procuramos, neste trabalho, compreender o fenômeno tradução como um processo de infinitas trocas interculturais e transculturais, investigando como essa prática opera o deslocamento no tradutor – sua identidade, cultura, língua.

Nossos objetivos neste trabalho são: a) compreender como a prática tradutória demandada pelos tradutores não profissionais põe em evidência o deslocamento de suas identidades culturais ao tempo em que media diálogos entre culturas, b) investigar se há ou não a preocupação/ o cuidado do tradutor em buscar informações contextuais, extratextuais e paratextuais para contextualizar a proposta literária da obra traduzida, c) averiguar como as competências demandadas para a tradução (construídas ao longo do curso na intercessão de vários eixos – culturais, linguístico, literário, entre outros), contribuem para a construção de

uma prática tradutória crítica e reflexiva, teoricamente embasada, emergente nos protocolos e notas de tradução.

Para tanto, estaremos amparados pelas seguintes questões norteadoras de pesquisa: Questão 1 - Os marcos teóricos e discussões desenvolvidos nas aulas sobre tradução⁴, bem como a prática tradutória demandada pelos componentes, contribuíram para a elaboração de protocolos e notas da tradução, referente à obra *A Map to the Door of No Return*, críticos e reflexivos? Questão 2 - De que maneira estes documentos elaborados pelos tradutores não profissionais refletiram a experiência do deslocamento de suas identidades culturais, uma vez que, a) ao traduzirmos estamos pondo em questão tanto a nossa identidade quanto a do – Outro – autor, texto; b) a própria obra escolhida tem a experiência do deslocamento (forma e conteúdo, diáspora e gêneros literários) como seu cerne? Questão 3 – Qual o papel adotado pelos tradutores quanto ao diálogo, entre obra e tradução e quais meios contextuais, extratextuais e imagéticos utilizaram para tornar a obra mais ou menos legível em língua portuguesa.

A Map to the Door of No Return (2001) é uma obra que explora a importância da natureza da identidade e do pertencimento humano em um mundo culturalmente diverso e cheio de mudanças transitórias. Desenhada/cartografada, as narrativas deste livro tratam da ancestralidade do povo africano, e de seu trânsito, e da imbricação entre histórias, políticas, filosofia e literatura. Brand procura fazer uma relação entre os acontecimentos triviais e a dimensão histórica e cultural que ressoam sobre este indivíduo pós-moderno, diaspórico. O seu ponto de partida e chegada é o Canadá, mas é também África. O título *A Map to the Door of No Return*, refere-se tanto a um lugar imaginário quanto à figuração histórica e identitária do povo africano – o entre-lugar (*Middle passage*) - a Diáspora negra, e seu impacto sobre a identidade cultural, marcas jamais cicatrizadas. Adicionalmente, o texto da Brand (2001), requisitado para tradução⁵, é um registro da instabilidade de experiências históricas e culturais trazendo em seu cerne encontros poéticos de imaginários, resultante em um processo de mestiçagem de formas e de gêneros⁶ (é poesia? é prosa? é ficção? é narrativa?). Já na capa da obra a autora nos adverte: “abra-o em qualquer parte e comece a ler e ela fará sentido⁷... (BRAND, 2001). Logo, não é um texto estruturado e ordenado a partir dos elementos de

⁴ Componentes Tópicos de Tradução, cursado no quarto semestre, e Prática de Tradução, cursado no sétimo semestre.

⁵ A ser traduzido da Língua Inglesa para a Língua Portuguesa.

⁶ (BRAND, 2013)

⁷ Open it anywhere and start reading and it makes sense... (BRAND, 2001)

ficção⁸; é um texto que provoca e incomoda o leitor, que denuncia, através de sua forma, o exílio, fruto de experiências como deslocamento e diáspora.

Dessa forma, ao nos depararmos como o conteúdo da obra *A Map to the Door of No Return* (2001), ratificamos de antemão que o ofício tradutório exige muito mais do que apenas o conhecimento linguístico de uma determinada língua, e, portanto [...] “um tradutor literário, não pode apenas se preocupar com as diferenças na linguagem transposição palavra por palavra, mecanicamente, mas (sim) com a mesma gama de fatores culturais que um escritor deve abordar quando escreve para um público de recepção composta parcial ou essencialmente de pessoas de uma cultura diferente” (TYMOCZKO, 2002, p. 20-21, tradução nossa)⁹. Em outras palavras, a “[...] tradução não acontece em um vácuo, mas em um contínuo; não é um ato isolado, é parte de um processo contínuo de transferência intercultural, [...] através de fronteiras linguísticas e culturais” (BASSNETT; TRIVEDI, 2002, p. 02, tradução nossa¹⁰). Com isso, defendemos que o texto (BRAND, 2001) é um produto histórico e cultural e, portanto, sua tradução não pode ser considerada apenas como uma operação linguística, um processo de decodificação.

Quanto ao método a ser aplicado, trabalharemos com o estudo de caso por considerar e acompanhar a unidade social (os participantes matriculados no componente Prática de tradução) estudando-os em sua totalidade (08 participantes), com o objetivo de compreender o percurso pelo qual construíram os subsídios necessários à concretude de suas traduções e a implicação desse processo em sua identidade e cultura. Para isso, a pesquisadora dispôs de um tempo considerável com a turma, tomando notas de observações em sala, a fim de avaliar como a formação dos participantes (os tradutores não profissionais) será consolidada. Todo o processo da tradução foi, ao longo dos meses, detalhadamente descrito em protocolos e/ou notas construídas pelos próprios tradutores e, ao final, aplicou-se questionário semiestruturado aos participantes, levando em consideração o percurso teórico e prático percorrido pelos estudantes ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente os componentes que abordem diretamente a área dos estudos de tradução.

⁸ Personagens, cenário, enredo, climax, etc.

⁹ [...] a literary translator is *de facto* concerned with differences not just in language (transposing word for word, mechanically), but with the same range of cultural factors that a writer must address when writing to a receiving audience composed partially or primarily of people from a different culture’ (TYMOCZKO, 2002, p. 20 - 21, grifo do autor).

¹⁰ [...] translation does not happen in a vacuum, but in a continuum; it is not an isolated act, it is part of an ongoing process of intercultural transfer [...] transfer across linguistic and cultural boundaries (BASSNETT; TRIVEDI, 2002, p. 02).

Esta pesquisa encontra-se dividida da seguinte forma: o capítulo 1 intitulado *Tradução: um deslocamento identitário-cultural* estará subdividido por seções; 2.1 “Identidades culturais”. Nesta seção, discutiremos o modo pelo qual as identidades são formadas e transformadas na contemporaneidade, levando em consideração que estas identidades estão sendo deslocadas, desalojadas de tempo e espaço e que a tradução é uma das principais matrizes responsáveis por este deslocamento. Na 2.2 “A formação de identidades culturais a partir da tradução”, apontaremos que a tradução é a principal matriz reprodutora de discursos sobre o estrangeiro – o Outro, podendo esta, tanto subverter quanto exaltar a cultura e o discurso estrangeiro. 2.3 “Do deslocamento e da diáspora: os sujeitos *versus* a tradução” discutiremos como as experiências, deslocamento e diáspora são fatores preponderantes para a (re) constituição dos sujeitos na contemporaneidade, ao tecer uma discussão entre a experiência vivida pelos sujeitos à sombra de tais acontecimentos em relação à tradução. Tradução, entendida como meio que desestabiliza as bases políticas, ideológicas, identitárias. Em 2.4 “Tradução: a ponte necessária”, faremos uma breve revisão da obra posta para tradução, seguindo com o que foi elucidado ao longo das seções do capítulo dois, a fim de direcionar o leitor para os capítulos posteriores.

No capítulo 3 apresentaremos a metodologia da pesquisa e na seção 3.1 exporemos as questões norteadoras de pesquisa e considerações prévias da análise dos protocolos e notas das traduções de um dos participantes, a fim de preparar o leitor para o capítulo de análise. Na seção 3.2 O grupo de participantes desta investigação. 3.3 Os instrumentos de construção de dados, e na seção 3.4 os procedimentos da construção dos dados. O capítulo 4 será direcionado para a análise e interpretação dos dados coletados, encontra-se subdividido em seções. Na seção 4.1, apresentaremos um panorama geral sobre duas das aulas observadas. Na seção 4.2 analisaremos dados triangulados dos questionários e na seção 4.3 dados triangulados dos protocolos e notas das traduções. Por fim, concluiremos a investigação, discutindo limitações, se a pesquisa atendeu total ou parcialmente o que se propusera a investigar, problemas enfrentados no desenvolvimento e indicando possíveis sugestões e perspectivas para futuros estudos nesta área.

2. A TRADUÇÃO: UM DESLOCAMENTO IDENTITÁRIO-CULTURAL

*Velhos piratas, sim, eles me roubaram
 Me venderam para navios mercantes
 Minutos depois de eles terem me tirado
 Do poço sem fundo
 Mas, minha mão foi fortalecida
 Pela mão do Todo-Poderoso
 Nós avançamos nessa geração
 Triunfantemente [...]
 Você ajudaria cantar
 Estas canções de liberdade?
 Pois, tudo que eu sempre tenho:
 Canções de redenção
 Canções de redenção¹¹ [...]*

(Bob Marley, Redemption Song)

Neste capítulo trataremos, de forma ampla, das identidades culturais, de modo a compreender como são as possíveis implicações dessas identidades culturais para o exercício da tradução. Trataremos mais detalhadamente do deslocamento e da diáspora, experiência estruturante da obra que se propôs aos tradutores não profissionais traduzir, como experiências análogas ao do ato tradutório. Por fim, pensaremos o papel assumido por esses tradutores como mediadores interculturais e sua percepção da tarefa da tradução (e de suas traduções) – pontes necessárias à consolidação de acontecimentos históricos, identitários e culturais em relação à obra *A Map to the Door Of No Return*. Para isso, utilizaremos como base os pressupostos de teóricos (as) como Hall (2003; 2006), Anderson (2008) Bhabha (1998), Venuti (2002), Brand (1953), Berman (2000), Bassnett e Trivedi (2002), entre outros, objetivando construir uma base de discussão que possa melhor contextualizar as práticas tradutórias desses sujeitos de pesquisa.

Para melhor compreensão este capítulo encontra-se dividido em seções, a saber: 2.1, na qual discutimos brevemente o conceito de identidades culturais; 2.2, na qual apresentamos o processo de formação de identidades culturais a partir da tradução; 2.3, na qual concentramo-nos na experiência do deslocamento e da diáspora: os sujeitos *versus* a tradução; 2.4, seção que retoma os marcos teóricos escolhidos para discutir a tradução, sendo a ponte necessária ao diálogo e negociação entre culturas e identidades.

¹¹ Old pirates, yes, they rob I / Sold I to the merchant ships / Minutes after they took I / From the bottomless pit / But my hand was made strong / By the hand of the Almighty / We forward in this generation / Triumphantly [...] / Won't you help to sing / These songs of freedom? / 'Cause all I ever have / Redemption songs / Redemption songs [...] / (Disponível em: <<http://letras.mus.br/bob-marley/24572/traducao.html>>. Acesso em: 07 out. 2015).

2.1 Identidades culturais

Nesta seção discutiremos acerca das identidades culturais e, para tanto, partiremos da discussão de Hall (2003; 2006) sobre este conceito. Para o teórico, “no mundo moderno, as culturas nacionais se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Todavia, essas identidades culturais não estão “literalmente impressas em nossos genes”, mas, nós pensamos nelas como se fossem “parte de nossa natureza essencial”, de modo que, “as identidades nacionais, não são coisas com as quais nascemos”, visto que tais identidades são “formadas e transformadas no interior da *representação*”. Para compreender esta questão, devemos concluir que a nação não se trata apenas de uma “entidade política mas algo que produz sentidos”, isto é, de um “sistema de representação cultural”: as pessoas participam da ideia de nação “tal como ela é representada em sua cultura nacional” (HALL, 2006, p. 47-49), uma cultura nacional funciona com um sistema de representação e portanto,

Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas [...] a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (HALL, 2006, p.51).

O conceito de comunidade imaginada usado por Hall (2006) advém de Benedict Anderson (2008) e seu trabalho seminal *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Segundo Anderson, a nação é uma comunidade imaginada, dentre outros motivos, porque não podemos dizer qual o ponto inicial de sua origem, tomamos conhecimento sobre a nação a partir das histórias que nos são contadas: é a partir dessas narrativas compartilhadas que se cria o sentimento de pertença. Tais enredos, contudo, são construídos de uma maneira homogênea, algumas narrativas sobre a nação precisam ser esquecidas. Dionne Brand (2001), com a narrativa dela, sobre a diáspora, vai resgatar parte de uma história que foi esquecida ou apagada em nome de uma narrativa homogênea, focando nas experiências de diáspora e deslocamento sofridas pelos povos. A mesma ratifica que, “[...] a identidade nacional é uma dança de artificialidade, uma vez que a dança deve ser essencialmente imutável, [...] e quando lemos as narrativas com hífen vemos a angústia

produzida por esta qualidade imutável¹². (BRAND, 2001, p. 72), assim, o que é mostrado de uma determinada nação, a sua identidade e cultura são moldadas a partir da visão de culturas hegemônicas, estas constroem e disseminam as histórias sobre outras nações a partir do seu ponto de vista, essa modelagem frequentemente obscurece/apaga a multiplicidade da cultura alheia, subvertendo-a, inscreve-lhe valores adversos.

Brand (2001) ressalta a importância de serem investigadas as narrativas contemporâneas e se entenderem as angústias postas, Benedict Anderson (2008), por sua vez, aponta que, para bem entender a condição nacional [*nation-ness*], assim como o nacionalismo, é necessário analisar com cuidado, “suas origens históricas, de que maneiras seus significados se transformaram ao longo do tempo” (ANDERSON, 2008, p.30), dito de outro modo, ambos, cada um em sua abordagem, compartilham da mesma proposição, a de que é necessário investigar as histórias, narrativas e significados exercidos/operados na/sobre a cultura. E que, por outro lado a condição nacional e o nacionalismo não passam de termos simbólicos que integram um sistema de representação da nação, ou um discurso cuja função é construir sentidos que influenciam e organizam as ações dos sujeitos.

As diferenças entre nações dependem da forma como são imaginados os sistemas de símbolos e representações. Hall (2006), em “Identidade cultural na pós-modernidade”, nos apresenta cinco elementos estruturantes da narrativa cultural, a saber: 1) narrativa da nação, 2) ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade, 3) Invenção da tradição, 4) mito fundacional, 5) A identidade nacional simbolicamente baseada na ideia de um povo ou *folk* puro, original. Destes, discutiremos dois, a narrativa da nação e a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade, tendo em vista que melhor dialogam com o objetivo da presente seção, que se baseia em delinear as diferentes ideias conceituais e constituintes das identidades culturais.

O primeiro elemento estruturador dessas comunidades são as narrativas da nação, contadas e recontadas nas histórias e historiografias oficiais, nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular:

Essas fornecem uma série de histórias imagens, panoramas, cenários eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membro de tal “comunidade imaginada” nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa” (HALL, 2006, p.52).

¹² “[...] National identity is a dance of artificiality, since what it dances must essentially be unchanging [...] and when we read the hyphenated narratives we see the angst produced by this unchanging quality. (p. 72).

Dito de outro modo, as histórias, contadas e recontadas, dão forma à nação por meio da representação. Essa representação cultural elege certas experiências e as dissemina como compartilhadas fomentando o sentimento de pertença: imaginamos que pertencemos a uma mesma cultura, a uma mesma nação por partilhar de acontecimentos únicos aos membros da nação. As narrativas, contadas e recontadas, desempenhariam uma ação homogeneizadora que continua a existir mesmo após a morte dos sujeitos, isto é, diante da inexistência dos sujeitos as narrativas sobre a nação continuariam a ser reproduzidas, considerando que a cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos, estes sentidos vão se perpetuando a medida em que as histórias, memórias e imagens construídas vão circulando, criando-se aquele sentimento de pertença que independeria da existência dos sujeitos para transitar porque não há mais uma autoria única.

Um segundo elemento estruturador da nação como sistema de representação cultural é a ênfase nas origens,

na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade*. A identidade nacional é representada como primordial – “está lá, na verdadeira natureza das coisas”, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser “acordada” de sua “longa, persistente e misteriosa sonolência”, para reassumir sua inquebrantável existência” (GELLNER *apud* HALL 2006, p. 53 a 54).

Infere-se que a identidade nacional continua a ser representada como algo primordial e atemporal. Primordial porque apesar dos eventos, concebe-se que esta identidade estava lá, mesmo que latente, no início da história da nação (por mais arbitrário ou mítico que este início seja), pronta para despertar e emergir das profundezas de sua própria história e recuperar sua verdadeira e original face. Atemporal, porque mesmo diante do curso da história as narrativas não se modificam, continuam a exercer o mesmo papel estruturante na identidade dos povos e suas culturas. Dito de outro modo, a identidade nacional não é algo de qual podemos nos desfazer sem consequências maiores na estruturação de nossa identidade psicológica e, o que nos interessa, cultural – paga-se um preço. Isto porque, pelas próprias formas de reprodução do discurso da cultura nacional, isto é, pelo contar e recontar as narrativas oficiais, as formas com que uma nação é representada e se representa não são tão facilmente des/re figuradas. Contudo, a narrativa sobre a nação privilegia uma história única, criando o que Hall (2006) chamou de mito fundacional, levando a acreditar que a nação trata-se de uma entidade unificada, homogeneizada e homogeneizadora, constituído da seleção de

certas narrativas em detrimento de outras e, portanto, criando uma representação totalizadora que ou exotiza (torna-se exótico ao criar no imaginário uma visão deturpada da comunidade, sem ter o conhecimento necessário, apenas absorve as informações sem olhar sua fonte) ou estereotipa (ao conjecturar imagens ou fatos que não são verídicos, construídos a partir da falta de propriedade no conhecimento das) culturas e povos.

É a partir da percepção da nação como um sistema de representação cultural que surge, a partir das margens, as discussões oriundas da crítica pós-colonial e o espaço para se imaginar contranarrativas. Esse campo da crítica pós-colonial traz para o debate a necessidade de se repensar o papel figurado pelos povos marginais – sujeitos diaspóricos, sobreviventes do colonialismo no cenário cultural nacional e sua participação histórica. Bhabha (1998) aponta que a perspectiva pós-colonialista desestabiliza os discursos ideológicos da modernidade que tentam normalizar/homogeneizar as histórias diferenciadas de raças, comunidades, povos, subsumidos na nação.

Autores como, Bhabha (1998), Hall (2003; 2006), Anderson (2008), Said (1990) trabalham a partir da abordagem pós-colonial, criticam a arbitrariedade desses discursos homogeneizadores. Estes críticos e tradutores pós-coloniais “formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade” (BHABHA, 1998, p.239). Para tanto, há uma mudança de perspectiva: os autores pós-coloniais, ao reescreverem essas narrativas, baseados em experiências como diáspora e deslocamentos, dão novo sentido às narrativas tradicionais.

Toda uma gama de teorias críticas pós-coloniais, também influentes nos estudos contemporâneos da tradução “sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento” (BHABHA, 1998, p. 240); segundo Bhabha, estas experiências e narrativas silenciadas emergem e apontam a relevância que as culturas e as experiências de povos subalternos têm no construto nacional ao “elaborar estratégias legitimadoras de emancipação, de encenar outros antagonismos sociais”. Dito de outro modo, esses povos começam, a partir de suas experiências, a fazer uso de estratégias de resistência que garantam a sua liberdade e independência colonial, questionando prerrogativas, direitos, lugares de fala, representações, narrativas e discursos.

As estratégias emancipadoras propiciam a circulação de novos discursos por intermédios de narrativas, frutos dos deslocamentos que trazem para o cerne das discussões questões contemporâneas sobre identidade e cultura, isto é, questões de ordem política,

ideológica e culturais arraigada em outras experiências e narrativas. Esses novos discursos fazem-nos repensar como funciona o sistema de representação da nação. Em outras palavras, as narrativas deslocadas, oriundas dos povos diaspóricos e colonizados, desestabilizam a ideia que se tem de nação, deslocando o modo como esta é representada e as narrativas vão, aos poucos, se (des)construindo, ganhando contornos e outras (des)leituras.

A obra, *A map to the Door Of No Return*, pode ser compreendida como uma narrativa crítica de reflexão política identitária cultural, relatando como são imaginados e os elos que são criados e mantidos entre os povos e seus lares de origem, como essas origens são intersectadas entre as experiências do passado e o reflexo destas no presente, em suas identidades culturais. É uma narrativa que possibilita uma (des) leitura contemporânea pós-colonial, em vista, de suas discussões sobre diáspora, deslocamento, entre outras questões, refazendo a nossa concepção/indagações da nação, como um local simbólico de representação de povos e discursos, a porta do não retorno, diz Brand, “abrem todos os nacionalismos para seu vazio imaginativo¹³” (BRAND, 2001, p. 49), o nacionalismo, a nação transforma-se em elementos puramente imaginativos.

A nação e sua dimensão espacial-temporal é deslizante, reconfigurando-se nos discursos da modernidade que tensionam o tradicionalismo dos discursos. A tradução, neste jogo, desempenha papel central: é a partir da tradução, dos tradutores, cuja tarefa é desempenhar um ato de interpretação secular e, assim, disseminar textos e discursos através de culturas, que os discursos ideológicos são relocados, reconstruindo a visão que se tem da nação. A tradução pode, entre outras coisas, reinterpretar as narrativas da nação, modernizando seus enredos, inscrevendo lhes outros valores culturais. Dito de outro modo, a tradução, pensada dessa forma, torna-se um registro textual concreto da instabilidade provocada pela diáspora e pelo deslocamento, registro das experiências desses sujeitos diaspóricos, sobreviventes do colonialismo. A tradução, ao cruzar fronteiras culturais, discursivas, textuais e linguísticas, é um produto e performance híbridos.

O texto de Brand (2001) é esse híbrido, um produto de vários cruzamentos incidido já no próprio formato da obra, que remonta simultaneamente às memórias de discursos fragmentados dos sujeitos da diáspora. O texto de Brand (2001) configura-se como uma mediação reflexiva a partir de suas próprias experiências, sobre memória, identidade e história, dos vários deslocamentos e sentimento de exílio e perda a partir da experiência da diáspora. Por conseguinte, podemos constatar que a tradução é um híbrido entre a leitura e a

¹³ “[...] but the Door of No Return opens all nationalisms to their imaginative void” (BRAND, 2001 p. 49)

escrita – é, primordialmente, um ato de leitura/interpretação; é um híbrido entre culturas; entre línguas; entre povos; e o texto de Brand (2001) é esse híbrido – gêneros textuais: é poesia, é prosa, é ensaio, é teoria. São essas questões que norteiam nossa investigação quando partimos para análise das traduções feitas pelos participantes desta pesquisa.

Tanto Hall (2003), quanto Bhabha (1998) têm como objeto de estudo a questão do hibridismo cultural. Ambos, em suas particularidades, partem da ideia de hibridismo como um processo marcado pela ambivalência e antagonismos resultantes da negociação cultural. Bhabha (1998) fundamenta-se nos embates entre colonizadores e colonizados - suas relações assimétricas de poder. Evidente em sua obra¹⁴ está à preocupação em reconhecer o hibridismo como um elemento estruturante da negociação cultural, visto que este (o hibridismo) surge como uma ameaça à autoridade colonial: o colonizado, ao constatar a existência de um discurso hegemônico dominante, passa a questionar e exigir que as diferenças culturais sejam observadas, provocando assim, um discurso híbrido. Bhabha aponta que

O hibridismo é o signo da produtividade do poder colonial, suas forças e fixações deslizantes; é o nome da reversão estratégica do processo de dominação pela recusa (ou seja, a produção de identidades discriminatórias que asseguram a identidade "pura" e original da autoridade). O hibridismo é a reavaliação do pressuposto da identidade colonial pela repetição de efeitos de identidade discriminatórios. Ele expõe a deformação e o deslocamento inerentes a todos os espaços de discriminação e dominação. Ele desestabiliza as demandas miméticas ou narcísicas do poder colonial, mas confere novas implicações a suas identificações em estratégias de subversão que fazem o olhar do discriminado voltar-se para o olho do poder. Isto porque o híbrido colonial é a articulação do espaço ambivalente onde o rito do poder é encenado no espaço do desejo, tomando seus objetos ao mesmo tempo disciplinares e disseminatórios (BHABHA, 1998 p. 162-163).

Como podemos observar, o hibridismo surge para impulsionar/provocar as tensões entre o dominante e o dominado, expondo “as deformações e o deslocamento inerentes a todos os espaços de discriminação e dominação”, desestabilizando as forças que subjazem ao poder colonial, o hibridismo provoca reversão estratégica ao processo de dominação, à medida que subverte as bases coloniais da autoridade, é um processo que está intimamente ligado à ruptura colonial, em que os povos desprivilegiados passam ressignificar, a representar a sua existência, através das obras literárias, conseqüentemente implica na formação de identidade daqueles povos que sofreram com a experiência do deslocamento e da diáspora.

Salman Rushdie, citado por HALL (2003, p. 34) ressalta que “[...] o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres

¹⁴ O local da cultura (1998)

humanos, culturas, ideias, políticas, filmes, canções” é “como a novidade entra no mundo”. (RUSHDIE *apud* HALL, 2003, p. 34). Essa novidade adentra as sociedades modernas principalmente na forma de tradução, sobretudo do texto impresso que sem intenção (ou com intenção) interfere em novas configurações de discursos: facilita, desestabiliza, provoca diálogos entre povos, cumprindo com o papel de intermediador e disseminando aspectos políticos, ideológicos etc., de uma cultura a outra.

Diante disso, Bhabha (1998), ao apontar a cultura como estratégia de sobrevivência, ressalta que ela pode ser tanto transnacional como tradutória. É transnacional

Porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural, seja como “meia-passagem” da escravidão e servidão, como “viagem para fora” da missão civilizatória, a acomodação maciça da migração do Terceiro Mundo para o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, ou o trânsito de refugiados econômicos e políticos dentro e fora do Terceiro Mundo (BHABHA, 1998, p.241).

É tradutória

Porque essas histórias espaciais de deslocamento – agora acompanhadas pelas ambições territoriais de tecnologias “globais” de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por *cultura*, um assunto bastante complexo (BHABHA, 1998, p.241, grifo do autor).

Diante do exposto e baseando-se na obra de Bhabha (1998) “O local da cultura” tecemos nossa explanação: o processo de tradução cultural é uma forma complexa de significação, se consideramos que a “dimensão transnacional da transformação cultural”, as experiências de migração, diáspora, deslocamento, recolocação, torna o discurso unificador da “nação” dos “povos” ou da “tradição” popular insustentáveis, não podendo ser tomados como referências imediatas: há uma necessidade de analisar os impactos dessas experiências e sua relevância para o construto da narrativa, forçando o reconhecimento das fronteiras culturais e políticas, validando a significação simbólica das experiências a serem mediadas principalmente pela via da tradução.

A tradução, portanto, ou melhor, dizendo, a tradução cultural, desempenha papel central nessa constante desestabilização e reestruturação identitária que os movimentos diaspóricos provocam:

[...] “Esse conceito [tradução cultural] descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersados* para sempre para sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao

passado [...] Elas carregam traços das culturas, das tradições, das linguagens e histórias particulares pelas quais foram marcadas [...] elas são [...], o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a um e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). Elas são irrevogavelmente *traduzidas* [...] Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (HALL, 2006, p. 88 a 90).

Cabe-nos, pois, refletir a formação de identidades culturais a partir do ponto de vista da tradução posta por Hall (2006), que diz respeito ao sujeito como um ser traduzido: os seres traduzidos carregam consigo marcas e identidades culturais controversas, o fato de ter transitado por diversas culturas, a habitar várias identidades leva, eventualmente, a conflitos, visto que os sujeitos têm que constantemente negociar culturas e identidades. Esses sujeitos são o produto de várias histórias e culturas interconectadas, “pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular”, são sujeitos hibridizados). Diante disso, conclui-se que, a discussão de Hall quanto às identidades põe em evidência o papel simbólico dessas identidades movediças, constantemente a (re) acomodar as diversas marcas de pertencimento. Dentre elas, destacamos a nação, que passa a ser compreendida como um “sistema de representação cultural”.

Por outro lado, quando levamos em conta a questão do deslocamento e da diáspora, as identidades se tornam ainda mais instáveis, uma vez que essas identidades se colidem entre tempo e espaço, diante disso, a identidade plenamente unificada não existe é uma fantasia e “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, (confrontamo-nos) por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – aos menos temporariamente.” (HALL, 2006, p. 13). Assim sendo, as sociedades são caracterizadas por mudanças e experiências constantes, rápidas e permanentes, que vão se deslocando/fragmentando-se. Hall (2006) acrescenta ainda que em toda parte estão emergindo essas identidades culturais que não são fixas, estando “suspensas em transição, entre diferentes posições”, sendo o produto de complicados cruzamentos e misturas culturais – oriundos das experiências da diáspora e do deslocamento. Chegamos então à conclusão de que a nação é apenas uma das matrizes simbólicas produtoras de discursos e representações identitárias e culturais organizadoras e não é mais, dada a nova configuração contemporânea, a principal matriz.

Passamos, na próxima seção, a pensar como as questões aqui postas sobre cultura, identidade podem e devem embasar uma prática de tradução pautada por questões não apenas de ordem textual, semântica, sintática, mas que leve em conta a dimensão discursiva.

2.2 A formação de identidades culturais a partir da tradução

A partir da obra de Venuti (2002) “Escândalos da Tradução”, particularmente o capítulo quatro, “A formação de identidades culturais”, centraremos nossa discussão basicamente em como a tradução, por intermédio de fatores, políticos, econômicos, linguísticos, simbólicos, entre outros, valida, unifica e subverte as identidades culturais, uma vez que é uma das matrizes produtoras de representação e discursos sobre o estrangeiro - o Outro. Nossa intenção é tecer um panorama crítico a respeito do papel desempenhado pela tradução na elaboração e circulação desses discursos e textos sobre o Outro.

No campo da tradução, a formação de identidades culturais representa a maior “fonte potencial de escândalos”, isto porque “a tradução exerce um poder enorme na construção de representação de culturas estrangeiras” (VENUTI, 2002, p.130), inserindo através da seleção de textos, valor cultural propositado, desvinculando-os do seu sentido histórico, traduzindo-os a fim de cumprir com uma necessidade particular ou escolhendo estilos de tradução e temas que sejam amplamente visados num período específico, não levando em consideração a tradição literária da obra a ser traduzida.

Venuti (2002) aponta que, “os padrões tradutórios [...] que venham a ser estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas” (VENUTI, 2002, p.130). Deste modo, a tradução tem implicações para além do texto, “geopolíticas”, pois pode reafirmar relações assimétricas de poder quando adentra nas comunidades domésticas, reforçando alianças e antagonismos – internos e externos às nações. Dito de outro modo, por meio da tradução a cultura estrangeira acaba exercendo um poder de dominação, na medida em que importa uma gama maior de bens culturais para culturas periféricas, os chamados “países em desenvolvimento”, influenciando na produção e na circulação dessas culturas. Tal afirmativa é confirmada por Venuti (2002) na introdução a obra “Escândalos da Tradução” e posteriormente por Bassnett e Trevedi (2002). Assim,

A tradução fortalece a economia cultural global, possibilitando às empresas multinacionais dominar a mídia impressa e eletrônica nos chamados países em desenvolvimento, lucrando com a possibilidade de venda das traduções a partir das línguas de maior difusão, principalmente o Inglês (VENUTI, 2002, p.11).

Nota-se que até mesmo o uso do termo países “em desenvolvimento” implica na segregação entre os produtos produzidos nestes países em relação àqueles países considerados desenvolvidos, ou seja, é uma forma velada de colonização, em que uma cultura dominante obtém lucro, poder e prestígio a partir da publicação e circulação de literaturas traduzidas desses países “em desenvolvimento”. Por conseguinte, tal circulação não se dá por meio de qualquer língua, o Inglês tem sido a língua que mais domina os meios, principalmente os meios impressos e eletrônicos, conseguindo reprimir identidades culturais que não são construídas pelas instituições acadêmicas, políticas, religiosas e nem pela “pedagogia da literatura estrangeiras” – os grandes cânones da cultura ocidental, (quando pensamos nos africanos e nos indígenas o que os une é o uso da língua do colonizador como instrumento de luta. Escrever em línguas africanas ou guarani seria limitar a recepção). Bassnett e Trivedi (2002) complementam a proposição de Venuti (2002), ao assegurar que

a tradução é uma atividade altamente manipuladora que envolve todos os tipos de estágios no processo de transferência através das fronteiras linguísticas e culturais. A tradução não é uma atividade inocente, transparente, mas é altamente carregada de significado em todas as fases; raramente envolve uma relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas. (BASSNETT e TRIVEDI, 2002, p. 02 – tradução nossa¹⁵).

Assim, a tradução sempre envolve um sistema de escolhas, altamente carregadas de significados, símbolos e representações, por sempre depender de um agente – o tradutor / manipulador, que não está imune às suas condições de produção históricas e espaciais. Contudo, a circular por diferentes “fronteiras linguísticas e culturais”, num processo diacrônico, a tradução torna-se “descolonizada” do seu autor e constrói seu próprio horizonte potencializador de significados. Dessa maneira, os projetos tradutórios, que não são definidos apenas pelo desejo do tradutor, priorizam para quais línguas certo texto deve ser traduzido. Isso porque há uma relação de poder e hegemonia veladas. Os interessados podem ser desde editores que investem na literatura estrangeira dominante, quanto para grupos específicos de leitores (acadêmicos, pesquisadores ou leitores comuns). Segundo Venuti (2002), a agenda está a serviço de quem tem poder e influência:

[...] uma comunidade cultural específica controla a representação de literaturas estrangeiras para outras comunidades na cultura doméstica, privilegiando certos

¹⁵translation is a highly manipulative activity that involves all kinds of stages in that process of transfer across linguistic and cultural boundaries. Translation is not an innocent, transparent activity but is highly charged with significance at every stage; it rarely, if ever, involves a relationship of equality between texts, authors or systems.

valores domésticos enquanto exclui outros e estabelecendo um cânone de textos estrangeiros que é necessariamente parcial porque está a serviço de certos interesses domésticos. (VENUTI, 2002, p. 137).

Desse modo, a tradução se configura como arma poderosa na confirmação e circulação de discursos literários domésticos e, como tal, tem sido alvo de projetos culturais ambiciosos e de acordo com Venuti (2002), “esses projetos sempre resultaram na formação de identidades culturais alinhadas a grupos sociais específicos, a classes e nações” (VENUTI, 2002, p. 147). Por exemplo, diversos projetos são dirigidos a grupos que valorizam uma literatura altamente refinada, colocando a tradução, então, a serviço de uma elite burguesa, isto é, a serviço de uma minoria que detém prestígio social e define o que pode ou deve circular, e assim integrar-se, naquela cultura doméstica. Este tipo de projeto não visa ao leitor comum, mas um leitor que domina um conhecimento apurado da técnica da literatura refinada com jargões e gêneros específicos a determinada classe – ou seja, é por princípio, excludente.

Contudo, existe espaço para resistência, inovação e para a mudança na tradução, em qualquer momento histórico, à medida que os tradutores constroem outro horizonte na tradução que diverge total ou parcialmente da obra “original”, isto é, aplica ao texto dito original estratégias estrangeirizadoras podendo “vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando respeito pela diferença cultural ou aversão baseadas no etnocentrismo, racismo ou patriotismo” (VENUTI, 2002, p. 130) por não propor um projeto tradutório baseado na legibilidade e na identidade das línguas. Ao mesmo tempo em que a tradução aproxima as culturas por meio do texto escrito, ela consegue com a mesma eficácia provocar conflitos e desestruturar as identidades culturais, inserindo-lhes valores contrários, hegemônicos e/ou contra hegemônicos.

Por outro ângulo, com o grande volume de obras produzidas a partir da experiência das diásporas, o cenário literário passou a ser ressignificado, isto é, passou a ser interpretado pelas lentes dos sujeitos fruto das diásporas, que aos poucos são ovacionados e/ou criticados pela repercussão de suas respectivas obras – mesmo ainda sendo timidamente traduzidas, por exemplo, para os países da América do sul, Ásia e África. No entanto, não se anula a forma como essas obras entraram no cenário literário principalmente Norte Americano e Britânico ganhando abertura e notoriedade, afirmando suas potencialidades histórico-culturais.

Trabalhamos com a afirmativa de que a tradução deve ser recebida pelos leitores como uma tradução que apresenta suas opacidades e características de um texto traduzido, não podendo deixar que aqueles projetos ditos domesticadores sejam postos como um sucessor ao original, em vista a uma impossibilidade em recuperar a intenção do autor/a (se é que ele/a

teve alguma), cabe-nos pois, assim como insistentemente reivindica Venuti (2002), aceitar que a tradução seja reconhecida como tradução e não como texto original. Dito de outro modo como presume Bassnett e Trivedi (2002), “as traduções estão sempre integradas aos sistemas culturais e políticos, e, também, à história referenciada no texto. [...] as estratégias empregadas por tradutores refletem o contexto em que os textos são produzidos” (TRIVEDI; BASSNETT, 2002, p.06)¹⁶. Diante de tal apontamento, deve-se considerar que a prática tradutória opera além de procedimentos linguísticos e sistemas de codificação da linguagem, os sistemas político, histórico e cultural a que ele está diretamente ligado, e, portanto, domesticá-lo, condicionando-o a trazer o mesmo sentido da obra precedente, implica no apagamento de todos os traços que caracterizam o texto traduzido. Ressaltamos que a tradução não é incumbida dessa domesticação de texto estrangeiro, o que defendemos é a aceitação da tradução como sendo uma tradução, que perpassa por diferentes sistemas de significação e sentidos até se configurar em um texto autônomo e potencializado de seus próprios significados. Para isso, deve-se ter em mente que a tradução como assinala Bassnett e Trivedi (2002) “[...] não acontece em um vácuo, mas em um contínuo; não é um ato isolado, é parte de um processo contínuo de transferência intercultural, [...] através de fronteiras linguísticas e culturais” (BASSNETT; TRIVEDI, 2002, p. 02, tradução nossa¹⁷), isto é, as traduções estão sempre integradas/acondicionadas a sistemas culturais e políticos, e na história, e portanto, não podem ser desvinculadas desses três sistemas totalmente.

Passamos na seção 2.3 a discutir a tradução, que ao (re) criar outro texto à sombra do texto original tem na experiência da diáspora e do deslocamento seu processo estruturante, desestabilizando as bases políticas, ideológicas e identitárias, dos sujeitos e sua obra.

2.3 Do deslocamento e da diáspora: os sujeitos *versus* a tradução

Nesta seção apontaremos como as experiências deslocamento e diáspora foram fatores preponderantes para a (re) constituição dos sujeitos na contemporaneidade, tecendo uma discussão entre a experiência vivida pelos sujeitos à sombra de tais acontecimentos em relação à tradução. Tradução aqui, como tem sido extensamente discutida, é entendida como

¹⁶ The act of translation always involves much more than language. Translations are always embedded in cultural and political systems, and in history. [...] Yet the strategies employed by translators reflect the context in which texts are produced. (TRIVEDI; BASSNETT, 2002, p.06)

¹⁷ [...] translation does not happen in a vacuum, but in a continuum; it is not an isolated act, it is part of an ongoing process of intercultural transfer [...] transfer across linguistic and cultural boundaries (BASSNETT; TRIVEDI, 2002, p. 02).

meio que desestabiliza as bases políticas, ideológicas, identitárias. Isto porque a tradução, de certo modo, ao (re) criar outro texto à sombra do texto “original”, tem na experiência de deslocamento e diáspora seu processo estruturante.

As questões que recaem sobre os sujeitos na contemporaneidade têm sido alvo de diversos teóricos, críticos e estudiosos, particularmente no que tange às categorias identidade e cultura. A compreensão da diáspora como experiência estruturante da contemporaneidade e não apenas como fato histórico – a diáspora negra – põe em evidência o impacto do deslocamento sobre o sujeito contemporâneo e sua identidade cultural. O que temos tentado mostrar ao longo dessa discussão é que a tradução, por si, mesmo na acepção estritamente linguística, é um deslocamento, pois implica a passagem, o trânsito, de uma língua a outra, resposta que não mais satisfaz, pois a questão cultural e identitária emergem na língua. Deste modo, se a diáspora e a experiência do deslocamento estruturam a experiência do sujeito contemporâneo e impactam em sua identidade, compreendemos que a tradução é um meio pelo qual podemos compreender esse movimento, essa experiência do entre-lugar, essa experiência de não pertencimento, isto é, de exílio e perda.

A tradução é um exílio, pois expulsa, por assim dizer, a obra original de seu *locus*, ou melhor, dizendo, expulsa a língua e o sujeito para esse entre-lugar – nem aqui, nem lá, visto que a tradução (re) cria outra obra à sombra do original, obra esta, que dispõe de suas próprias potencialidades e características. Berman (2000) aponta que a “tradução é um julgamento de estrangeiro, uma vez que o texto estrangeiro é desenraizado de sua própria língua materna. (De modo que), este julgamento, frequentemente um exílio, pode também exibir o poder mais singular do ato de tradução” (tradução nossa¹⁸). Em outras palavras, a tradução assim como os sujeitos da diáspora, é arrancada de sua cultura/comunidade por meio de uma ação de violência e brutalidade e forçados a viver fora do seu local de pertencimento. Dito de outro modo, a tradução, mais que uma operação linguística e literária, é um ofício de desenraizamento, retirando do texto seus aspectos constituintes num ato agressivo, arrancando-o pela raiz, em uma ação de violência. Ao desenraizar, estamos desintegrando a raiz do seu contato com o solo, isto é, a língua materna de seu terreno orgânico. Essa violência do ato tradutório reverbera no tradutor e sua angústia pelo deslocamento que provoca no texto, na língua e em si. Contudo, o re-enraizamento em outra língua, pode trazer

¹⁸ “Translation is a trial for the Foreign as well, since the foreign work is uprooted from its own language-ground (sol-de-langue). And this trial, often an exile, can also exhibit the most singular power of the translating act” (BERMAN, 2000, p. 284).

à superfície traços ou potencialidades que estavam à margem naquela língua, cultura, identidade original.

Nesse ponto, correlacionaremos as questões de origem: a intenção é traçar um paralelo entre o sujeito da diáspora e da tradução, pois ambos sofrem da experiência do deslocamento. Ambos trazem consigo suas pertencas, contudo “[a]s culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais fácil dizer de onde eles se originam” (HALL, 2003, p.36). A tradução também tem seus locais, arguimos: o texto, a língua, o autor – suas origens, mas diferente da utilização do termo origem empregado pelas culturas. Na tradução o grande dilema é uma encenação de paternidade.

O binarismo original/cópia tem sido posto em xeque justamente pelo questionamento ao primeiro termo, original. A verdade é que todos os textos sofrem influência de outros textos, e “quanto maior o número de elementos aproveitados da obra de um autor por outro, tanto mais ele vai-se aproximando da imitação, da paráfrase, até chegar à tradução, quando todos os elementos são considerados” (NITRINI, 2010, p. 130). Isso ocorre porque o autor não está imune às influências daquele que o procedeu, todavia, e diante do tal fenômeno, não se pode afirmar que a obra sucessora/derivada não seja considerada original, afinal, o que determina essa originalidade? Nitrini (2010), baseando-se nos pressupostos de Odette de Mourgues e de Anna Balakian, nos apresenta dois projetos sobre o conceito de originalidade, e aponta que o estudo sobre a originalidade proposto pela primeira, interessa para o campo da literatura comparada, sobretudo por sua perspectiva histórica, já a segunda, por sua perspectiva teórica e sua tentativa de classificação da palavra “original” (p.139).

Após relatar rapidamente a perspectiva histórica pela qual o conceito de originalidade foi sendo consolidado, “Odette de Mourgues elege a concepção do século XVI de originalidade como a mais adequada”. A partir de suas considerações sobre o termo (original) Mourgues, aponta que, a originalidade que notamos numa obra literária, isto é, sua marca própria, é uma maneira criadora que levou o escritor a escolher um determinado assunto, modificar uma técnica a fim de dar um sentido diferenciado à obra, mesmo diante de relações complicadas e variáveis com a tradição, com as influências externas que agiram/operaram sobre ele e com o gosto de sua época. Devendo-se considerar com cuidado as relações entre dois elementos da originalidade relativa: o esforço criador e o condicionamento da época (NITRINI, 2010).

Já Anna Balakian parte da “duplicidade terminológica da língua francesa, inexistente na portuguesa, que lhe permite fazer a distinção entre original, relativo à origem (*originel*) e original, remetendo à novidade (*original*)” (NITRINI, 2010, p. 141). O original (novidade)

dotado de espírito crítico, sabe decifrar e aperfeiçoar o que os outros descobriram. A palavra “perfeição”, que se encontra no cume dos valores críticos, contém, de um lado, a ideia de transcendência do já conhecido, de outro, resvala a noção de monotonia e esterilidade. Um significado ou outro vai depender do lado que se sobe a montanha. A originalidade existe ou não, de acordo com o lado escolhido, (NITRINI, 2010, p. 141).

Já “o original (ligado à origem) é um ser iluminado que abre caminho, é um peregrino destinado a ganhar na história literária o lugar de precursor. De modo que, lança problemas sem dar respostas, (NITRINI, 2010, p. 141-142). Sendo assim, diante da duplicidade terminológica apresentada por Anna Balakian, a originalidade, a partir das considerações feitas por Nitrini (2010) deixa de ser um raio ou uma iluminação, transformando-se numa metamorfose ou alquimia. O original (novidade) consegue romper com as convenções, inspirando-se no original (origem). Anna Balakian propõe quatro meios pela qual acontece essa ruptura, são: o desvio ou a deformação da convenção, a reversibilidade, a sátira da convenção e o aperfeiçoamento de uma técnica que situa uma ideia já concebida num clima linguístico propício (p. 142).

Esta desestabilização do conceito de originalidade como origem vai ao encontro, com o que esclarece Nitrini (2010), de uma reformulação no campo da literatura comparada, que começa a pensar a relação entre culturas, textos, línguas e autores não mais a partir da categoria de influência, mas a partir da intertextualidade. Inevitavelmente, a partir desta perspectiva, um texto, e logo uma cultura, é sempre a reescrita de outros textos e culturas, visto que, como salienta a autora a partir do que foi iluminado por Anna Balakian, até mesmo, “as maiores obras-primas da literatura europeia não são originais, tendo-se inspirando em fontes que outras, antes delas, já tinham encontrado (NITRINI, 2010, p. 142). Esta mudança de perspectiva também opera sobre o conceito de originalidade: os verdadeiros exemplos de originalidade, então, passam a ser aqueles textos que transformam desvios de leitura e interpretação em outros textos criativos (como a tradução), originalidade esta muitas das vezes não percebida por seus leitores.

Arrojo (2007), baseada em Genette, também aponta para a redefinição da categoria texto original ao comparar o texto a um “palimpsesto” (“raspado novamente”): nesta perspectiva, o texto que é apagado permanece, contudo, como traço no outro texto inscrito. A ação de raspar não deixa de ser uma experiência de deslocamento, visto que o texto, na interpretação figurada do palimpsesto feita por Genette, é inscrito não no mesmo suporte, mas

em outra comunidade cultural que não a sua, chocando-se com a (re) construção da identidade cultural dos sujeitos.

Zilá Bernd (2013) ao tratar sobre o literário ressalta que é preferível pensá-lo não em termos de pertença identitária, seja ela familiar ou nacional, étnica ou linguística, cultural ou religiosa,

“mas em termos de partilha de vestígios memoriais, de imaginários e de sensibilidades que não pertencem a uma comunidade em particular, mas que foram sendo adotados e/ou apropriados por artistas e escritores ao redor do mundo, constituindo um formidável palimpsesto” (cf. BERND, 2013, p. 215-216).

Em outras palavras, o texto literário tem por impossibilidade a sua originalidade, considerando que o literário traz os resquícios das recordações contidas no imaginário do autor/escritor, resquícios esses que não são e não pertencem a um local em particular, mas é fruto de adoção e apropriação do escritor na medida em que ele foi sendo exposto ao mundo. Vemos-nos diante do questionamento da impossibilidade, porque em um mundo globalizado onde as mobilidades, os trânsitos, os fluxos migratórios e culturais são constantes, não devemos pensar as literaturas de forma estanque, como fazíamos até bem recentemente, tendo em vista a velocidade com a qual as transferências culturais são estabelecidas, sobretudo com o advento da internet. Precisamos enfrentar as questões ligadas ao alargamento das fronteiras, pois essas acabam colocando em xeque o conceito de identidade nacional, fazendo-nos repensar também sobre os conceitos e práticas da Literatura Comparada (cf. BERND, 2013). A Literatura Comparada, de hoje, acrescenta Bernd (2013), deve levar em conta a extraordinária movência/instabilidade da contemporaneidade, seus *entre-lugares*, nem aqui, nem lá, pronto para transitar em moldes inter e transculturais, em escalas planetárias, sobretudo, as literaturas das Américas, cujo passado colonial e escravocrata foi marcado por intensas transferências multi, inter e transculturais, de onde extraíram características de heterogeneidade e inovação por conta, principalmente dessa movência.

2.4 Tradução: A ponte necessária

Nesta seção suscitaremos uma breve retomada dos conceitos discutidos nas seções, a saber; 2.1 – Identidades culturais, 2.2 – A formação de identidades culturais a partir da tradução, 2.3 – Do deslocamento e da diáspora: os sujeitos *versus* a tradução, mas primeiramente justificaremos o que motivou a escolha do subtítulo da presente seção, em

seguida faremos uma breve revisão de alguns dos aspectos relevantes da obra *A map to the Door of No Return* posta para tradução.

O que motivou a escolha do subtítulo da presente seção deu-se em virtude da obra do escritor José Paulo Paes (1990), que ao publicar uma coletânea de ensaios, reflete sobre a importância cultural da tradução, segundo ele, a tradução, “uma atividade tão menosprezada quanto útil”, é a “ponte necessária” entre os textos e os povos: a tradução tem como uma das funções mediar os diálogos entre culturas – mundos históricos e culturais divergentes da que a língua materna oferece. A possibilidade de traduzir uma obra como *A map to the Door of No Return* da escritora canadense Dionne Brand (2001) nos abre para vertente do diálogo intercultural que impacta, sobretudo na cultura e identidade dos tradutores não profissionais, participantes da presente pesquisa. Não foram constatadas traduções anteriores de excertos da obra em língua portuguesa, o que aumentou mais ainda o desafio de sua tradução, devido à falta de tradução em que os tradutores não profissionais pudessem encontrar suporte/refúgio, conseqüentemente, essa falta fez com que os tradutores repensassem seu papel enquanto mediador entre mundos e línguas divergentes.

A tradução como vem sendo enfaticamente discutida ao longo dessa pesquisa é diáspórica e tem a experiência do deslocamento como fator estruturante, em que se experimenta o sentimento de exílio e perda. O texto da Brand (2001) é um registro da instabilidade dessas experiências e traz em seu cerne encontros poéticos de imaginários, resultante em um processo de mestiçagem de formas e de gêneros (BARND, 2013), é poesia? É prosa? É ficção? É narrativa? O que o caracteriza e o difere dos demais textos literários contemporâneos é exatamente sua forma, logo na capa da obra, a autora adverte “abra-o em qualquer lugar e comece a ler, esse fará sentido¹⁹... (BRAND, 2001), isto é, não é um texto em que os elementos de ficção vêm de forma coordenada e ordenada, é um texto que provoca e incomoda o leitor, em que denuncia através de sua forma as experiências de exílio ocasionado pelas experiências do deslocamento e da diáspora. De modo que, em seu cerne podemos encontrar marcas/trechos ficcionais, poéticos e outras várias mesclas possíveis, essa característica reverbera sobre o tradutor, sua identidade cultural vai se deslocando entre a experiência reportada no texto e suas próprias experiências e ideologias.

Passamos agora a ilustrar alguns aspectos cruciais do texto de Brand (2001), sobre o efeito da experiência da diáspora em que se experimenta o sentimento de exílio. Assim, as lembranças dos antepassados, da língua materna, da cultura em si, trazem sentimentos

¹⁹ Open it anywhere and start reading and it makes sense... (BRAND, 2001)

dolorosos, uma vez que a história fora interrompida, Brand (2001), sinaliza que “The Door”²⁰ é realmente uma porta dos sonhos, de que a existência oriunda, a partir da diáspora é como os sonhos os quais nunca acordamos. Na diáspora como nos sonhos ruins somos constantemente esmagados pela presença do fantasma - o pesadelo. O sonho captura-nos, não detemos o controle sobre eles, aprisiona o nosso cognitivo, nos tornamos reféns de nós mesmos. Brand acrescenta que “a porta não está no continente, mas na mente; não é um local físico – embora seja – mas sim, um espaço na imaginação”²¹ (Brand 2001, p. 96-97) daquelas que tiveram sua história decepada/decapitada.

Por outro lado, a tradução, também se configura como uma porta do não retorno, uma vez que ao traduzir o texto está sendo (re) significado em outra cultura, em outro contexto sociocultural, em outra época, com outras expectativas. Cada tradução da mesma obra impossibilita saber qual o interposto na obra original e quais formam as “intenções do autor fonte” ao escrever a obra. Ao traduzir estamos desenraizando em uma ação de violência, procurando buscar na raiz do texto sua cultura pertencente, re-enraizando-o em outro contexto, em outra história e em outra cultura.

Findada a revisão da obra posta para tradução, passamos a suscitar uma breve retomada sobre o que foi discutido nas seções que antecedem a presente. Na seção 2.1, discutimos sobre as identidades culturais, foi exposto que estas identidades são formadas e transformadas no interior da representação, ou seja, nós não nascemos com essa identidade formada, ela é transformada no nosso contato externo, na contemporaneidade estas identidades estão sendo deslocadas, desalojadas de tempo e espaço, isto é elas são atemporais. Ao tratar sobre a formação de identidades culturais a partir da tradução, através de várias evidências apontamos que a tradução é a principal matriz reprodutora de discursos sobre o estrangeiro – o Outro, podendo este tanto subverter quanto exaltar a cultura e o discurso do Outro. Por fim na seção 2.3, apontamos como as experiências, deslocamento e diáspora foram fatores preponderantes para a (re) constituição dos sujeitos na contemporaneidade, ao tecer uma discussão entre a experiência vivida pelos sujeitos à sombra de tais acontecimentos em relação à tradução. Tradução, entendida como meio que desestabiliza as bases políticas, ideológicas, identitárias. A tradução, de certo modo, ao (re) criar outro texto à sombra do texto “original”, tem na experiência de deslocamento e diáspora seu processo estruturante.

²⁰ “A porta”

²¹ The door, of course, is not on the continent but in the mind, not a physical place – though it is – but a space in the imagination (Brand 2001, p. 96-97).

Feito esse itinerário das seções anteriores, passamos agora para o capítulo de número dois, em que apresentaremos a metodologia da pesquisa, a análise e interpretação dos dados coletados.

3. METODOLOGIA

[...] A verdadeira tradução é transparente. Ela não oculta o original, nem lhe rouba luz. Pelo contrário ela faz com que a língua pura como que reforçada pelo seu próprio médium, incida com ainda maior plenitude sobre o original. (BENJAMIN, 2008).

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados para que pudéssemos atingir os objetivos propostos por esta pesquisa: a) compreender como a prática tradutória demandada pelos tradutores não profissionais põe em evidência o deslocamento de suas identidades culturais ao tempo em que media diálogos entre culturas, b) investigar se há ou não a preocupação/ o cuidado do tradutor em buscar informações contextuais, extratextuais e paratextuais para contextualizar a proposta literária da obra traduzida, c) averiguar como as competências demandadas para a tradução (construídas ao longo do curso na intercessão de vários eixos – cultural, linguístico, literário, entre outros), contribuem para a construção de uma prática tradutória crítica e reflexiva, teoricamente embasada, emergente nos protocolos e notas de tradução. Além dos objetivos propostos, algumas questões norteadoras à pesquisa foram levantadas, a saber; Questão 1 - Os marcos teóricos e discussões desenvolvidos nas aulas sobre tradução (componentes Tópicos de Tradução, cursados no quarto semestre, e Prática de Tradução, cursada no sétimo semestre), bem como a prática tradutória demandada pelos componentes, contribuíram para a elaboração de protocolos e notas da tradução, referentes a obra *A Map to the Door of No Return*, críticos e reflexivos? Questão 2 - De que maneira estes documentos elaborados pelos tradutores não profissionais refletiram a experiência do deslocamento de suas identidades culturais, uma vez que, a) ao traduzirmos estamos pondo em questão tanto a nossa identidade quanto a do – Outro – autor, texto; b) a própria obra escolhida tem a experiência do deslocamento (forma e conteúdo, diáspora e gêneros literários) como seu cerne? Questão 3 – Qual o papel adotado pelos tradutores quanto ao diálogo, entre obra e tradução e quais meios contextuais, extratextuais e imagéticos utilizaram para tornar a obra mais ou menos legível em língua portuguesa? As respectivas questões norteadoras serão melhores contextualizadas na seção 3.1.

Quanto à sua natureza, trata-se um estudo de caso, visto que

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de

compreendê-los em seus próprios termos²². O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística (GOLDENBERG, 2000, p. 33 a 34.)

Assim, ao optar por este desenho de pesquisa, estudo de caso, buscou-se considerar e acompanhar a unidade social (os participantes matriculados no componente Prática de tradução) estudada em sua totalidade, com o objetivo de compreender o percurso pelo qual os participantes construíam os subsídios necessários à concretude de suas traduções e a implicação desse processo em sua identidade e cultura. A partir de uma observação intensa, profunda e exaustiva, durante um semestre letivo interrompido por greve de três meses, deflagrada no dia 13 de maio de 2015 e findada no dia 06 de agosto de 2015²³. Continuamente os participantes foram sendo acompanhados e orientados, ao tempo em que diferentes técnicas de pesquisa foram sendo aplicadas (a serem melhor detalhadas nas seções que se seguem), a fim de alcançar os objetivos pretendidos na presente pesquisa, já citados anteriormente.

Segundo Goldenberg (2000), no estudo de caso as diferenças internas e comportamentos procuram ser revelados durante o desenvolvimento da pesquisa, ao passo em que a suposta homogeneidade que muitas das vezes são sentidas em pesquisa de determinada natureza não são escondidas, isto é, o contexto social no estudo de caso é revelado. Todavia, “[...] O pesquisador deve estar preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e com descobertas inesperadas e, também, para reorientar seu estudo. É muito frequente que surjam novos problemas e que se tornem mais relevantes do que as questões iniciais” (GOLDENBERG, 2000, p. 35). No que diz respeito a presente pesquisa, inicialmente foi pensada a realização de um minicurso em que os participantes desenvolveriam semanalmente discussão teórica e a prática tradutória de diferentes obras, a fim de comparar os recursos e percursos utilizados na realização da tradução, contudo, antes mesmo de ter

²² Uma das dificuldades do estudo de caso decorre do fato de a totalidade pesquisada ser uma abstração científica construída em função de um problema a ser investigado. Torna-se difícil traçar os limites do que deve ou não ser pesquisado já que não existe limite inerente ou intrínseco ao objeto (GOLDENBERG, 2000, p. 33, *nota de rodapé n.º.06.*)

²³ **Pontos de pauta da reivindicação demandados pelo comando de greve (negociação inicial):** 1) melhorias na infraestrutura dos cursos, 2) defesa de direitos trabalhistas, o MD reivindicou 15,5% de aumento salarial, 3) exigir do governo o pagamento pontual do reajuste linear dos servidores públicos (é um direito da categoria, necessário para recompor as perdas inflacionárias de 2015, garantido no Estatuto do Servidor Público.) Além de ter reivindicado por: 1) respeito aos direitos trabalhistas, 2) condições de trabalho e estudo adequadas, 3) melhorias na política de permanência estudantil. (Disponível em: <http://www.aduneb.com.br/email_visualizacao.php?nws_l_env_pk=483> acesso em: 10 de abr. 2016).

dado início, foi avaliada a ineficiência do minicurso, uma vez que para o componente “Prática de tradução” estava prevista esta configuração de aulas, foi então, que em diálogo com a professora do componente Juliana Cristina Salvadori, a mesma propôs à pesquisadora o acompanhamento das aulas no referido componente para a construção dos dados, porém fechando-se apenas na análise da prática tradutória da obra *A map to the Door of No Return*, a qual, após leitura e interpretação da pesquisadora foi recebida por atender aos seus interesses pessoais no estudo da diáspora, identidade cultural, etc. Quanto aos marcos teóricos, estes naturalmente foram sendo reconfigurados em consonância com os pontos observados em sala de aula e com os objetivos da análise posteriormente.

Quanto aos critérios de estruturação da observação, optou-se pela “observação assimétrica”, que segundo Barros e Lehfeld (2000), “é denominada de observação não-estruturada, sem controle anteriormente elaborado e sem instrumental apropriado” (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 61). Assim, a pesquisadora optou por não definir os propósitos e objetivos prévios a observação, julgando não ser necessário para que não limitasse o horizonte de suas observações, em vista da necessidade de observar o desempenho intelectual e prático num processo gradual e em tempo real dos participantes envolvidos, utilizando para isso, um diário de campo, no qual registrava / descrevia fatos considerados relevantes à pesquisa.

No concernente ao grau de envolvimento da pesquisadora na situação estudada, optou-se pela observação participante (procedimento de pesquisa, que segundo Goldenberg (2000) normalmente se relaciona com o método de estudo de caso) que passou da fase exploratória do campo, no caso, à sala de aula do grupo em estudo, até que o pesquisador gradualmente foi se tornando participante, assumindo a posição de “participante como observador”: “o pesquisador participa na situação estudada, sem que os demais elementos envolvidos percebam a posição do observador participante. O observador se incorpora natural ou artificialmente ao grupo ou comunidade pesquisados” (BARROS; LEHFELD, 2000, p.62).

A aplicação da observação participante foi possível graças à posição da pesquisadora enquanto aluna do curso, e por a mesma ter cursado juntamente com os sujeitos da presente pesquisa, os componentes *Estudos Contemporâneos da Literatura em Língua Inglesa I e II*, ministrados pelo professor Doutor José Carlos Félix, nos semestres 2013.2 e 2014.1, também por ter participando com alguns dos discentes do grupo de pesquisa *Desleitura em série: da tradução como transcrição, adaptação, refração, diáspora*, sob a coordenação de professores como, Juliana Cristina Salvadori, José Carlos Félix, Roberto Bueno, entre outros. Pode-se dizer que poder ter tido continuamente contato com os discentes (participantes na presente pesquisa) construiu possibilidades de acesso. No entanto, frente à pesquisa foi difícil

se tornar observador participante, pois a pesquisadora já detinha experiências prévias no campo, conhecia de certa forma as limitações, instabilidades, avanços do grupo, desse modo, pode ocorrer certas miopias, isto é, a pesquisadora pode ter se omitido inconscientemente a algumas questões, principalmente nas observações em sala de aula.

A seguir, apresentaremos os procedimentos estabelecidos nesta pesquisa, os quais estão organizados da seguinte maneira: a seção 3.1 retoma as questões norteadoras que guiaram este trabalho; a seção 3.2 expõe informações sobre as características do grupo pesquisado; A seção 3.3 apresenta os instrumentos utilizados na coleta de dados; a seção 3.4 explica os procedimentos da coleta de dados; o capítulo 4 apresenta a análise e interpretação dos dados coletados, a saber: das observações em sala de aula, questionários e protocolos/ notas/ tradução comentada.

3.1 Questões norteadoras da pesquisa

Objetivando analisar o percurso tradutório, as reflexões, escolhas traçadas pelos tradutores não profissionais ao traduzir a obra *A Map to the Door of No Return* da escritora caribenha-canadense Dionne Brand, as seguintes questões norteadoras foram levantadas:

Questão 1 - Os marcos teóricos e discussões desenvolvidos nas aulas sobre tradução (componentes Tópicos de Tradução, cursados no quarto semestre, e Prática de Tradução, cursada no sétimo semestre), bem como a prática tradutória demandada pelos componentes, contribuíram para a elaboração de protocolos e notas da tradução, referente a obra *A Map to the Door of No Return*, críticos e reflexivos?

Após observação prévia dos protocolos elaborados pelos participantes, pode-se apontar que apenas o participante T8 fez uso de autores, a exemplo como Meschonnic (2009) e de Bassnett (2002), e o próprio texto da Brand (2001), a fim de embasar suas traduções e respectivos protocolos. Ao traduzir o fragmento do título “*Door of no return*” como “*Portal do Nunca Mais*”, ressalta que o que motivou essa escolha foram sua leitura interpretativa e sua percepção do sentimento da diáspora no decorrer da narrativa da autora pós-colonial, Dionne Brand (2001), a qual tinha em seu cerne, esse “algo/lugar/sentimento, no qual o narrador não pode mais voltar “*no return*” – enfatizado pelo *nunca mais*” (TRADUTOR, T8). T8 completa sua proposição ao apontar que “em primeira instância, o *door of no return* remete à porta física/concreta cartografada nos mapas e projetada por meio de satélites” (TRADUTOR, T8): mas também é uma representação do sentimento de exílio dos sujeitos e da própria autora que sofreram com essas experiências.

Questão 2 - De que maneira estes documentos elaborados pelos tradutores não profissionais refletiram a experiência do deslocamento de suas identidades culturais, uma vez que, a) ao traduzirmos estamos pondo em questão tanto a nossa identidade quanto a do – Outro – autor, texto; b) a própria obra escolhida tem a experiência do deslocamento (forma e conteúdo, diáspora e gêneros literários) como seu cerne?

Novamente, o participante T8, ao traduzir excertos do texto da Brand põe, a partir de seu itinerário reflexivo, em evidência o impacto do deslocamento sobre a sua identidade cultural, ao procurar sedimentar sua tradução fazendo uma referência fincada na experiência da diáspora, além de ter a preocupação de reportar esses sentimentos ao leitor de literatura contemporânea. De modo geral, pode-se concluir, pelo exposto no protocolo, que o

participante T8 procurou não somente traduzir o texto, mais tornar legível e inteligível a partir das experiências análogas, diáspora e deslocamento, deixando evidentes suas inquietações acerca do papel da obra em reportar as angústias/inquietações dos sujeitos da diáspora, da própria autora, as suas próprias experiências.

Questão 3 – Qual o papel adotado pelos tradutores quanto ao diálogo, entre obra e tradução e quais meios contextuais, extratextuais e imagéticos utilizaram para tornar a obra mais ou menos legível em língua portuguesa?

Diante das traduções e respectivos protocolos, seis dos oito participantes, utilizaram alguns dos meios sugeridos na pergunta no decorrer da tradução, o principal meio utilizado, além de dicionários *online* foi o *Google imagens*, já os tradutores mais conscientes foram em busca de outros textos, artigos científicos, resumos, etc., que melhor embasassem suas traduções, como foi o caso o tradutor T8, que ao traduzir e elaborar seus protocolos utilizou a própria obra da Brand (2001) para justificar as suas escolhas.

3.2 Participantes

O grupo de participantes desta investigação foi composto por 11 alunos, regularmente matriculados no componente curricular Prática de Tradução do semestre 2015.1, do curso Letras Língua Inglesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV da Universidade do Estado da Bahia, na cidade de Jacobina. As informações abaixo descrevem as características gerais do grupo, a partir das informações obtidas por meio do questionário aplicado (APÊNDICE B) em 16 de novembro de 2015. Ressaltamos que todos os alunos da referida turma aceitaram participar voluntariamente da pesquisa (por adesão), concordando com a utilização dos dados coletados, conforme termo de autorização de livre esclarecimento (APÊNDICE E). Deste grupo composto por 11 alunos, levamos em consideração apenas os 8 participantes que efetivamente participaram de todas as etapas da coleta de dados, foram excluídos 3 participantes: o participante T9 por não ter entregue o protocolo da tradução, o participante T10 por não comparecer no dia 16 de novembro de 2015 à aula para a resolução do questionário e por não ter assinado o termo de livre esclarecimento à pesquisa e finalmente, o participante T11, por não apresentar o protocolo da tradução, por não comparecer dia 16 de novembro à aula para a resolução do questionário e por não assinar o termo de livre esclarecimento à pesquisa. Deste grupo de 8 alunos, 6 eram do sexo feminino e 2 do sexo masculino, com faixa etária entre 19 a 26 anos de idade. No termo apresentado, garantiu-se a preservação das identidades dos participantes dando-lhes código de

identificação. Deste modo, os alunos participantes quites com o que foi demandado, aqui serão nomeados e apresentados como: T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7, T8.

No questionário, além de perguntas objetivas e gerais, foram levantadas questões sobre a experiência dos estudantes na área da tradução, visto que um dos objetivos dessa pesquisa é investigar as práticas tradutórias de tradutores não profissionais, as quais serão analisadas no próximo capítulo. Todos os alunos disseram já ter cursado o primeiro componente ofertado pelo curso relacionado à tradução, “Tópicos de Tradução”. Os participantes T1, T2, T4, T5, T6, T7, T8 cursaram-no no ano de 2013 e o participante T3 no ano de 2014. Quando questionados a respeito da experiência e atuação na área de tradução, apenas o participante T8 disse ter experiência através do “*No demand media Studios*”, trata-se de uma corporação internacional que oferta trabalhos *online* para serem traduzidos em troca de gratificação financeira.

3.3 Instrumentos de construção de dados.

Para a construção dos dados foram aplicados e tomados os seguintes instrumentos: a) diário de campo, tomando notas das observações de algumas aulas do referido componente (APÊNDICE A): b) questionário semiestruturado para os alunos do componente curricular Prática de Tradução do semestre 2015.1 (APÊNDICE B): c) Protocolos e notas elaboradas pelos participantes ao traduzir excertos da obra *A Map to the Door of No Return* descrevendo o processo de tradução da referida obra (ANEXO C).

As observações em campo foram efetuadas assim que a proposta de pesquisa foi lançada e aceita pela turma. A tomada de notas iniciou-se efetivamente três semanas após o início das aulas, no dia 03 de abril de 2015. No entanto, não foi possível obtermos uma sequência linear nas observações e notas devido à greve dos servidores das universidades públicas estaduais que foi deflagrada no dia 13 de maio de 2015 e findada no dia 06 de agosto de 2015. Frente ao acontecimento da greve, ficamos temporariamente impossibilitados de continuar com as observações em campo, as aulas anteriores a greve vinha acontecendo uma vez por semana, especificamente dias de sexta-feira, posteriormente passaram a ocorrer a cada quinze dias, também nas sextas-feiras, fazendo um rodízio entre a disciplina de Prática de Tradução e outra cursada pelos participantes, ambas com a carga horária em atraso.

Ao retornar da greve, a docente responsável pelo componente curricular Prática de Tradução fez uma reformulação no plano de curso do referido componente, reduzindo a carga

de textos teóricos, dando uma maior ênfase na obra a ser traduzida²⁴. Com isso, a pesquisadora optou por considerar apenas as notas tomadas nos meses de agosto, setembro outubro e novembro, nas sextas-feiras, alternadas, das 19 horas as 22 horas, visto que, as notas anteriores à greve somente serviram para mapear o perfil dos participantes e não visaram propriamente às discussões e atividades realizadas em sala.

Como se tratava de uma disciplina cujo objetivo era oferecer aos alunos subsídios teóricos e, principalmente, experiência prática no campo da tradução, para o melhor encaminhamento da tradução da obra *A Map to the Door of No Return* nas observações foram tomadas as notas de como as aulas eram desenvolvidas, quais textos eram analisados (discutidos), bem como a forma que o texto teórico era utilizado - como mecanismo para compreender o processo reflexivo do traduzir e análise das traduções e apresentação protocolos/notas da obra, *A Map to the Door of No Return*.

Em geral, tratava-se de uma turma ativa e mobilizada, algumas sessões das aulas, no entanto foram mais produtivas, a exemplo da aula do dia 06 de novembro em que apresentou-se a prática de tradução da obra *A map to the Door of No Return* feito pelo participante T8 e a aula do dia 17 de novembro na qual discutiu-se o texto teórico “*The politics of translation*” da autoria de Spivak (2004), direcionada pelos participantes T6 E T7, as quais serão analisadas no capítulo 4, seção 4.1. Apesar de uma grande parcela da turma ter motivação, pude observar que alguns alunos, principalmente os excluídos da presente pesquisa (os alunos que não estavam presentes no dia da aplicação do questionário, e/ou, não apresentaram os protocolos/notas de tradução e/ou não assinaram o termo de autorização de livre esclarecimento, T9, T10, T11) ficavam calados e não participavam tanto quanto o esperado nas discussões.

Os protocolos das traduções foi outro instrumento utilizado - previsto no plano de curso do componente, foram elaborados pelos participantes da pesquisa, traduzindo excertos da obra *A Map to the Door of No Return – Notes to Belonging* da escritora Dionne Brand (2001), poeta, romancista, ensaísta e documentarista caribenho-canadense. O objetivo era de que os participantes anotassem os passos dados no processo de tradução, apontando suas escolhas (metodologia, instrumentos etc.), visto que para a pesquisa o percurso feito pelo tradutor não profissional era o que interessava – as escolhas, as inquietações, as frustrações, os questionamentos etc., e não necessariamente a perfeição da tradução e a completude do texto.

²⁴ A qual, por sua vez, seria fundamental para esta pesquisa.

Outro instrumento adotado pela pesquisadora para a construção de dados foi o questionário, aplicado ao final das observações, no dia 16 de novembro de 2015. A intenção de aplicar um questionário foi o de conhecer o perfil e as experiências de cada participante na formação e compreensão do fenômeno da tradução. Para isso, foram elaboradas oito perguntas, a saber, perguntas objetivas e perguntas gerais. A primeira modalidade, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), “diz respeito às questões concretas, tangíveis: idade, sexo, profissão, etc.” (p. 208). A segunda modalidade, por sua vez, “são aquelas (questões) que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.204). Algumas das perguntas objetivas contidas no questionário foram: 1) Identificação Pessoal: Sexo: [] Feminino - [] Masculino - Idade: _____. 3) Experiência/Prática Profissional: Possui experiência/atuação na área de tradução? _____. Se sim, especifique _____. Algumas das Perguntas gerais foram: 1) Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados (Tópicos e Prática de tradução), como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução? 3) Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução? 4) Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra *A Map to the Door of No Return* da escritora Dionne Brand? (As numerações apresentadas aqui constam no questionário).

Objetivou-se com as questões e os demais dados a análise sequente e mais detalhada, com o intuito de perceber certas subjetividades e concepções particulares que não são possíveis visualizar em tempo real na sala de aula.

3.4 Procedimento da construção de dados

A primeira aula da disciplina Prática de Tradução ofertada para o sétimo semestre, na qual estive presente como ouvinte, foi ministrada pela professora Juliana Cristina Salvadori no dia 15 de maio de 2015. Neste dia, além do plano de curso, apresentamos, eu e a professora, a proposta de pesquisa. Ficou acordado que durante a semana seguinte (de 18 a 22 de maio de 2015), os discentes fariam ao menos uma hora diária de tradução, escolhendo obrigatoriamente trechos das páginas 119 a 134 da obra em questão. Propusemos aos tradutores que, a medida que fossem finalizados os trechos da obra, a tradução deveria ser encaminhada para o e-mail pessoal da pesquisadora, uma vez que o campus nas semanas seguintes estaria em greve.

Foi dado aos tradutores 8 (oito) dias para executar o que havia sido demandado. Solicitamos, via e-mail que o exercício diário de tradução fosse acompanhado de um diário de bordo / protocolo de tradução – cabendo ao tradutor, marcar o horário de início, pausas, finalização, ferramentas de tradução usadas, questões problemáticas levantadas durante o processo de tradução, soluções possíveis, solução escolhida e por que, assim como os procedimentos de tradução: ex. traduziu de uma só vez deixando termos para serem revistos/verificados depois da tradução integral? Preferiram uma abordagem mais lenta e limpa, verificando cada termo passo a passo, parando para consultar dicionário, cotejando as possibilidades de uso de termos e expressões características presentes no texto? Como justificou cada escolha? Eles deveriam entregar esses protocolos juntamente com a tradução solicitada, na data acordada, o que não ocorreu, devido ao período de greve, dificultando a comunicação com os participantes e na impossibilidade de cumprimento do prazo.

Com o regresso do semestre em 06 de agosto de 2015, uma nova proposta de plano de curso foi lançada aos participantes/tradutores: dessa vez os participantes foram remanejados em dupla para apresentar a análise de excertos da obra para toda a classe, cotejando o texto original com a tradução feita, um cronograma foi estabelecido pela professora da disciplina Juliana Cristina Salvadori, e os encontros que antes da greve aconteciam semanalmente passaram a ser quinzenalmente. As aulas se concentrariam em 5 horários, não mais 3, e se dividiriam em duas sessões: a teórica e a prática. Nas semanas seguintes (pós greve), compreendendo dias e meses: 21 de agosto de 2015; no dia 09 de setembro; 16, 29 e 30 de outubro; 06, 16 de novembro (aulas em que estive presente) pude observar e acompanhar as discussões teóricas e as análises das traduções de perto. Estipulamos, eu e a professora (orientadora), um prazo de até o final do semestre letivo para a entrega das traduções, notas e protocolos completos, o que foi cumprido com êxito por 8 dos participantes – 3, portanto, foram excluídos considerando que o participante T9 não entregou o protocolo da tradução, o participante T10 não compareceu no dia 16 de novembro de 2015 à aula para a resolução do questionário e não assinou o termo de livre esclarecimento à pesquisa e o participante T11, não apresentou o protocolo da tradução, não compareceu dia 16 de novembro à aula para a resolução do questionário e não assinou o termo de livre esclarecimento à pesquisa.

Sugerimos aos tradutores que recorressem ao conhecimento prévio, adquirido das disciplinas anteriores, atentando-se para a época histórica, contexto social e cultural em que a obra estava inserida, explorando cada termo não apenas a partir do ponto de vista sintático e lexical, mas cultural, mantendo os aspectos cruciais da língua estrangeira, conceitos-chaves, sua característica como texto “estrangeiro” e não “domesticado”, importando para uma

reflexão acerca da cultura traduzida e não simplesmente o “transporte de significados” de uma língua para outra - “apagando” o que há de mais característico no texto (percepção de deslocamento, diáspora, identidade cultural, sujeito etc.) - a sua construção de sentidos. Por fim, no dia 16 de novembro de 2015, um questionário semiestruturado foi aplicado à turma, contendo algumas perguntas objetivas e perguntas gerais sobre o campo da tradução, a obra original e o tradutor, a turma teve um período para resolver as questões e entregá-las ao pesquisador.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo discutiremos os dados coletados junto a 8 alunos da turma do componente curricular “Prática de Tradução” do semestre 2015.1 a partir dos instrumentos elencados no capítulo anterior. Os participantes, como informado, serão referidos pela letra T e número de identificação, de 1 a 8. Para obter uma análise mais didática optou-se por abordar e discutir os dados a partir de cada instrumento. Assim, a seção 4.1 refere-se à descrição dos dados das observações, a seção 4.2 os dados dos questionários, e a seção 4.3 os dados dos protocolos/notas das traduções. Os dados serão analisados e interpretados com base nos marcos teóricos discutidos no capítulo 1 e em consonância com a metodologia, atentando-se para os objetivos: a) compreender como a prática tradutória demandada pelos tradutores não profissionais põe em evidência o deslocamento de suas identidades culturais ao tempo em que media diálogos entre culturas, b) investigar se há ou não a preocupação/ o cuidado do tradutor em buscar informações contextuais, extratextuais e paratextuais para contextualizar a proposta literária da obra traduzida, c) averiguar como as competências demandas para a tradução (construídas ao longo do curso na intercessão de vários eixos – cultural, linguístico, literário, entre outros), contribuem para a construção de uma prática tradutória crítica e reflexiva, teoricamente embasada, emergente nos protocolos e notas de tradução.

Pretende-se buscar respostas para as seguintes questões norteadoras de pesquisa: Questão 1 - Os marcos teóricos e discussões desenvolvidos nas aulas sobre tradução (componentes Tópicos de Tradução, cursados no quarto semestre, e Prática de Tradução, cursada no sétimo semestre), bem como a prática tradutória demandada pelos componentes, contribuíram para a elaboração de protocolos e notas da tradução, referente a obra *A Map to the Door of No Return*, críticos e reflexivos? Questão 2 - De que maneira estes documentos elaborados pelos tradutores não profissionais refletiram a experiência do deslocamento de suas identidades culturais, uma vez que, a) ao traduzirmos estamos pondo em questão tanto a nossa identidade quanto a do – Outro – autor, texto; b) a própria obra escolhida tem a experiência do deslocamento (forma e conteúdo, diáspora e gêneros literários) como seu cerne? Questão 3 – Qual o papel adotado pelos tradutores quanto ao diálogo, entre obra e tradução e quais meios contextuais, extratextuais e imagéticos utilizaram para tornar a obra mais ou menos legível em língua portuguesa?

4.1 As Observações

Durante o período de observação em sala²⁵, destacou-se o empenho dos (as) alunos (as) em desenvolver o que havia sido demandado: os (as) mesmos (as) eram instigados (as), pela proposta do componente, a colocar em diálogo as teorias discutidas com sua prática tradutória. Na primeira proposta de plano de curso, apresentada antes da deflagração da greve dos docentes das universidades estaduais da Bahia em maio de 2015, o componente se dividia em dois momentos: o primeiro, centrado na leitura e discussão dos textos teóricos em sala, organizados a partir de seminários: o segundo centrado na apresentação e discussão das traduções e anotações efetuadas por estes (as) para a obra proposta neste componente, um texto literário de gênero híbrido, intitulado *A map to the door of no return* (2001).

Quando incitados (as) a analisar os textos teóricos propostos, relativamente complexos em suas discussões sobre língua, cultura e identidade na perspectiva dos estudos da tradução, a classe, disposta no formato de seminários, cumpria a proposta de leitura e debate, mesmo que o aprofundamento das questões teóricas, a princípio, fosse imaturo. Podemos interpretar que essa participação dos (as) discentes era, em parte, motivada pela professora do componente, conhecida por seu rigor, principalmente quanto aos critérios de avaliação, e que já havia ministrado componentes anteriores para a classe.

Antes da greve, as aulas centraram-se nas discussões teóricas. Após o retorno das atividades, com o findar da greve, e a redistribuição de horários - concentrando cinco aulas do componente em uma noite - a docente, em diálogo com os (as) discentes, propôs que o formato do componente fosse alterado: para garantir que a prática fosse levada a sala, e a teoria não ocupasse a maior parte do tempo da aula, estas se organizariam em dois momentos - o primeiro, de discussão teórica, em que o texto definido deveria ter o debate conduzido por dois/duas discentes: o segundo se concentraria na parte prática, sendo desenvolvido em formato de oficina, no qual dois/duas discentes apresentariam suas traduções e o protocolo, dividindo as questões e dúvidas que o trecho selecionado lhes despertara.

Pelo que foi observado, esta proposta, de teoria casada com a prática, funcionou melhor que a primeira, dinamizando a aula e a participação dos discentes, particularmente por causa da rotatividade e demanda dos discentes em se engajarem e conduzirem os debates e apresentações. Ademais, é bom destacar que o momento oficina, de acordo com as observações feitas no período pós-greve, foi mais proveitoso, visto que os discentes se

²⁵ Iniciou-se em maio - houve uma pausa quando a greve foi deflagrada, regressou em agosto e finalizou em novembro de 2015.

engajavam nas discussões e debates com mais facilidade e interesse. O momento devotado aos textos e discussões teóricas, porém, acabou por não funcionar tão bem: primeiro, porque várias vezes a dupla selecionada não apresentava, restando apenas um dos discentes indicados para o encargo de apresentar e direcionar o debate sobre o texto teórico; em segundo lugar, a própria leitura da teoria pelos (as) discentes mostrou-se superficial e os debates não foram aprofundados. Isto irá se refletir, inclusive, nos seus protocolos de tradução, como discutiremos mais adiante.

Pleitearemos, detalhadamente, a partir deste momento, duas das observações feitas em sala – ressaltamos que o desenho da pesquisa contempla a “observação assimétrica”, isto é não-estruturada, pela pesquisadora. A primeira observação diz respeito ao quarto dia de observação realizada no dia 06 de novembro de 2015, isto é, após o retorno da greve. Optamos por comentar a segunda parte da aula, isto é, a oficina, visto que esta trata do objeto em questão deste trabalho: a exposição do percurso de análise da tradução dos discentes deste componente. Neste dia analisamos – a docente, os colegas de sala e a pesquisadora – as escolhas de tradução feitas pelo (a) participante T8.

Desse modo, a exposição do excerto posto para tradução²⁶ fora principiada pela discussão do termo *Copper* em Inglês, traduzido para o Português pelo participante por “lapidar”. A docente, ao se pronunciar, sinalizou que talvez o termo traduzido não tenha sido a escolha mais adequada, ao elucidar, que o vocábulo “lapidar” é específico para pedras preciosas e não se encaixaria no metal (a tradução literal da palavra *Copper* seria cobre, um tipo de metal), mesmo reconhecendo que o “lapidar” demanda um cuidado, uma precisão. Entretanto, T8 poderia recair numa questão um tanto quanto problemática na semântica geral do texto, isto é, apagando sentidos e significados considerados característicos, cruciais do escrito. Em vista a essa possibilidade, a docente, aconselhou-o analisar cuidadosamente, tanto o vocábulo traduzido, quanto o texto em sua totalidade, e que não descartasse a possibilidade de optar por outras palavras que suprimissem a já escolhida (“lapidar”). Todo o procedimento, adotado pelo participante T8, a pedido da docente, deveria ser registrado no protocolo para que fosse analisado posteriormente pela pesquisadora. T8, por conseguinte, ao justificar suas escolhas, ressalta que *Cooper*, traduzido para “lapidar”, fora inicialmente considerado, contudo, a sua busca por outros vocábulos não teria terminado, apontando que já havia pesquisando junto a dicionários diversos, e além da palavra “lapidar” havia outras, segundo

²⁶ O trecho discutido na observação aqui transcrita é este: “**Copper**: My uncle used to work copper. He was a tall **dark man**. His face was beautiful and chiselled as the scars that cu tinto the auburn face of the sheet of **copper** (BRAND, 2001, p.119)”

ele (T8), estava a decidir qual palavra seria a melhor escolha. Outra questão apontada, diz respeito à tradução “negro alto” – *dark man*. Dessa vez, os colegas de sala se incumbiram de lançar algumas contribuições para acelerar a tradução. Segundo os colegas, T8, ao traduzir *dark man* para “negro alto”, provocou inconscientemente uma perda/apagamento de sentido na palavra original em relação à tradução, porque o termo *dark* não significa necessariamente “negro”, como foi traduzido. Deveria ter o cuidado para não cair na escolha de termos homogeneizadores, no sentido de que, tudo que é *dark* deve ser considerado como “negro”. Na opinião dos colegas de sala, T8 deveria procurar efetuar uma negociação de sentido, deixando o automatismo tradutório para segundo plano. Sugeriu-se que o (a) discente atentasse para a rede semântica, isto é, a opções que possibilitassem dar sequência às escolhas anteriormente feitas, para não cair em contradição, seguindo uma sequência de ideias que se unem ao final da tradução. Era aceitável que T8 fizesse um ou outro desvio semântico, desde que houvesse uma certa consciência do porquê da escolha, a fim de ser fidedigno a linhas de raciocínio posteriormente delineadas.

Passamos a expor a segunda observação: o seguinte registro foi colhido na quinta aula ministrada após a greve dos servidores, dia 17 de novembro de 2015. Nesta aula, discutiu-se o texto teórico “*The politics of translation*” autoria de Spivak (2002), conduzida pelos (as) participantes T6 e T7. Ao iniciar a apresentação do seminário, os discentes mediadores apontaram que o conteúdo do texto foi um tanto desafiador, em vista sua densidade, iniciando-se em *medias res*. Antes de adentrar o texto propriamente, os discentes procuraram contextualizar e explicar o mais objetivamente possível o conteúdo, assinalando que a discussão centrava-se no feminismo pós-colonial, particularmente sobre as mulheres das margens/periferia, as que foram duplamente colonizadas, por ser mulher e negra. Logo após, nos chamaram atenção para o uso do pronome *her* empregado para se referir ao tradutor. Esse *she/her*, segundo T6 e T7, lhes causou estranhamento ao longo da leitura, porque costumamos fazer uso do pronome genérico *he/his* tanto para feminino quanto para masculino – o uso dos pronomes pessoais retos e oblíquos no feminino, causavam estranhamento porque o genérico é visto como masculino e o feminino como particularizado – a pergunta que emergia era: de quem fala esta autora, quem é esta tradutora? Adentrando o texto, T6 e T7 advertiram à turma para a retórica amplamente enfatizada pela Spivak na obra – a retórica é o que o texto indica – bem como as redes de significações construídas por ele (o texto). Ademais, a partir do que foi observado no texto de Spivak, os mesmos assinalaram que o tradutor precisa negociar identidades em sua língua e na outra língua, visto que o processo de tradução envolve a imersão na linguagem de si e do outro e em como o tradutor se posiciona em meio a essas

identidades – a língua do outro e a sua própria língua. Enfatizando que a questão da identidade na tradução é bastante problemática. Por fim, ressaltaram que o processo de tradução é antes de tudo um processo de leitura, e que ler é ter uma relação íntima com o texto – a tradução, é assim erotizada, processo análogo ao erótico, ao íntimo, à sedução mútua entre os envolvidos. Desse modo, temos segundo ambos, que libertar as potencialidades ocultas, silenciadas, (o não dito) do texto.

Como pudemos perceber diante do exposto, a quarta observação registrou uma dimensão prática da aula, em que o participante T8 trouxe para a sala uma pequena parte do percurso tradutório de alguns termos da obra em questão. Notou-se uma participação efetiva para o desenrolar da tradução, tanto por parte dos colegas de classe, quanto da docente. Já a quinta observação, registrou uma aula teórica, na qual pôde-se perceber também que T6 e T7 direcionaram a discussão do texto para um cunho também prático, observou-se assim uma maturidade de T6 e T7 na condução da discussão, e a apropriação do conhecimento prévio relacionado ao texto. Todavia, não podemos dizer o mesmo dos demais discentes, notou-se que apesar da docente ter disseminado a importância da discussão teórica para a contextualização da prática tradutória, não houve uma participação efetiva da turma quando o assunto era teoria, desse modo o esforço de T6 e T7 foi de certa forma mal apreciado, salvo, a participação da docente que junto com a dupla destrinchou o texto e procurou torná-lo mais inteligível aos demais discentes.

4.2 Os questionários

Para conhecer o perfil e as experiências de cada participante na formação e compreensão do fenômeno da tradução, um questionário foi aplicado ao final das observações, no dia 16 de novembro de 2015. Foram elaboradas oito perguntas, três questões relativas a informações pessoais e cinco abertas, relativas à prática de tradução, experiência, formação e concepção. As primeiras questões foram elaboradas visando um panorama mais amplo do entendimento por parte dos participantes do campo da tradução e as últimas se restringiram às experiências e práticas de cada um dos participantes, com o intuito de perceber como o diálogo entre teoria e prática propostos pelo componente emergiria na reflexão destes discentes quando tivessem que pensar sua prática. O questionário pode ser visualizado no Apêndice B.

Como dito, na segunda parte do questionário procuramos instigar os participantes a relatarem como a experiência oriunda dos componentes “Tópicos e Prática de Tradução”, e os

textos lidos ao longo do curso contribuíram no processo de tradução dos respectivos participantes e em sua reflexão sobre o ato de tradução. A partir da primeira pergunta, levantamos o seguinte questionamento: Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados²⁷, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?

T1: Contribuíram para criar uma percepção mais ampla, ou melhor, para pensar a respeito do processo/desafios da tradução [...]. No processo de tradução serviu para me fazer parar e pensar a respeito da palavra que estava traduzindo e não apenas colocar a primeira que vem na mente. (Dados do questionário).

T2: Os componentes influenciaram (*sic*) de maneira positiva no processo de tradução, considerando que o componente “Prática de tradução” trouxe com a carga teórica (*sic*) mais segurança no que diz respeito a liberdade de escolhas dos termos ao traduzi-lo [...]. A teoria aliada as praticas (*sic*) foi sustentando os argumentos pensados na hora de escolher a palavra que melhor se encaixava (*sic*) no contexto. (Dado do questionário).

T3: [...] Nesse sentido, os textos contribuíram positivamente no que diz acerca do papel do tradutor – como eu enquanto tradutora devo me portar diante de duas línguas – e com relação à perdas e ganhos ao se traduzir [...]. (Dado do questionário).

Os oito participantes assinalaram que as disciplinas, particularmente “Prática de Tradução” ofertada no semestre 2015.1, contribuíram para uma melhor percepção do campo da tradução. Contudo, como se pôde perceber por suas respostas, as elaborações são superficiais e podemos inferir que, eles respondem o que acreditam ser do interesse da pesquisadora. O participante T1, por exemplo, ressaltou que os componentes ajudaram-no a refletir a respeito do processo e dos desafios da tradução e também a ser mais criterioso nas escolhas das palavras empregadas, mas não elenca nenhum exemplo para apoiar o que diz – quer dizer, não relaciona teoria a sua prática. Já o participante T2 apontou que a carga teórica lhe trouxe mais liberdade e autonomia na escolha de termos que melhor se encaixassem na tradução, mas, de mesmo modo, não elenca como se concretizou em sua prática esse diálogo com a teoria e nem esse desenvolvimento no componente “Prática” em comparação com “Tópicos de tradução”. Acrescentou ainda que a teoria aliada à prática foi fundamental para buscar informações contextuais – mas, novamente, e isso se repetirá nos protocolos de tradução, não consegue dizer, isto é, refletir, a teoria a partir de sua prática. O participante T3 destacou que as experiências oriundas dos componentes contribuíram para fazê-lo pensar o papel do tradutor, as perdas e ganhos da tradução – conceitos estes que foram abordados e

²⁷ Tópicos e Prática de tradução, o primeiro ofertado no quarto semestre e o segundo no sétimo semestre.

problematizados mais diretamente no componente “Tópicos de tradução” e não em “Prática”. Os termos mencionados chamam nossa atenção uma vez que são citados pelo discente como ponto central de sua prática tradutória o que leva-nos a crer que as teorias e demais estudos que vão contra essa visão tradicional da tradução acabam por não serem fatores determinantes nas traduções elaboradas pelo participante, ao passo que outros conceitos voltados para as questões culturais não são enfatizados, isto é, não fazem parte do itinerário tradutório de T3. Tal concepção, ou melhor, os pontos que aparentam ser centrais na prática tradutória do participante T3 são posteriormente empregados para a resolução da questão dois, ao responder o questionamento quanto, a definição do ato tradutório (o que é traduzir a partir do seu ponto de vista). Notamos que a exposição presente na resposta da questão um reaparece como ponto central também na resposta da questão dois:

T3: De acordo com os estudos realizados em sala de aula, o tradutor deve servir a dois deuses (duas línguas), analisando as perdas e ganhos, seja na língua materna, seja na língua estrangeira. Logo, traduzir é todo esse processo de “servidão” e estudo de fazer uma tentativa de passar a cultura do outro e tornar o texto acessível a um determinado público. (Dado do questionário)

O curioso da afirmativa posta pelo participante T3 é a sua generalização quando diz que, “de acordo com os estudos realizados em sala de aula, o tradutor deve servir a dois deuses (duas línguas)”, há um descompasso entre a sua fala e o que foi observado em sala de aula (pelo menos no componente “Prática de tradução”, que é foco dessa pesquisa) pela pesquisadora. Digo isso porque o foco dado à tradução, no componente “Prática de tradução”, diferentemente de “Tópicos de tradução” (com metodologia voltada para a tradução como uma técnica), volta-se para os estudos da tradução em diálogo com os estudos culturais – tradução como um processo incansável de criação/recriação e deslocamentos de identidade e cultura, em que se experimenta o entre-lugar a experiência de não pertencimento. A verdade é que tal consideração generalista deixa-nos bastante preocupados, pelo fato de que houve outras reflexões em sala, particularmente no componente “Prática de tradução”, em que se procurou desmitificar e eventualmente reconstruir a questão da tradução não como um processo de servidão, perdas, hegemonias. Podemos inferir a partir da resposta dada que não ficou claro para T3 durante o andamento do semestre (2015.1 – período em que a pesquisa foi realizada) o objetivo do componente e, conseqüentemente, as questões que deveriam aparecer na prática tradutória da obra de Dionne Brand (2001), relativas ao diálogo língua, identidade e cultura, acabaram por não emergir para este participante, como se perceberá na elaboração dos protocolos de tradução, em diálogo com a teoria, os quais serão analisados mais à frente.

Dadas as considerações anteriores, retomemos a análise da questão de número um, prosseguindo com o elucidado pelos participantes T4 e T5 sobre suas experiências oriundas dos componentes Tópicos e Prática da tradução. Segundo os mesmos,

T4: Os textos [...] serviram para iluminar um pouco alguns aspectos relacionados a (sic) tradução, aprender e discutir alguns conceitos como intraduzibilidade, tradução literal, domesticação x alteridade. (Dado do questionário).

T5: Traduzir é uma tarefa muito complicada, não tive nenhum contato anterior (sic) com tradução antes do componente Tópicos de Tradução que teve com proposta inicial em (sic) tradução de um poema sem “adrentarmos (sic)” na teoria. Foi muito difícil pois não sabia se existia uma maneira “certa” ou “errada” de traduzir. Já no componente Prática de Tradução a teoria foi proposto a tradução juntamente com a tradução dando mas (sic) embasamento ao componente anterior assim como no processo tradutório. Os textos teóricos ampliaram minha visão a respeito da tradução e os conceitos que eu tinha da tradução de poemas que para mim era um (sic) dúvida a forma certa de traduzi-la. (Dado do questionário).

O participante T4 vai além do que é posto pelos participantes T1, T2, T3, pois consegue efetivamente elencar conceitos e debates teóricos, como tradução literal, domesticação do texto x tradução, etc. Chama-nos a atenção que, ao contrário do participante T5, que efetivamente enfatiza o papel e a necessidade da teoria para compreender sua prática, o participante T4 expressa que “Os textos [...] serviram para iluminar um pouco alguns aspectos relacionados a (sic) tradução”, usando dois advérbios para apontar como a teoria ainda não iluminou sua prática – um pouco e alguns aspectos. O participante T5 declarou que não teve contato anterior com as teorias da tradução, somente a partir do componente “Tópico de tradução” – e deste reclama da proposta de prática tradutória, enfatiza inclusive o gênero – poesia – sem teoria. A partir do componente “Prática” pôde ampliar sua visão acerca do campo dos estudos da tradução. Entretanto, não elenca, elabora, debate nenhum ponto, conceito, experiência que apoiem essa afirmação. Os participantes T6, T7 e T8 assinalaram que

T6: Os textos teóricos ajudaram a ampliar o meu ponto de vista sobre o fenômeno de traduzir. Uma vez que pude perceber o (sic) quão delicada é essa área. O processo de tradução nos ajuda a fazer uma leitura mais “desafiada” do texto, e para conseguir reproduzir o proposto pelo original, temos que contar com a ajuda dos textos teóricos para nos conscientizarmos (sic) sobre cada uma das nossas escolhas. (Dado do questionário)

T7: Os componentes “Tópicos de Tradução” e “Práticas (sic) de Tradução” puseram em cheque (sic) a minha concepção inicial sobre a tradução como uma operação linguística, algo que reescreve blocos de sentidos em outro idioma apenas para viabilizar o acesso ao conteúdo superficial ao leitor estrangeiro à obra original. A partir das discussões recorrentes nas disciplinas, puseram-se em cheque (sic) outras

noções como a carga cultural e papel político da tradução em lidar com diferenças socio-culturais (sic). (Dado do questionário).

T8: [...] Os textos teóricos me ajudaram a compreender os caminhos possíveis e impossíveis na tradução de textos literários, fazendo com que eu refletisse sobre a carga semântica, histórica e cultural dos textos trabalhados. (Dado do questionário).

O participante T6 aponta que “o processo de tradução nos ajuda a fazer uma leitura mais “desafiada” do texto, e para conseguir reproduzir o proposto pelo original”, mas, nos perguntamos, o que vem a ser “reproduzir o proposto pelo original”? Propor significa prometer, oferecer – será que esta – reproduzir o proposto – é, de fato, a função/tarefa – ou uma das – da tradução? Podemos afirmar que, pelo que foi discutido ao longo do semestre embasado nos textos teóricos²⁸ elencados no plano de curso deste componente, a resposta tenderia a ser negativa. Uma vez que tomamos como referência do original o que está posto, isto é o que foi declarado, dito pelo escritor, não o proposto, a função da tradução, a nosso ver, não é a de reproduzir, mas provocar uma desestabilidade entre as línguas, entre as culturas, entre os textos, via tradução, criando outra obra que dispõe de suas próprias potencialidades. A tradução, não podemos esquecer, é uma ação de violência/ violação em que retiram-se do texto aspectos que outrora foram constituídos pelo escritor original, ressurgindo posteriormente transplantado em outra comunidade cultural (BERMAN, 2000).

O participante T7, por outro lado, aponta que os componentes estudados fizeram-no repensar a concepção inicial da tradução como uma operação linguística e, diante de discussões mais aprofundadas em sala, pode questionar outras noções como a carga cultural e o papel político da tradução. Diferentemente de alguns participantes citados, T7 consegue avaliar seu processo de evolução ao longo do percurso nos componentes “Tópicos e Prática de Tradução” como sendo fundamentais para o seu processo de amadurecimento enquanto tradutor. É perceptível um deslocamento do linguístico para o cultural em sua fala: sua visão/experiência era da tradução como uma operação linguística e, somente após adentrar aos componentes relacionados à tradução, outras noções/concepções sobre o ato da tradução foram sendo aprendidas. Ele consegue elencar a importância que os componentes desempenharam neste processo de evolução, ao justificar que após discussões mais aprofundadas outras noções foram postas em xeque, como a carga cultural e papel político. A carga cultural, na visão de alguns dos participantes, compreende aspectos da cultura traduzida, isto é, elementos como: língua, história, cultura, identidade, costumes etc., que dão vida e

²⁸ ARROJO, Rosemary (2007), BERMAN (2004), CESAR (1988), MESCHONNIC (2015), PAES (1990), PAZ (2015), SPIVAK (2004), VENUTI (2002), VENUTI (2004)

caracterizam o texto. Por fim, o participante T8 demonstra, em sua resposta, um domínio mais articulado da teoria e da prática tradutória, apontando que a teoria o ajudou a compreender as possibilidades e impossibilidades da tradução: quais elementos podem ou não ser traduzidos, levando-o a refletir cuidadosamente sobre o que nomeou, as cargas: semântica, histórica e cultural dos textos trabalhados.

Diante dos relatos e a partir das considerações acima expostas, delinearemos a discussão sobre o lugar dos componentes de tradução no curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas e seu papel no processo de formação discente ao longo do curso e em diálogo com os demais componentes, particularmente os de língua e literatura. Será que o conceito de língua no curso, como está sendo trabalhado pelos diferentes eixos (Conhecimento Científico-Cultural, que se subdivide em sub-eixos – língua e literatura; Formação Docente; Interdisciplinar, que abrangem os componentes de tradução; e Atividades Complementares) dialoga com a questão identitária e cultural como um todo? Dialoga entre os eixos e componentes? Ou, como parece ser o caso, quando consideramos as falas e práticas dos discentes deste componente, acabam por se concentrar em competências e habilidades de ordem estrutural e linguística, estanques em categorias de ordem gramatical, fonética, lexical e sintática? Tal questionamento parte da dificuldade visualizada tanto pela pesquisadora na condição de aluna do curso, quanto pela ótica dos participantes da presente pesquisa. Há uma deficiência inegável em relação ao diálogo, teoria e prática, não somente a prática tradutória, mas a construção/formação docente/pesquisadora desses participantes de pesquisa. Estamos sustentando uma configuração de curso que em seu cerne efetivamente não está dialogando com a questão identitária e cultural, apesar da estrutura curricular do curso prever componentes específicos para esta questão, como Aspectos Históricos e Culturais da África e da Diáspora (ofertado no segundo semestre), Estudo Comparativo da Literatura de Língua Inglesa e Língua Materna (ofertado no sexto semestre), Estudos Contemporâneos da Literatura em Língua Inglesa I e II (ofertado no quarto e quinto semestre), História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (ofertado no sétimo semestre), entre outros. Estes componentes, advindos de diferentes eixos do curso, acabam por serem estudados de modo isolado pelos discentes, isto é, as questões levantadas não são postas em diálogo ao longo do curso, particularmente no sub-eixo de língua, que atravessa todo o curso, do primeiro ao último semestre e compreende carga horária significativa do total do curso (carga horária total do curso 3.225; carga horária específica do eixo de língua 705). Este tratamento do lugar da cultura e da identidade em relação à língua se reflete na própria prática dos discentes que, mesmo após cursar um componente em que a base teórica e a proposta prática valorizam essa

relação língua, cultura e identidade, os mesmos, como temos percebido ao longo da análise dos dados obtidos por meio dos instrumentos escolhidos, têm imensa dificuldade em articular teoria e prática, limitação que impacta significativamente no desempenho desses futuros professores, pois marca uma concepção de língua ainda instrumental e tecnicista.

Na condição de discente e posteriormente na condição de ex-membro de uma Associação Educativa e Cultural²⁹ que trabalhou por muitos anos com o voluntariado internacional e conseguiu por muito tempo desenvolver um curso de idiomas pautado no ensino de língua com cultura, posso afirmar que durante os quatro anos que passei na universidade tive dificuldade em compreender qual era a proposta dos componentes principalmente relacionados ao ensino de língua: Básico (I e II), intermediário (I, II e III) e avançado (I, II e III). Esses componentes não dialogavam com os demais, principalmente com literatura, pois eram focados diretamente nos aspectos estruturais da língua. Os demais componentes que tratavam da cultura e identidade eram lecionados, por vezes, por docentes que não detinham formação específica em Língua Inglesa, isto é, eram colaboradores de outros colegiados, cursos e/ou outros campi; conseqüentemente esses docentes não conseguiam ou não tinham domínio suficiente para relacionar os conteúdos dos componentes aos demais componentes e ao objetivo do próprio curso. Todavia, foram com os componentes de tradução, principalmente “Prática de tradução”, que a teoria surgiu para articular questões de ordem cultural e linguística: vários dos textos trabalhados tinham em seu cerne uma reflexão poderosa sobre tradução como um processo que nos leva a compreender a experiência do entre-lugar, a experiência do pertencimento e não pertencimento, a experiência do exílio em que tanto a tradução quanto o tradutor é expulso para esse entre-lugar – nem aqui, nem lá que impactam diretamente em sua identidade cultural – processo este que traduz

²⁹ A Associação Educativo-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade (AEC-TEA) é uma entidade de objetivos culturais democrática sem fins lucrativos fundada em 21 de julho de 1999. A AEC-TEA tem como missão fomentar a participação das pessoas no trabalho voluntário em projetos e ações que visam a melhorar a qualidade de vida da população. Tem ainda os seguintes objetivos; a) contribuir com a luta pela democratização dos meios de educação e de comunicação, pela democratização da informação e pela institucionalização do Direito de Comunicar; b) dar oportunidade à difusão das ideias, elementos de cultura, tradições hábitos sociais da comunidade, propagando a cultura nacional, além de intercâmbio entre os aspectos culturais das várias comunidades organizadas; c) prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário; d) coletar, pesquisar, elaborar e divulgar nos meios de comunicação locais, regionais e nacionais, informações de cunho político, social, econômico, científico, culturais e desportivos, relacionados às comunidades e de seu interesse; e) organizar Biblioteca e arquivo público com registro sonoro, fonográfico ou audiovisual de depoimentos e fotos produzidas ou colhidas na comunidade ou de interesse geral; f) promover continuamente o debate objetivando o avanço dos projetos comunitários; g) promover o intercâmbio de culturas entre os voluntários de outras regiões brasileiras ou de outros países com as comunidades locais; h) manter intercâmbio com outras entidades de atividades afins existentes no Brasil e/ou em outros países; i) estabelecer parcerias ou convênios para ampliação de sua área de atuação. (ESTATUTO SOCIAL, 2005).

a experiência do discente em língua inglesa ao longo do curso, processo de desestabilização de sua identidade cultural, de sua língua e de sua concepção de língua e cultura.

Passamos a analisar as respostas da questão 2 (A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você?). Nesta questão, deparamo-nos um com posicionamento bastante curioso exposto pelo participante T8:

T8: [...] assumi a tradução como o parto. Mas, como assim com o parto? Talvez não só como o parto mas com o próprio produto do parto ou, até mesmo o ato antes do parto – sexo. Meu ato e experiência de tradução é caótica: No início, sinto um incomodo e ao mesmo tempo prazer, fico flertando com o texto mas sempre querendo chegar ao ápice, ao orgasmo; Depois, aquele embrião – que não é só meu, mas, meu e do outro e estar dentro de mim – cria vida e quer nascer, sair de mim, contudo não quero deixá-lo sair, mas quero conhecer esse novo ser, ver seu rosto”. “Daí, essa criatura nasce cresce. Eu daqui, fiz todas as escolhas possíveis – que ao meu ver foram as melhores – mas, talvez, para a criatura /texto não tinha sido as melhores escolhas propostas. Como isso, a criatura – o texto – pode seguir múltiplos caminhos, sai morte – ambas propiciadas por minhas escolhas e a “vida do texto”. (Dado do questionário).

Esse depoimento descrito pelo participante T8 relaciona-se com o que foi debatido no capítulo 1, especificamente na seção 2.3, em que discutimos sobre o ato de violência da tradução. Essa sexualização da tradução soa como um ato de violência/violação, principalmente quando apontado à questão do parto: o parto implica a fecundação e a emergência de outro corpo, um corpo estranho que está imbricado ao meu corpo, familiar; a tradução, de fato, desestabiliza o texto original e dele, a partir de duas línguas, culturas, autores etc. vê nascer outro corpo – o texto traduzido, que tem no tradutor a mãe, o agente/autor/pai: um pai, apesar do parto, pois, se nos atentarmos para as escolhas do participante ao se referir ao texto traduzido – criatura – podemos fazer uma ponte com o doutor Frankenstein e sua criatura, o monstro – o texto traduzido é uma monstruosidade, híbrido em sua natureza, parido de pai via intelecto e fruto da desordem de sua imaginação (MAGALHÃES, 1998). Essa violência do ato tradutório reverbera no tradutor e sua angústia pelo deslocamento que provoca no texto, na língua e em si. Contudo, o re-enraizamento em outra língua pode trazer à superfície traços ou potencialidades que estavam à margem naquela língua, cultura, identidade original. Diante da inquietação do tradutor, há um impacto e um conflito identitário entre o tradutor e a obra, que ao tentar fazer as “melhores escolhas”, pode ajudar essa “criatura” – “o texto” a trilhar múltiplos caminhos. Em adição, podemos recriar a partir do relato de T8 uma analogia que, apesar de sexualizada, é romântica, uma relação de amor entre ele e o texto, uma relação de amor que não segue o curso da natureza: ele constrói um trajeto desse cenário romântico de forma contrária, pois primeiro assume a tradução como

um parto, depois volta e diz que seria um ato anterior ao parto, isto é, o sexo, e do sexo volta para o flerte e assim ao orgasmo, uma experiência que, enfim, desestabiliza os processos, que se tornam simultâneos, evidenciando que o ato tradutório perpassa não apenas pela via linguística, mas impacta fortemente em refletir quem “sou eu” enquanto sujeito que promovo esses diálogos entre culturas, línguas e identidades, que antes mesmo de ser um agente é um criador/recriador.

O participante T2, contudo, salienta que “traduzir é o ato de recriar em outra língua a obra “original de modo a fazer sentido, culturalmente falando, na língua alvo”. Vemos emergir em sua resposta outra concepção diversa da apresentada por T8, que aparentemente aponta o papel de criador/criatura na relação entre tradutor e texto. Para T2, apesar de recriação, o ato de tradução está ancorado na questão da ordem linguística, como provam os termos de sua escolha: língua, original e língua alvo – a cultura entra na tangente, como advérbio – “culturalmente falando”. Já o participante T7 ratifica que “traduzir é uma experiência mista de alteridade e esquizofrenia”. Ambos, assim como T8, demonstram a partir de seus trajetos certa maturidade na articulação entre teoria e sua prática que lhes distinguem dos demais participantes, os quais se limitaram a repetir em seus discursos os lugares comuns do campo da tradução como: “traduzir é passar um texto de uma língua para a outra” (PARTICIPANTE T4); traduzir é transportar um texto de uma língua para outra cultura (PARTICIPANTE T5); “traduzir é servir a dois deuses (duas línguas)” (PARTICIPANTE T3); traduzir é a transformação de significados e significantes (PARTICIPANTE T1); traduzir é um ato de transferência e sentidos (PARTICIPANTE T6).

Passamos a analisar a questão 3 (porquê traduzimos, qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução?):

T2: Traduzimos pela necessidade de conhecer os materiais (textos falados, escritos, literários (sic) e não literários (sic) produzidos em outras línguas. Esse conhecer o que o outro produz, ou seja, conhecer o outro, implica no ato de autoconhecimento, considerando que essa troca de informações entre as duas línguas influenciam (sic) no modo com o falante se constroe (sic) perante a sociedade. Há também a necessidade social, nos termos de produção de “artigo”, produtos consumidos em diversos países e para facilitar a venda há as traduções a exemplo de manuais e bulas.

T3: Ao traduzir o texto acadêmico, jornalístico (sic) e/ou literário se torna acessível (sic) a um público, fazendo assim uma movimentação de levar e trazer conhecimento. Como isso, o texto vai carregado de opiniões do tradutor, peso cultural e histórico do lugar em que foi escrito, levando um conhecimento regional para o outro.

Como podemos perceber, T2 e T3, assim como os outros participantes, não chegam a problematizar, de fato, a necessidade histórica, social e cultural da tradução; tampouco ligam tais questões aos seus desejos ou interesses pessoais. Ao contrário, ambos justificam o ato da tradução de modo bastante genérico, condicionando a tradução a uma troca: trazer e levar – transporte de cargas – informação, textos, língua. As cargas/trocas foram ilustradas pelos participantes como autoconhecimento; troca de informações; produção, circulação de conhecimento e informação. Em outras palavras, a partir dos relatos emergidos nos discursos, e frente à questão de número três, acima transcrita, cuja finalidade fora levar os participantes a refletirem sobre a tradução de modo mais concreto, isto é, relacionado a história, cultura, contexto social, motivação, desejo e interesse pessoal, podemos notar, a partir dos discursos reportados, que os mesmos não conseguem transpor teoria para prática, uma vez que esses conceitos escolhidos por T2 e T3 são fruto de uma compreensão e abordagem tecnicista e estruturalista da língua na tradução.

Por outro lado, os posicionamentos expostos por T2 e T3 dialogam com o iluminado por Venuti (2002) sobre a tradução como uma das principais matrizes produtoras de discursos e representação sobre o estrangeiro – o Outro. Esses discursos e representação, conseqüentemente, podem validar, unificar ou subverter as identidades culturais dos participantes envolvidos nesse processo. A circulação dos textos literários por intermédio da tradução pode vir a inserir, através da seleção de textos, valor cultural doméstico, desvinculando tais textos do seu sentido histórico, ou, ainda estigmatizar ou exotizar povos, culturas e línguas ao traduzir com o intuito de cumprir com uma necessidade ou pauta particular / doméstica, valorizando estilos distintos de tradução em detrimento de outros, visados num período específico.

A quarta e última questão analisada é direcionada aos excertos da obra *A Map to the Door of No Return*. Nesta, interrogamos os participantes acerca dos seus maiores desafios ao traduzir a obra da escritora caribenha-canadense Dionne Brand (2001). Listamos a seguir as respostas de T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7, T8 e posteriormente tecemos algumas considerações que emergem de suas falas.

T1: Primeiramente fazer os protocolos de tradução, pois achei extremamente chato e cansativo ficar parando para anotar e dizer o que fiz e porque fiz. Fora isso, algumas palavras que acredito serem regionalistas (sic) e em alguns trechos tive dificuldade com a interpretação do texto, conseqüentemente com a tradução. (Dado do questionário).

T2: O maior desafio foi não ter referências de outras traduções da mesma obra, além das dificuldades linguísticas, de conhecimento cultural das línguas. (Dado do questionário).

T3: Em *A map to the Door of No Return* o peso cultural está bastante intrínseco ao texto, deixando difícil a tradução já que no meio em que vivo não há determinados movimentos ou festividades. (Dado do questionário).

T4: A falta de experiência em tradução, ter pouco ou quase nenhuma base teórica (sic) e porque o texto nunca foi traduzido antes, para que eu pudesse comparar as traduções. (Dado do questionário).

T5: Não conhecia o texto e a escritora, positivamente após (sic) traduzir algumas partes através (sic) de pesquisas descobri que o texto se trata de uma não ficção, ou seja, contem histórias (sic) que podem ser verdadeiras (sic) ou não. Algumas partes (sic) me deixaram bastante confusa na tradução a passagem que o tio era professor e sempre corrigia as crianças com “have” e “it” não consigo traduzir e nem achar ainda uma semelhança para traduzir e passar a mesma ideia do texto. Houve muitas outras partes (sic) que não me recordo mas que esta assinalada no meu processo tradutório. (Dado do questionário)

T6: [...] O contexto da obra também foi fator desafiante, por apresentar expressões e vivências desconhecidas para mim. (Dado do questionário).

T7: A carga cultural. Existe todo um vocabulário voltado a objetos e costumes locais que requerem uma pesquisa mais detalhada destes. A segunda etapa do desafio foi tentar recriar a sensação de pertença aos costumes na personagem através (sic) da minha língua materna. (Dado do questionário).

T8: Primeiramente, a linguagem, em termos de sintaxe e vocabulário, os quais dificultaram minha compreensão semântica. Depois, a forte contextualização cultural que me era obrigado a conhecer, dificultaram minha compreensão e reprimiram minhas escolhas iniciais. (Dado do questionário).

Os participantes, com exceção de T4 e T5, em suas respostas, elencam o aspecto cultural (por vezes reconhecido como regionalismo) como um dos principais desafios postos pela tradução da obra *A map to the Door of No Return* (2001). Na concepção dos participantes, a tradução de uma obra como essa exigiria do tradutor, além de conhecimento amplo da língua, conhecimento dos aspectos culturais, que emergem da seguinte forma em suas falas: T3 – movimentos e festividades; T6 – contexto, expressões e vivências; T7 – carga cultural, vocabulário, objetos, costumes locais; T8 – contextualização cultural. Esta concepção do aspecto cultural como “carga” (semântica?) a ser transportada para a língua de chegada, a Língua Portuguesa, de modo a recriar a sensação de pertença na cultura de chegada; ou como algo da ordem do folclórico ou exótico, na acepção de Said (1990) – festividades; movimentos; costumes locais – exemplifica bem como as próprias concepções de cultura que emergem de suas falas – concepção abstrata ou da ordem do exótico e do folclórico – entram em choque com o conceito de tradução na perspectiva pós-colonial, discutida ao longo deste componente, e, logo, tensionam a prática tradutória destes participantes. Logo, os elementos culturais emergem, nas falas e na prática, como problema para os participantes, algo que dificulta o acesso à linguagem e ao sentido do texto: o

contexto, então, é visto como obstáculo ao texto em si. T7 aponta que “existe todo um vocabulário voltado a objetos e costumes locais que requerem uma pesquisa mais detalhada”. Será que ele realmente teve o cuidado para pesquisar detalhadamente a obra específica, a autora, suas outras obras, a cultura a que se refere? Chegamos à conclusão de que a questão cultural não está, mesmo que precária e provisoriamente, resolvida nas traduções postas por estes participantes; tampouco a identidade e a língua na tradução, uma vez que não fica evidente em suas falas e práticas a apropriação da discussão teórica. Nas entrevistas e nos protocolos, como veremos na próxima seção, a prática mostra que apenas dois participantes procuraram relacionar suas práticas aos debates teóricos em seus protocolos, mas nenhum relacionado diretamente a identidade e língua; fala-se da cultura, porém de modo bastante superficial e genérico – quase abstrato; ou, por outro lado, exotizado (vide capítulo 2, seção 2.1, na qual delineamos esta discussão).

T2 e T4, por sua vez, enfatizam a falta de informações extras – outras traduções da obra, por exemplo, a título de cotejo. Para estes – mas também para os demais, já que é uma fala compartilhada – a falta de um cânone doméstico da autora em língua portuguesa, isto é, de traduções desta obra específica, mas também de outras, é um dos problemas para compreender sua proposta. T5 compartilha dessa dificuldade em compreender a proposta da autora: “Não conhecia o texto e a escritora”; “apos (sic) traduzir algumas partes atravez (sic) de pesquisas descobri que o texto se trata de uma não ficção, ou seja, contem historias (sic) que podem ser veridicas (sic) ou não”. Para este participante, por exemplo, coloca-se o que temos arguido durante todo o primeiro capítulo sobre o papel da tradução e do tradutor como leitor/intérprete da obra: não a conseguindo ler e compreender sua proposta na obra, não a consegue, de fato, traduzir – e esta dificuldade de interpretação, mais explicitamente aqui posta, perpassa a feitura e as falas dos demais participantes. Contudo, percebe-se que os participantes não conseguem relacionar a tradução a leitura e interpretação. Além da questão cultural e interpretativa, pode-se notar que o desafio mais apontado por eles foi a dificuldade na compreensão de determinados termos e vocábulos, isto é, questões na ordem do léxico, que são sinalizadas como difíceis por apresentar “carga cultural” muito particular.

Todavia, de acordo com os protocolos, observações e questionários, os participantes acima apresentados não procuraram auxílio contextual, extratextuais ou paratextuais para compreender o contexto da obra. De fato, os instrumentos elencados para auxílio na tradução resumiram-se a dicionários, *google translator*, e sítios de pesquisa na *internet* para tentar compreendê-la via imagens. Ressaltamos, então, que entre as estratégias adotadas para tradução, os participantes não tentaram, por exemplo, cotejar o texto com outros textos

ficcionalis da autora; recorrer a resenhas, resumos e outros paratextos, que pudessem indicar diferentes entradas para o texto; conversar com leitores da obra da autora. Faltou aos participantes, ao que nos parece, a compreensão para relacionar o conhecimento teórico adquirido da disciplina “Prática de Tradução” às discussões postas por Brand (2001) em sua obra, particularmente a de representação e identidade cultural, para melhor entendimento do texto. Em outras palavras, a autora procura em sua obra, a partir de suas experiências, fazer uso de estratégias de resistência que garantam a sua independência colonial, questionando prerrogativas, direitos, lugares de fala, representações e legitimação de seus discursos em sua própria escrita, questões essas que não parecem ter sido levadas em consideração pelos participantes durante suas traduções. Isso reforça nosso entendimento de que os participantes não compreenderam a tarefa do tradutor e da tradução, como discutida nas referências deste componente, como uma leitura e interpretação sua – uma apropriação – desta determinada obra.

4.3 Os Protocolos/notas da tradução

There are maps to the Door of No Return. The physical door. They are well worn, gone over by cartographer after cartographer, refined from Ptolemy's Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites. But to the Door of No Return which is illuminated in the consciousness of Blacks in the Diaspora there are no maps. This door is not mere physicality. It is a spiritual location. It is also perhaps a psychic destination. Since leaving was never voluntary, return was, and still may be, an intention, however deeply buried. There is as it says no way in; no return. (BRAND, 2001).

Como apontado na seção 3.4, os discentes durante o período estipulado pela pesquisadora, fariam ao menos uma hora diária de tradução, escolhendo obrigatoriamente a epígrafe de abertura da obra, bem como excertos das páginas 119 a 134 do texto *A map to the door of no return*, de Dionne Brand (2001). Foi solicitado que o exercício diário de tradução fosse acompanhado de um protocolo/notas de tradução – cabendo ao tradutor marcar informações relevantes sobre sua prática, como o horário de início, pausas, finalização, ferramentas de tradução usadas, questões problemáticas levantadas durante o processo de tradução, soluções possíveis, solução escolhida (justificada), assim como os procedimentos de tradução que considerassem relevantes.

Frente à análise prévia dos protocolos, constatou-se que, apesar de ter sido esclarecido pela pesquisadora, em conjunto com a orientadora e professora do componente, a formatação dos protocolos de tradução, alguns dos participantes optaram por construir uma tradução comentada, ou em formato de nota de rodapé, o que acabou por dificultar a triangulação de dados. Os participantes T2, T4, T5, T6 e T7 cumpriram com o que havia sido demandado ao anotar o horário e data de inícios das traduções, as pausas justificadas, ferramentas, as questões problemáticas etc.

De acordo com o que constou nos protocolos/notas de tradução elaborados pelos tradutores não profissionais, o trabalho de tradução foi considerado por estes um processo difícil pelos seguintes motivos: a inexistência de uma tradução anterior desta obra, ou de outras obras da autora, para que os mesmos pudessem apegar-se como referência inicial; a linguagem, considerada bastante característica e de difícil compreensão, exigindo que o tradutor não profissional mapeasse outros meios para compreender o texto em questão em seu uso de ferramentas de busca.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, faz-se necessário esclarecer como se deu a triangulação e classificação dos excertos para a análise. Tínhamos como intuito, investigar a quais estratégias e ferramentas os participantes iram recorrer e como o diálogo entre teoria e prática seria consolidado em suas traduções e protocolos. Como a obra proposta é longa a pesquisadora nem a professora estabeleceram metas de tradução (mensurada em número de páginas ou em seções definidas de tradução), buscamos nesta seção analisar os trechos que foram se repetindo nas traduções e mais detalhadas nos protocolos. Desse modo, temos o seguinte quadro de traduções, ilustrado pelo Quadro 1, logo abaixo:

Quadro 1: tradutores e trechos selecionados

Participantes	Trecho selecionado
T1, T2, T5, T8	Epígrafe
T2, T4, T5, T6, T7	“Maps” (p. 119)
T1, T2, T3, T6, T7	“Copper” (p. 119-124)
T1, T2, T4, T5	“More maps” (124-125)
T2, T4	“Conjugations in disgrace and paradise” (p. 125-134)

Fonte: do autor, 2016

O participante T1 traduziu a epígrafe desta seção, isto é, o texto de abertura do texto, a seções intituladas “*Copper*” (p. 119-124) e “*More maps*” (124 - 125) – Importante frisar que o texto não se divide em capítulos, mas em seções e são os títulos dessas seções que reproduzimos aqui. O participante T2 também traduziu a “epígrafe”, “*Copper*” (p. 119-124)

“*More maps*” (p.124-125), além das intituladas “*Maps*” (p. 119) e “*Conjugations in disgrace and paradise*” (p. 125- 134); O participante T3 traduziu apenas um pequeno trecho do final da seção “*Copper*”. O participante T4 traduziu as seções “*Maps*”, “*More Maps*” e “*Conjugations in disgrace and Paradise*”. O participante T5 traduziu, “epígrafe”, “*More maps*” e “*Maps*”. O participante T6 traduziu “*Maps*” e um pequeno excerto da seção “*Copper*”. O participante T7 seguiu o mesmo caminho do participante T6 porém traduziu a seção “*Copper*” completamente. Por fim, o participante T8, efetuou um aprofundamento maior da “epígrafe de abertura”, inclusive contextualizando-a com outros textos teóricos.

Após leitura dos protocolos, e considerando o detalhamento e o tratamento dos trechos selecionados nos protocolos, optamos por priorizar primeiramente a epígrafe, pois esta acaba por dar o tom da narrativa e concentrar os temas centrais tratados pela autora tanto em *A map to the door of no return* quanto em suas outras obras. Analisaremos então as traduções e protocolos da epígrafe elaborados pelos participantes T1, T2, e T8; as traduções e protocolos do trecho intitulado “*Copper*” elaborado pelo participante T3; e finalizaremos com as traduções e protocolos da seção “*Maps*” e “*More maps*” elaborados pelos participantes T4, T5, T6 e T7. Dessa forma, além de fazermos uma interpretação comparativa contemplaremos os excertos preferencialmente traduzidos pelos participantes.

Vamos então, no Quadro 2, proceder ao cotejamento entre o texto fonte, a sua tradução elaborada por T1, as notas de tradução (NT) de T1, e a análise destas feitas pelo (a) pesquisador (a):

Quadro 2: Epígrafe - texto fonte, tradução proposta por T1, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<i>There are maps to the Door of No Return. The physical door.</i>	Existem mapas para a Porta (1º) Sem (2º) Retorno . A porta física.
NT 1 e NT 2 retiradas do protocolo de tradução de T1	
1º) Mantive a letra maiúscula, assim como estava no original. Pois acredito que a intenção era chamar atenção/destacar o nome. (2º) Traduzindo literalmente, ficaria a Porta de Não retorno. Optei por usar “Sem” retorno, pois essa expressão é mais usada, se optasse pela primeira, causaria estranheza.	
Análise	
Pela NT1 constatamos que lhe provoca estranhamento o uso das letras maiúsculas para <i>Door of No Return</i> ; contudo, T1 não elabora uma hipótese interpretativa (nome próprio que poderia indicar topônimo, real ou imaginário, por exemplo) para além de “chamar atenção/destacar o nome”. A segunda questão levantada na NT 2 é a tradução diz respeito a forma negativa com uso do <i>No</i> : <i>Door of No Return</i> : T1 procede primeiro a tradução literal (Porta de Não Retorno) e, segundo a mesma, para evitar estranheza na tradução, opta por sem retorno. Esse seria um ponto para debate por parte do tradutor considerando os referenciais teóricos do texto como Venuti e seu conceito de domesticação versus estrangeirização do	

texto fonte na tradução, dentre outros – mas não há indícios no protocolo que esse diálogo teoria e prática tenha sido considerado pelo tradutor em sua tradução. Outro ponto: há uma questão de ordem sintática e semântica: essa negativa com *No* seguido de substantivo ou adjetivo (neste caso, do substantivo *Return*) carrega semanticamente uma negativa forte que o *sem* acaba por suavizar. Em seu protocolo, é interessante sinalizar, o tradutor em nenhum momento faz referência ao fato de que a epígrafe e estas questões foram levantadas em sala pela professora do componente e pelos demais colegas durante oficina de tradução – não há, inclusive, menção de outras alternativas para a negativa como o uso de *nunca* para compensar a forte carga semântica de *No* e a recategorização de *Return* em outras possíveis traduções. Há que se considerar também que o tradutor não questiona sua escolha de tradução para *there are* (que poderia tanto ser traduzido como *existem* como por *há*) e nem a tradução do adjetivo *physical* em *physical door*, tema de discussão em sala durante a oficina em que se traduziu a epígrafe: *physical* é traduzido como físico e não há referência a sua escolha pela autora como oposto à metafísico – isto é, esta porta existe, e outras possíveis traduções para *physical* – a porta é real, é concreta, o que já nos dá uma pista e ajuda a compreender o uso de maiúsculas para *Door of No Return* como topônimo de lugar real.

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<i>They are well worn, gone over by cartographer after cartographer, refined from Ptolemy's Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites.</i>	Elas estão (3º) bem usadas passado por cartógrafo à cartógrafo, refinado pela Geografia de Ptolomeu de fotografias orbitais e imagem (4º) por campo magnético e satélites.
NT 3 e NT 4 retiradas do protocolo de tradução de T1	
(3º) Fiquei em dúvida entre colocar são ou estão, o “são” me pareceu ter uma ideia de continuidade e uso no presente, já o “estão” sugeriu uma ideia de passado, e como o verbo seguinte estava no passado, optei pelo “estão”. (4º) Essa parte foi muito confusa, pela quantidade de qualificativos, optei por não manter todos, ligando-os por preposições.	
Análise	
O primeiro problema na tradução deste trecho proposta por T1 está na tradução do pronome pessoal do caso reto <i>They</i> por <i>Elas</i> , que claramente nos indica que o tradutor não compreendeu que o trecho se refere aos mapas (<i>there are maps</i> – há/existem mapas) e não a portas, usada no singular. A tradução do advérbio <i>well</i> seguido pelo particípio de <i>wear/worn</i> que funcionam como predicação para os mapas é literal: <i>well worn</i> / <i>bem usadas</i> , e não há o levantamento de possibilidades como bem gastos, desgastados pelo fato de terem sido examinados e passados de mão em mão – na expressão <i>gone over by cartographer after cartographer</i> : <i>gone over</i> , com sentido de escrutínio, exame/olhar detalhado é desconsiderado na tradução; essa sequência de desgaste, passando de mão em mão é reforçada e historicamente marcada pelo trecho a seguir: <i>refined from Ptolemy's Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites</i> traduzido como “refinado pela Geografia de Ptolomeu de fotografias orbitais e imagem (4º) por campo magnético e satélites”. Como T1 não compreende que o sujeito deste trecho são os mapas, não consegue fazer a concordância – mapas desgastados, examinados por cartógrafo após cartógrafo, refinados desde a <i>Geographia de Ptolomeu</i> até as fotografias orbitais e as imagens por sensoriamento remoto – e não consegue traduzir a linguagem técnica em <i>magnetic field imaging satellites</i> que demandaria pesquisa em textos específicos da área. Essa dificuldade é anotada por T1 como devida ao aglomeramento de qualificadores, isto é, adjetivos (“Essa parte foi muito confusa, pela quantidade de qualificativos”), mas, de fato, há dificuldade por parte de T1 em identificar os adjetivos e substantivos e como reordenador ou recategorizá-los, optando por “não manter todos, ligando-os por preposições”).	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA

<p><i>But to the Door of No Return which is illuminated in the consciousness of Blacks in the Diaspora there are no maps. This door is not mere physicality. It is a spiritual location. It is also perhaps a psychic destination. Since leaving was never voluntary, return was, and still may be, an intention, however deeply buried. There is as it says no way in; no return. (BRAND, 2001).</i></p>	<p>Mas para a Porta Sem Retorno que é iluminada na consciência dos Negros na Diáspora (5°) não há mapas (6°). Essa porta não é meramente física (7°). É uma localização espiritual. É também talvez um destino psíquico. Uma vez partindo nunca há voluntário retorno, e talvez ainda seja, uma intenção, entretanto profundamente enterrada. Há, pois (8°), como dizem nenhuma maneira em, nenhum retorno.</p>
<p>NT 5 e NT 8 retiradas do protocolo de tradução de T1</p>	
<p>(5°) Assim como feito anteriormente, mantive na tradução as palavras indicadas no texto original com letra maiúscula. (6°) Poderia ter traduzido essa frase de forma diferente, enfatizando a negação, como “não há mapa nenhum”, mas optei por traduzi-la assim, pois se aproxima do tamanho da frase original, que é bem concisa. (7°) Em tradução literal ficaria, não é mera fisicalidade, entretanto causa um estranhamento, por isso optei por inverter o infinitivo para o adjetivo. (8°) Havia quatro palavras- dois advérbios, um verbo e um pronome- que estavam com o sentido de indicação, optei por não colocar essa quantidade de palavras, e reduzi-as para duas, pois ficaria muito longa e fragmentada se colocasse quatro palavras em português.</p>	
<p>Análise</p>	
<p>O participante T1, ao relatar o seu processo de tradução da epígrafe, narra as suas dificuldades de compreensão de determinadas construções linguísticas/concordância. Como podemos constatar, a partir do relato acima transcrito, T1 não toma para si a responsabilidade de ler e interpretar o texto e atenta-se a questões pontuais do texto e não a sua unidade de sentido, de modo que frequentemente sustenta as suas escolhas tendo como base a estrutura do texto original, optando por tradução mais literal, o que lhe dá maior segurança para sustentar seus argumentos no protocolo. T1 apresenta as questões problemáticas na feitura da tradução, mas as questões de tradução postas estão no nível lexical (como traduzir o verbo to be, como ser ou estar), como recategorizar <i>physicality</i>. Outra questão recorrente para alguns trechos, mas não para outros a preocupação de T1 em manter determinadas frases com a mesma extensão da frase original, como podemos perceber nesta fala “Poderia ter traduzido essa frase de forma diferente, enfatizando a negação, como “não há mapa nenhum”, mas optei por traduzi-la assim, pois se aproxima do tamanho da frase original, que é bem concisa”, ou ainda fazer o inverso, reduzir a frase na língua de chegada (Língua Portuguesa) para conseguir dar conta do sentido na tradução em um número menor de palavras, “Haviam quatro palavras- dois advérbios, um verbo e um pronome- que estavam com o sentido de indicação, optei por não colocar essa quantidade de palavras, e reduzi-as para duas, pois ficaria muito longa e fragmentada se colocasse quatro palavras em português”. Podemos constatar que o resultado da tradução de T1 está muito próximo ao que se comumente classifica como tradução literal, ao pé da letra, em que o todo, quando lido na língua de chegada, não faz sentido – o próprio participante, no decorrer do seu protocolo, indica que interpretação é uma questão problema, que ressaltamos, não se restringe apenas ao trecho final da tradução, mas ao entendimento de construções linguísticas em sua própria língua materna.</p>	

FONTE: Protocolo de tradução de T1, 2016

O participante T1, portanto, não compreende a tradução como tarefa de leitura/interpretação da obra e, não compreendendo a obra, põe-se a traduzir sem levar em

conta que a unidade de tradução de uma obra literária não pode ser a sentença, mas precisa ser o texto. Ademais, como ressaltado quando tratamos dos questionários, o participante não procura traçar um paralelo entre os textos discutidos em sala de aula à obra em questão e à sua prática tradutória: não há menção a fontes extratextuais de pesquisa para esclarecimento do texto e da tradução – textos imagéticos, resenhas, textos teóricos etc.

O participante T2, por outro lado, afirma ter buscado recursos imagéticos para embasar a sua tradução, como apontado no final do seu protocolo. Contudo, acaba por apresentar as mesmas dificuldades apontadas pelo participante T1, quanto a escolha de termos, a nível lexical e de concordância, particularmente na tradução da primeira sentença da epígrafe: T1, traduz como “*Porta sem retorno*” e T2 como “*Portal não retornável*”:

Quadro 3: Epígrafe - texto fonte, tradução proposta por T2, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<i>There are maps to the Door of No Return. The physical door.</i>	Um mapa para o portal não Retornável (1º) - (Páginas 117 e 118). Há mapas para o Portal Não Retornável (2º). O concreto portal (3º).
NT 1, NT 2 e NT 3, retiradas do protocolo de tradução de T2	
(1º) Para esta parte da tradução foram utilizados os dicionários online: http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/ ; EM-PT Dictionary Free; https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR . Também foram utilizados: https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR & https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT . A tradução foi realizada de modo contínuo (sic) por cerca de uma hora e depois revisada considerando as anotações realizadas nas oficinas de tradução. (2º) A primeira opção tentada foi “Há mapas para a porta sem retorno”, era a tradução mais simples e automática, a posterior se deu depois das discussões nas oficinas de tradução realizadas nas aulas. Esta considera o uso da negativa “Não” a qual se mantém fiel ao texto e era perdida na primeira opção. O uso de “portal” ao invés de “porta” mantém a possível magia existente no contexto palavra. A troca de “retorno” por “retornável” ocorreu pela concordância. Outra opção pensada para esta expressão foi “Há mapas para o portal irregressível”, que daria a mesma ideia que a expressão anteriormente utilizada, porém haveria algumas perdas não necessárias, tais como realizar a junção entre o “no” e “return”, tornando-se o adjetivo “irregressível” (i+regressar+vel), também haveria perda na sonoridade e beleza da expressão, de maneira que ambas as expressões dão a ideia de algo que não se pode regressar, assim não se faz necessário essas perdas. (3º) Fiquei em dúvida com o uso invertido do adjetivo e o substantivo poderia ficar de duas maneiras “portal concreto” ou “concreto portal”, optei pela segunda opção porque na minha visão fica mais bonito e condizente com o decorrer do texto. Uma outra opção pensada para esta expressão foi “portal físico” porém há uma ambiguidade nesta (físico) palavra que me fez não utilizá-la.	
Análise	
As dificuldades de tradução reportadas pelo participante T2 assemelham-se com as mencionadas pelo participante T1 (<i>There are maps to the door of no return</i> é traduzida por T1, literalmente como <i>existem mapas para a porta de não retorno</i> , sendo <i>no return</i> traduzido posteriormente como “ <i>Sem retorno</i> ”, considerado pelo tradutor como expressão mais usada	

e menos estranha). Emergente no relato de T2 são as várias tentativas tradutórias da sentença “*there are maps to the door of no return*”: T2 busca obter uma tradução justificável. Inicialmente assume que a sua primeira tentativa tradutória “*Há mapas para a porta sem retorno*” foi efetuada de modo automático, isto é, “mais simples”, que não acarretou, entendemos, questionamentos. As discussões realizadas em sala de aula durante o componente “Prática de tradução”, nas oficinas, levaram T2, contudo, a rever suas escolhas. Foi então, que iniciou um processo de auto-reflexão e passou a mapear as várias possibilidades de tradução até que chegasse a tradução final: neste processo, por exemplo, ilustra o uso do termo “portal” ao invés de “porta” – portal manteria, segundo T2, “a possível magia existente no contexto da palavra”, compreendendo que a questão de ordem metafísica posta na palavra. Já a troca de “retorno” por “retornável” (recategorização que o tradutor reconhece sem contudo nomear a operação) ocorreu pela concordância – mas não somos informados o que está em concordância – não retornável, aliás, é uma tradução comum em língua portuguesa para produtos que tem em sua embalagem o “*no return*”, no sentido de que não demandam devolução por parte do cliente – T2, contudo, não faz menção a esse uso de não retornável. Outra possibilidade mapeada por T2 para *Door of No Return* seria “*portal irregressível*”, afirmando que manteria o tom da segunda escolha tradutória “Portal irregressível” – T2, contudo, considera que haverá perdas desnecessárias uma vez que realizaria a junção entre “*no*” e “*return*” transformando-os no adjetivo “irregressível”, além de perda na sonoridade e beleza da expressão (não se alonga no assunto, contudo, para iluminar que beleza e sonoridade são essas), por isso, na tradução final, opta por “Há mapas para o Portal Não Retornável”, a qual cumpriria com a proposta tradutória do participante em questão. *Irretornável* -outra possibilidade de tradução que recupera *return* e que recupera o negativo no prefixo “i” não é considerado por T2, notamos. Ao traduzir sentença “*There are maps to the door of no return*” para “*Há mapas para o Portal Não Retornável*” o participante T2 apesar de deixar evidente demonstrou-se mais reflexivo que o participante T1, pois além de buscar auxílio em dicionários, não se limitou apenas a está ferramenta. Segundo T2, as contribuições dos colegas de classe no componente “Prática de tradução” na oficina sobre o texto em questão fez com que ele fosse mais criterioso ao repensar suas escolhas tradutórias.

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<i>They are well worn, gone over by cartographer after cartographer, refined from Ptolemy's Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites.</i>	Eles estão bem cansados, passando de cartógrafo após cartógrafo, requintado a partir da geografia de Ptolomeu de fotografias orbitais e imagens de campos magnéticos tiradas por satélites (4º) .

NT 4, retirada do protocolo de tradução de T2

(4º) Esta sentença foi muito difícil traduzir, porque não conseguia colocar as palavras em ordem para que fizessem sentido, para conseguir coerência eu acrescentei “tiradas”.

Análise

Outra questão a nível de encaminhamentos nos percursos tradutórios de T1 e T2: T1 se atém ao texto original, enquanto T2 propõe acréscimo de termo (inexistente no texto original) para que a sentença em questão fizesse sentido na tradução – foi o caso da palavra “tiradas”. T2 argumenta que o acréscimo manteria a coerência do texto na tradução. Em sua preocupação em se ater ao texto original, T1 acaba por efetuar erros de interpretação, como traduzir *They* por *Eles*, concordando com *porta*, que estava, inclusive, no singular, erro que não é aqui cometido por T2 – eles, os mapas, contudo, na tradução de T2, estão “bem cansados” (*well worn out* – uma tradução possível, mas que perde o sentido de desgaste pelo tempo por sucessivo uso e uma analogia interessante que não acaba por ser explorada posteriormente na tradução de T2). T2 apresenta também dificuldade na tradução do trecho *magnetic field*

<p><i>imaging satellites</i>, traduzido como “imagens de campos magnéticos tiradas por satélites”. Novamente a questão de ordem sintática e a terminologia mais específica não são corretamente traduzidas, apesar do esforço de T2 em adicionar o particípio “tiradas” – que concorda com fotografia mas não com imagens. Contudo, T2 consegue explicar em sua tradução o processo de sensoriamento remoto – imagens dos campos magnéticos, capturada via satélite, para georreferenciação.</p>	
<u>TEXTO FONTE</u>	<u>TRADUÇÃO PROPOSTA</u>
<p><i>But to the Door of No Return which is illuminated in the consciousness of Blacks in the Diaspora there are no maps. This door is not mere physicality. It is a spiritual location. It is also perhaps a psychic destination. Since leaving was never voluntary, return was, and still may be, an intention, however deeply buried. There is as it says no way in; no return. (BRAND, 2001).</i></p>	<p>Mas, no Portal Não Retornável, a qual é iluminado na consciência dos Pretos (5º) da Diáspora, não há mapas. Este portal não é mera concretude (6º). É um local espiritual. Este é também quicá, um destino psíquico. Desde que deixou nunca foi voluntário, o regresso foi, e ainda pode ser, uma intenção, no entanto profundamente enterrado. Como dizer que não há caminho (7º); nem retorno.</p>
<p><u>NT 5, NT 6 e NT 7, retiradas do protocolo de tradução de T1</u></p>	
<p>(5º) A tradução de “Blacks” foi um pouco confusa, tinha a opção de negro, obscuro, escuro, mas nenhuma dessas opções parece completar o espaço de “blacks”, optei pela palavra “Pretos”, porque dá a ambiguidade percebida na palavra em língua inglesa, assim pode se referir a pessoas negras, assim como ao ambiente escuro. (6º) Outra opção seria “meramente concreto”. (7º) “There is as it says no way in”, esta expressão foi muito difícil traduzir, assim eu coloquei no “google imagens” e apareceu algumas que me deu o sentido utilizado, acho que manteve a coerência do texto, apesar de haver muitas mudanças.</p>	
<p><u>Análise</u></p>	
<p>Nos trechos selecionados, percebemos dificuldade, não dita por T2, quanto às preposições. <i>But to the Door of No Return</i> / Mas, no Portal Não Retornável e <i>Blacks in Diaspora</i> / Pretos da Diáspora são exemplos dessa dificuldade: <i>to</i> está como preposição de lugar, marcando destino e seria melhor traduzido como “para”: para a Porta Sem Regresso/Irretornável; do mesmo modo, em <i>Blacks in Diaspora</i> a preposição <i>in</i> indica a Diáspora, também em maiúsculas, como antípoda de <i>Door of No Return</i>, este outro espaço-tempo no qual os Pretos, como traduz T2, estão contidos, confinados, limitados, ao contrário da preposição “de”, que atua em língua portuguesa, nesse caso, como preposição de lugar marcando origem. O jogo em <i>physicality/concretude</i> que será replicado em <i>psychic destination / destino psíquico</i>, e que retoma a oposição <i>physical</i> e <i>spiritual</i> nos trechos anteriores acaba se perdendo na tradução mais literal – embora concretude expresse da parte de T2 a compreensão deste jogo, pelo menos parcialmente. No penúltimo trecho – <i>Since leaving was never voluntary, return was, and still may be, an intention, however deeply buried</i> – traduzido como “Desde que deixou nunca foi voluntário, o regresso foi, e ainda pode ser, uma intenção, no entanto profundamente enterrado”, percebemos dificuldade de T2 em traduzir o gerúndio que, em língua portuguesa, equivaleria ao uso do verbo no infinitivo. T2 também se atém à tradução mais usual de <i>since</i> (desde) que não cabe no contexto e faz a concordância de <i>buried</i> (enterrado) com retorno e não com intenção, que é de fato o termo ao qual <i>buried</i> se refere. Uma possível tradução para o trecho seria: “Uma vez que partir nunca foi voluntário, o regresso era, e talvez ainda seja, uma intenção, mesmo que profundamente sepultada”. No último trecho desta dita epígrafe, (<i>There is as it says no way in; no return/ Como dizer que não há caminho (7º)</i>; nem retorno), T2 também sente dificuldades em verter o “<i>as it says</i>” (como dizem) e a negativa: para sintaxe da língua portuguesa, o negativo deveria ser adiantado na frase: “Não há, como dizem, entrada” e reforçado pelo determinante “nenhum”</p>	

– uma boa tradução para *no*: “nenhum retorno”.

FONTE: Protocolo de tradução de T 2, 2016

O participante T8, ao contrário dos participantes T1 e T2, procurou justificar suas escolhas utilizando o contexto da obra de Brand (2001) em sua totalidade, isto é, a partir de uma hipótese interpretativa sobre a obra. Além disso, vai em busca de imagens alusivas as experiências apontadas pela autora nesta epígrafe como chaves para compreensão do texto: a diáspora e o deslocamento. Avaliamos, portanto, que T8 cumpre com a proposta demandada em seu protocolo - suas escolhas tradutórias são sustentadas por fundamentação teórica, como podemos notar:

Quadro 4: Epígrafe - texto fonte, tradução proposta por T8, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
There are maps to the Door of No Return. The physical door.	Existem mapas que levam ao Portal do Nunca Mais. Ao portal concreto.
NT 1 e NT 2, retiradas do protocolo de tradução de T8	
<p>O primeiro ponto a ser destacado neste trecho inicial é a tradução do “Door of no return” como Portal do Nunca Mais. Essa escolha parte da leitura interpretativa do tradutor e de sua percepção do sentimento da diáspora ao decorrer da narrativa da autora pós-colonial Dione Brand como algo/lugar/sentimento, na qual o narrador não pode mais voltar “no return” – enfatizado pelo nunca mais. No entanto, em primeira instância, o door of no return remete à porta física/concreta cartografada nos mapas e projetada por meio de satélites. Existem duas referências para as portas concretas assinaladas: a primeira é a Porta do Não Retorno em Ouidah, Benin (Fig. 1) que, apesar de ser um portal visível/concreto por meio da imagem e passível de ser encontrada em mapas, é também uma figura representativa da diáspora; a Fig. 2 apresenta a Porta sem retorno/Porta do Não Retorno em Gorée Senegal localizada no museu Casa dos Escravos, a qual, nos tempos do tráfico negreiro, dava passagem dos escravos para as embarcações negreiras.</p>	
<p>Figura 1: Portal: Benin – A Porta do Não Retorno em Ouidah, Benin./ Figura 2: Musel Casa dos Escravos e sua Porta sem retorno/Porta do Não Retorno, Gorée Senegal.</p>	
	
<p>No primeiro portal fica evidente a referência à diáspora por meio de suas representações esculpidas no topo. Já na segunda imagem, temos apenas um longo corredor sem iluminação que termina em uma porta sem retorno – deixando implícito a figuração e sentimento da diáspora – a qual é trabalhada ao longo das narrativas do texto Mapas para o portal do nunca mais. Ao traduzir “Door of No Return” como Portal do Nunca Mais tentamos refletir o contexto de produção do texto: texto produzido por uma autora canadense-caribenha que</p>	

pertence ao entre-lugar ou não-lugar – representado pelo Portal do Nunca Mais – pois, assim como trazido na nota da capa, “seu verdadeiro lar não é a África, o Caribe ou Canadá, mas a poesia” (BRAND, 2001). Essa escolha de sentidos e significantes que, de certo modo, está relacionada à poieses (sic) do traduzir desponta para as fundamentações apontadas por Meschonic. A primeira razão apontada por Meschonic é que a poética implica a literatura, e assim impede esse vício maior das teorias linguísticas contemporâneas que é o de trabalhar sobre a linguagem separando-a da literatura, isto é, “compartimentando-a, donde empirismos descritivistas regionais e dogmáticos sem teoria de linguagem” (MESCHONNIC, 2009, p. 20).

Análise

Como apresentado nas respostas e análise dos questionários na seção anterior (4.2), este participante em particular, ao longo das observações em sala, demonstrou maior embasamento teórico acerca do campo dos estudos da tradução. Seu processo crítico-reflexivo ao traduzir os excertos da obra, como podemos visualizar acima, articula teoria e prática, e convergem para a construção de uma hipótese interpretativa da própria obra de Brand para justificar suas escolhas. O participante T8, ao traduzir o fragmento da epígrafe “*Door of no return*” como “*Portal do Nunca Mais*”, resalta que o que motivou essa escolha foi a sua leitura interpretativa e sua percepção do sentimento da diáspora no decorrer da narrativa da autora pós-colonial, Dionne Brand (2001), a qual, tinha em seu cerne, esse “algo/lugar/sentimento, no qual o narrador não pode mais voltar “nunca mais” (T8). Conquanto as traduções estejam sempre passíveis de debate, consideramos que o protocolo de T8 ilustra de maneira mais aprofundada a proposta feita pela pesquisadora e pelo componente Prática de tradução.

<u>TEXTO FONTE</u>	<u>TRADUÇÃO PROPOSTA</u>
<i>They are well worn, gone over by cartographer after cartographer, refined from Ptolemy's Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites.</i>	Eles estão bem usados, passados de cartógrafos para cartógrafos, laborados pela Geografia de Ptolomeu até fotografias orbitais e satélites para imageamento por campo magnético.

NT 3, retirada do protocolo de tradução de T8

Ainda no primeiro trecho, temos a sentença “Magnetic field imaging satellites”. Para evitar um truncamento na tradução, decidimos modificar a sintaxe da frase, traduzindo-a como satélites para imageamento por campo magnético. A construção e transposição dessa frase para o português torna-se complexa, pois: a palavra field (campo) é um substantivo e está acompanhado do adjetivo magnetic (magnético) e procedida do substantivo imaging (imageamento), o qual funciona nessa frase como um adjetivo modificador, em consonância com os outros modificadores apontados, do substantivo satellites (satélites). Assim, temos magnetic field imaging como modificadores em função do substantivo satélites. No trecho destacado (em nota de rodapé) temos outro exemplo de modificações sintáticas do texto.

Análise

A tradução proposta de fato busca as discussões de ordem morfossintáticas que estavam faltando nas duas propostas de tradução anteriores. A tradução é satisfatória e inteligível, conquanto não precisa em termos técnicos.

<u>TEXTO FONTE</u>	<u>TRADUÇÃO PROPOSTA</u>
<i>But to the Door of No Return which is illuminated in the consciousness of Blacks in the Diaspora there are no maps. This door is not mere physicality. It is a spiritual location. It is also perhaps a psychic destination. Since leaving was never</i>	[...] Talvez, ele seja um destino imaginário também. Desde que a ida (sempre) foi (in)voluntária , a volta foi, e ainda pode ser, uma intenção, mesmo que profundamente enterrada. Como dizem, não há de forma alguma um caminho; de forma alguma um

<i>voluntary, return was, and still may be, na intention, however deeply buried. There is as it says no way in; no return. (BRAND, 2001).</i>	retorno –nunca mais).
NT 4, NT 5 e NT 6, retiradas do protocolo de tradução de T8	
<p>Na primeira sentença, traduzimos o “psychic destination” como “destino imaginário”, fazendo alusão ao sentimento da diáspora e as lembranças “imagem-nárias” das personagens ao decorrer da(s) narrativa(s). Também modifiquei a sentença “leaving was never voluntary” para “a ida (sempre) foi (in)voluntária”. Primeiramente, modificamos o adverbio never (nunca) para seu antônimo always (sempre), dando continuidade semântica na palavra involuntary (involuntária), acrescentando o prefixo (in) que remete a negatividade do never (nunca). Optamos por essa escolha semântica, para tentarmos referenciar o processo de continuidade no tráfico negreiro, o qual era sempre forçado, involuntário [...] Fica evidente neste trecho a preocupação ou relação da tradução com os sujeitos referenciados no texto – o que desponta para a segunda fundamentação da tradução enquanto poieses (sic). A segunda fundamentação, segundo Meschonic (2009, p.21), aponta que a tradução é vista como poieses/literatura está inter-relacionada ao sujeito, estabelecendo relações do texto com os indivíduos e sua cultura.</p>	
Análise	
<p>Acrescentando que na primeira sentença “psychic destination” foi traduzido por “destino imaginário” alegando que dessa forma conseguiria fazer “alusão ao sentimento da diáspora e as lembranças “imagem-nárias” das personagens ao decorrer da(s) narrativa(s)”. Além disso formam modificadas a sentença “leaving was never voluntary”, justificando que essa escolha semântica foi efetuada para que fosse possível fazer referência ao processo de continuidade no tráfico negreiro (a diáspora negra), o qual segundo o tradutor T8, o sujeito, “era sempre forçado de modo involuntário”. Diante de tal afirmativa, podemos concluir que o tradutor T8 ao traduzir excertos do texto da Brand põe, a partir de seu itinerário reflexivo, em evidência o impacto do deslocamento ao procurar sedimentar sua tradução fazendo uma referência fíncada na experiência da diáspora, além de ter a preocupação em reportar esses sentimentos ao leitor. Pode-se concluir, pelo que foi exposto, que o tradutor T8 procurou não somente traduzir o texto, mais torná-lo inteligível a partir das experiências análogas, diáspora e deslocamento, deixando evidentes suas inquietações acerca do papel da obra em reportar as angústias/inquietações dos sujeitos da diáspora, da própria autora, e as suas próprias experiências. Essas inquietações reportadas pelo participante T8 também estão marcadas nas suas respostas do questionário, no qual a tradução se configura como um ofício que precisamos nos colocar no lugar do Outro – texto/autor, de sua identidade e cultura.</p>	

FONTE: Protocolo de tradução de T8, 2016

Passamos a analisar fragmentos das páginas (120-121) intitulado “*Copper*” traduzida pelo participante T3:

Quadro 5: Seção *Copper* - texto fonte, tradução proposta por T3, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<i>Scarifications (1°) mirrored in scarifications – the one my uncle made of the ones on the face of the image. My uncle’s hands were deft (2°), his finger black on the back (3°) of his hands, pink on the flat of his palms. The other uncle would wear this mask on his chest (4°) or his forehead surrounded by</i>	(Escarificações (1°) refletidas em escarificações – aquelas as quais meu tio fizera daquela sob a face da imagem. As mãos do meu tio eram hábeis (2°), seus dedos negros no dorso (3°) de suas mãos, rosa na planície de suas palmas. O outro tio vestia essa máscara em seu tórax (4°) ou em

<i>feathers [...]</i>	sua testa cercada por plumagens [...]
NT 1 NT 2 NT 3 NT 4 retiradas do protocolo de tradução de T3	
<p>(1º) O termo “Scarifications” para a tradutora era totalmente desconhecido em sua forma original. Contudo ao traduzir com o auxílio da internet no dicionário <i>online Linguee</i>, a tradutora continuou a não entender o termo. Com isso, foi necessário que utilizasse o recurso google imagens para que pudesse ter algo visual, já que na nossa sociedade o entendido se dá melhor por esse meio. Nesse sentido, foi preferível manter a palavra que foi primeiramente encontrada no dicionário. (Nota 2º,3º e 4º) Ao longo da leitura do texto, pode-se perceber que ele tem um tom oral, contudo os termos colocados indicados por 2,3 e 4 são, na língua portuguesa, de tom escrito/formal. Contudo, a presente autora tem uma vertente ligada a poesia, logo, em decorrência disso, deu-se preferência a termos que tornassem o texto com um tom mais poético.</p>	
Análise	
<p>Interessantemente, T3 se distancia de sua tradução no protocolo, referindo-se a si na terceira pessoa – escolha inconsistente, que se alternará com o uso da primeira pessoa ao longo dos protocolos. Esse já é um dado interessante sobre como o participante pensa a imbricação entre línguas, textos e identidades. O participante T3 apesar de dificuldade na compreensão do termo <i>Scarifications</i> percebe, mesmo que de forma ainda inicial, a proposta da autora ao longo do seu texto prosa/poesia/ficção/biografia/ensaios - um texto que compreendemos como um híbrido cultural – aquele texto contemporâneo que atravessa as fronteiras “inter e transcultural” (BERND, 2013) – e sua proposta de deslocamento de tradições literárias diversas, como as de matriz oral e as escritas, particularmente no que tange à sua prosa mista, poética. É preciso ressaltar que para T3 o “tom mais poético” está oposto a tom oral: o participante não consegue pensar poesia em matrizes orais, mas como proveniente de textos de matrizes escritas e o tom poético está em termos considerados por estes como formais, do registro escrito. Aqui a preocupação do tradutor ainda está apenas no nível lexical e não no diálogo com os outros níveis de análise linguística (fonético, morfológico, sintático, semântico), assim como em T1 e em T2 – estes três tradutores não conseguem sair da unidade lexical e de uma abordagem mais literal da tradução em suas práticas tradutórias. Vale ressaltar que mesmo optando por práticas embasadas em preocupações mais estruturais, não conseguem articular seu conhecimento linguístico ao literário e pensar nos diversos níveis linguísticos em jogo quando se trata de tradução – falta essa consciência em ambas as línguas.</p>	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<i>[...] and beads (5º) and dance under the burning sun – singing nonsensical chants (6º) that stood for American or Amerindian words.</i>	<i>[...] e pedras (5º) e dançava abaixo do sol ardente – cantando cânticos (6º) sem sentido, perfilando palavras Africanas e Ameridianas (sic)</i>
NT 5 e NT 6 retiradas do protocolo de tradução de T3	
<p>(Nota 5º) Apesar de conjuntamente na sala a palavra ‘pedras’ tenha sido trocada por ‘missangas’ dei preferência em manter minha tradução original já que, no contexto histórico, esse artefato não existia então seria mais provável que as personagens estivessem utilizando pequenas pedras coloridas no objeto decorado. (Nota 6º) Quando se trata do termo ‘cântico’ o leitor ligará consciente ou inconscientemente ao culto religioso católico, levando-o assim a não entender o parágrafo. Contudo, é com ressaltar que o termo manteve sua primeira tradução, pois caberá ao leitor refletir que os cultos africanos e/ou indígenas também são sagrados e portanto são cantados cânticos.</p>	
Análise	
A primeira questão posta na NT 5 é a tradução da palavra <i>beads</i> por <i>pedras</i> , o participante	

coloca que em conjunto com os demais colegas de sala chegaram a outra possibilidade de tradução que seria *missangas*, no entanto T3 diz ter mantido a sua primeira tradução (pedras), com o argumento de que “no contexto histórico, esse artefato não existia (como o nome de missangas)”, a verdade é que a tradução feita por T3 acabou ficando genérica, pois dificilmente o leitor conseguirá associar a palavra *pedras* nesse contexto a algum artefato/acessório. O participante poderia mapear outra possibilidade de tradução que seria umas cores *feito de pedras* de modo que daria mais informação para que o leitor pudesse associar com prontidão o objeto apontado, haveria o acréscimo de três palavras, no entanto essa adição não iria comprometer o sentido do texto, ao contrário daria um significado explicativo a palavra *pedras* (a não ser que o objetivo do participante fosse causar um estranhamento ao leitor). Outro ponto é a tradução da expressão *singing nonsensical chants*, o participante coloca como questão nessa sentença a tradução de termo *chants* por *cânticos* relatando que “o leitor ligará consciente ou inconscientemente o termo traduzido ao culto religioso católico”, recuperando a dimensão religiosa do evento. Os cânticos, afinal, não estão apenas presentes no cenário católico, sendo muito comum dentre as religiões de matriz africana - os cânticos/ cantos/ são uma das marcas da identidade do povo africano.

FONTE: Protocolo de tradução de T3, 2016

Passamos a analisar o fragmento da página (119) intitulado “*Maps*” traduzido pelos participantes T4, T5 e T6. O participante T4, relatou que, inicialmente fez uma leitura superficial da obra em questão, depois começou por traduzir os excertos escolhidos literalmente, percebendo que o ritmo de tradução literal não se aplicaria, precisou pausar a tradução indo em busca de informações para melhor compreender o contexto da obra. Já o participante T5 restringiu-se a apontar dificuldades encontradas na tradução de apenas dois termos desse fragmento, “*polyptych altarpiece*” e “*Isabella is kneeling Ferdinand is standing*”, ao passo que o (a) participante (a) T6, relatou a mesma inquietação apresentada pelo participante T4, quanto a tradução dos nomes próprios, dizendo ter traduzido o excerto durante uma tarde, apresentando dificuldades de concentração durante o exercício da prática.

Quadro 6: seção *Maps* – texto fonte, tradução proposta por T4, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<p>Página 120 -121 - tradução feita no dia 15 de setembro de 2015 às 22:15: <i>Maps</i> (p.119) <i>Isabella of Castille comissioned a polypych altarpiece in 1496. Juan de Flandes and Michel Sitow were retained to work in the miniature altarpiece. In one panel called “The Multiplication of the Loaves and Fishes” Isabella and Ferdinand were inserted into the scene at the front of the crown near Jesus Christ. Isabela is kneeling. Ferdinand is standing. What can be inferred here is that Isabella led a Fabulous religious fantasy life. To see herself and Ferdinand at</i></p>	<p>(Isabella of Castille encomendou um retábulo políptico em 1496. Juan de Flandes e Michel Sitow foram convocados para trabalhar no retábulo em miniatura. Em um painel chamado “A multiplicação dos pães e dos peixes” Isabella e Ferdinand estão na cena em frente a coroa perto de Jesus Cristo. Isabella está ajoelhada. Ferdinand está de pé. O que se pode deduzir é que Isabella levou uma vida de fabulosa religiosa de fantasia. A se ver Ferdinand nesta ocasião com prova à fertilidade da imaginação dela. Mas talvez fosse Juan de Flandes na tentativa de agradar</p>

<p><i>this occasion attests to the fertility of her imagination. But perhaps it was Juan de Flandes attempt to ingratiate himself further with Isabella of Castille; perhaps he said to her one day: “Dearest Queen, this scene would be nothing without you. You simply must be in it.” Then again the ideia of multiplying loaves and fishes, this particular miracle must have appealed to Isabella as she and Ferdinand acquired more and more wealth.</i></p>	<p>ainda mais Isabel de Castela. Talvez ele dissesse para ela um dia: “Querida rainha, esta cena não seria nada sem você. Você simplesmente deveria estar nela.” Então, de novo a ideia da multiplicação de pães e peixes, esse milagre particularmente deve ter atraído Isabella quando ela e Ferdinand adquiriram mais e mais riquezas).</p>
<p><u>NT retiradas do protocolo de tradução de T1</u></p>	
<p>28/07/2015- 19:15 P.M Após uma leitura superficial, seguida de uma leitura mais atenta ao trecho Maps da pag. (sic)119, decidi traduzir todo o trecho sem fazer qualquer intervalo. No entanto, achei necessária uma rápida pesquisa sobre a autora Dionne Brand bem como sobre o livro “A map to the door of no return” que é rotulado como uma coletânea de ensaios semiautobiográficos que contam um pouco da própria condição da autora bem como dos povos africanos em seu deslocamento para o Caribe e as Américas. A dificuldade tradutória mais relevante que encontrei nesse trecho foi a dúvida entre traduzir ou não os nomes próprios, que optei manter o original. Depois de ter traduzido o trecho inteiro e lembrado da minha dúvida em traduzir ou não, pesquisei mais sobre essa questão que já havia sido debatida em sala de aula e li que a “não tradução” também é uma solução muito usada pelos tradutores e que divide opiniões pois, por alguns é considerado como servidão ao autor e à língua de origem por outros como uma falta de respeito à língua de chegada ou mesmo como alteridade versus domesticação. Como ferramentas de tradução, que foram indispensáveis na realização desse trabalho, usei o dicionário online Dictionary.com (link http://dictionary.reference.com/) e o Google tradutor. Finalizei as 20:04 P.M. Não fiz uma revisão da tradução. NOTAS: (Linha 2) polypytch altarpiece=Procurei imagens do que eram no google, pois mesmo traduzindo não sabia o que era e precisava visualizar. (Linha 6) -Isabella led a Fabulous religious fantasy life. A quantidade de adjetivos no trecho, me deixou confusa. Traduzi literalmente mas não souu bem. (Linha 13) To see herself - Inicialmente traduzi por conta própria como ‘Para ver ela mesmo’. Ficou muito estranho. Encontrei De se ver/A se ver. Escolhi A se ver. (Linha 22) Appeal/appealed - encontrei as seguintes traduções: recorrer, atrair e apelar. Escolhi atraído por conta do discurso de Flandes para Isabella.</p>	
<p><u>Análise</u></p>	
<p>Dentre os pontos anotados no protocolo do participante T4 um em particular chama-nos atenção, sua dificuldade na tradução dos nomes próprios - traduzi-los ou não - chegando à conclusão que deveria mantê-los em sua forma original (Língua Inglesa). Todavia, o participante sente-se incomodado diante da escolha, decidindo efetuar uma pesquisa em virtude do que havia sido debatido em sala (sobre a tradução de nomes próprios), portanto encontra-se amparado sobre o conceito da “não-tradução” que segundo o participante “é uma solução muito usada pelos tradutores e que divide opiniões, pois, por alguns é considerado como servidão ao autor e à língua de origem por outros como uma falta de respeito à língua de chegada ou mesmo como alteridade versus domesticação”. Como tradutor, o participante poderia fazer suas próprias escolhas, desde que pudesse justificá-las a partir de alguma intencionalidade (um projeto de tradução) ou usando do texto da língua fonte – cada tradutor assume uma postura diferente no momento de sua prática e acreditamos que cada escolha depende da intenção do tradutor para com o seu público de recepção. A inquietação do tradutor T4 sobre traduzir ou não os nomes implica o próprio confronto de sua condição -</p>	

tradutor/manipulador – com sua identidade enquanto mediador entre culturas, questionando-se as traduções dos nomes não iriam apagar a identidade, ou melhor, a representação daqueles sujeitos em relação à proposta do texto de Brand (2001), que possivelmente seria, expor a condição hegemônica desses sujeitos diante da experiência da diáspora, ou um outro aspecto atenuante e que não percebido pelo tradutor.

FONTE: Protocolo de tradução de T4, 2016

Como dito, o participante T5, restringiu-se a apontar dificuldades encontradas na tradução de apenas dois termos do fragmento “*Maps*”, são eles, “*polyptych altarpiece*” e “*Isabella is kneeling Ferdinand is standing*”, como podemos visualizar a seguir:

Quadro 7: seção *Maps* – texto fonte, tradução proposta por T5, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<p>MAPS: <i>Issabelle of Castille commissioned by a polyptych altarpiece in 1496. Juan Flandes and Michael Sittow were retained to work on the miniature altarpiece. In one panel called “The Multiplication of Loaves and Fish” Isabella and Ferdinand are insert into the scene at the front of the crowd near Jesus Christ. Isabella is kneeling Ferdinand is standing.</i></p>	<p>Mapas - Isabella de Castille encomendou um retábulo políptico de 1496. Juan de Flandes e Michel Sittow foram contratados para trabalhar fazendo alguns retoques pequenos na arte. Em um painel chamado “A multiplicação de pães e peixes” Isabella e Fernand foram implantados/incluídos na cena em frente da multidão perto de Jesus Cristo. Isabella ajoelhando-se: Fernand em pé.</p>
NT retiradas do protocolo de tradução de T1	
<p>Deparamos com a primeiro obstáculo polyptych altarpiece que se refere a pinturas renascentistas feitas em painéis de madeira ou pedra chamados de retábulos que tem as imagens divididas em seções que conta uma história. Geralmente ilustram histórias religiosas. Apesar dessa definição houve-se que pesquisar em imagens no google pois não conhecia esse tipo de arte.</p>	
Fig1 “A multiplicação dos pães e peixes”.	fig. 2 Retábulo políptico.
	
<p>Nessa passagem a história torna-se muito evidente do uso de pintores famosos dessa época que pintaram retratos da rainha Isabella de Castille nessa passagem é posto em foco a arte renascentista e religiosa. Gramaticalmente, pode-se dizer que não houve muitas dúvidas e problemas houve perdas e acréscimos na passagem: Isabella is kneeling Ferdinand is standing. Traduzida: Isabella ajoelhando-se Fernand em pé. Na língua inglesa o <i>ing</i> tem função de gerúndio e de substantivar e adjetivar um verbo, caso que não acontece no português optei por deixar um verbo no gerúndio com a partícula <i>se</i> como pronome reflexivo, no segundo ver escolhe a palavras <i>em pé</i> que realmente descreve a imagem que a escritora quis passar.</p>	

Análise

Como podemos observar, o participante T5, assim como outros participantes, faz uso de ferramentas de busca e de recursos visuais, mas suas buscas, como a dos participantes T1 e T2, limitam-se a questões pontuais que lhe auxiliem na tradução de sentenças que, por si só, não dão o sentido do texto – não há construção em seus protocolos de hipóteses interpretativas. O tradutor precisa estar consciente do seu papel enquanto tradutor, de que este não é um transportador de cargas/informação, ele tem uma responsabilidade com seu leitor, responsabilidade frente a uma rede ininterrupta de significâncias tramadas no Outro - texto, língua, identidade. T5, assim como os participantes citados, quebra, mesmo que de modo inconsciente, estas redes, sedimentando suas argumentações a base de sentença isoladas, deslocadas do corpo do texto. Por outro lado, T5 se preocupou em entender os termos apresentados, indo em busca de imagens que pudessem lhe dar o sentido da oração, ao contrário de T1 e T2, presos às questões lexicais do excerto que se propuseram a traduzir sem considerar, pelo que emerge em seus protocolos, o sentido geral do texto. Não há triangulação entre prática e teoria nos protocolos destes três participantes.

FONTE: Protocolo de tradução de T5, 2016

O (a) participante (a) T6 relata a mesma inquietação apresentada pelo participante T4, quanto à tradução dos nomes próprios. Diferente do tradutor T4, o tradutor T6 optou por traduzir os nomes próprios do excerto da página (119 “Maps”), apresentando a seguinte justificativa:

Quadro 8: seção *Maps* – texto fonte, tradução proposta por T6, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<p>Maps – (1º) <i>Isabella of Castille commissioned a polyptych altarpiece in 1496. Juan de Flandes and Sittow were retained to work on the miniature altarpiece. In one panel called “The Multiplication of the Loaves and Fishes,” Isabella and Ferdinand are inserted into the scene at the front of the crowd near Jesus Christ. Isabella is kneeling; Ferdinand is standing. What can be inferred here is that Isabella led a fabulous religious fantasy life. To see herself and Ferdinand at this occasion attests to the fertility of her imagination. But perhaps it was Juan de Flandes’ attempt to ingratiate himself further with Isabella of Castille: perhaps he said to her one day. “Dearest Queen, this scene would be nothing without you. You simple must be in it.” Then again, the idea of multiplying loaves and fishes, this particular miracle, must have appealed to Isabella as she and Ferdinand acquired more and more wealth.</i></p>	<p>Mapas – (1º) Isabela de Castela (Nota 1) comissionou um retábulo políptico em 1496. Juan de Flandes e Michel Sittow foram mantidos para trabalhar na miniatura do retábulo. No painel chamado “A Multiplicação dos Pães e dos Peixes,” Isabela e Fernando foram inseridos na cena em frente à multidão próxima de Jesus Cristo. Isabella está ajoelhada e Ferdinand está de pé. O que pode ser inferido aqui é que Isabela levava, fabulosamente, uma vida fantasio-religiosa. Ver ela mesma e Fernando nessa ocasião atesta a fertilidade da sua imaginação. Mas, talvez, fosse a tentativa de Juan de Flandes para congarçar-se ainda mais com Isabela de Castela, talvez dissesse para ela um dia: “Querida Rainha, essa cena não seria nada sem você. Você simplesmente (sic) deveria estar nela.” Em seguida, a ideia de multiplicar pães e peixes, esse milagre em particular, deve ter atraído Isabela, como ela e Fernando adquiriram mais e mais riquezas.</p>

NT 1 retirada do protocolo de tradução de T1

11/04/15 - Levei uma tarde para traduzir esse trecho, dado que me distraia facilmente. Ele foi revisado após a apresentação na aula do componente Prática de Tradução. Para tanto, foi utilizado dicionários online e pesquisa na internet. **(Nota 1) Isabella of Castille-** Isabel I de Castela, rainha-consorte da Sicília a partir de 1469 e de Aragão desde 1479. Primeiramente eu tinha optado por não traduzir o nome da personagem, mas, após a apresentação/discussão dessa tradução na aula de prática de tradução, decidi traduzir, pois facilitará na compreensão do leitor, o qual poderá associar com mais prontidão o nome a figura histórica.

Análise

O participante T6 desde o dia em que expôs sua primeira tradução em sala na oficina do componente “Prática de tradução” mostrou-se bastante interessado no excerto intitulado “Maps”, ao que parece, justamente por conter nomes próprios. Sua inquietação sobre traduzir ou não os nomes próprios percorreu por toda a aula, numa discussão intensa, mas muito proveitosa, pois tanto T6 quanto T4 acabaram por apresentar as mesmas inquietações, só que, diferentemente de T4, que decidiu por não traduzir os nomes próprios, justificando que a não-tradução também é uma possibilidade, T7, optou por traduzi-los estando convencido de que assim o leitor “poderá associar com mais prontidão o nome a figura histórica”, (particularmente) da rainha “*Isabella of Castille*”. Em outras palavras, o (a) participante T6 optou por deixar o texto mais fluído/compreensível para o leitor, alegando que esse, (o leitor) automaticamente, ao reconhecer o nome próprio em sua língua materna, reconheceria a figura história de “*Isabella of Castille*” traduzida pelo participante literalmente por “Isabel I de Castela”. Há um diálogo intertextual, portanto, com o contexto histórico – este é um dos diálogos que Brand enceta em seu texto-palimpsesto: a experiência histórica – e cultural, identitária, geográfica – da diáspora.

FONTE: Protocolo de tradução de T6, 2016

Apresentaremos o protocolo no qual o participante T7 reporta-nos suas inquietações ao traduzir o excerto intitulado “*More Maps*”, traduzido pelo mesmo por “*Mais Maps*”:

Quadro 9: seção *More maps* – texto fonte, tradução proposta por T7, NT e análise

TEXTO FONTE	TRADUÇÃO PROPOSTA
<i>More Maps: According to my uncle the world was its books, its words, its languages. His evenings of grammar drills induced illnesses, panic attacks, nausea, and sleepiness. “It’ could never ‘have’”, he would shout to some child saying, “Uncle, it have a man outside asking for you”. “There is, ‘there are’ for the plural, but ‘it’ could never ‘have’”. No simple request or statement went without such correction, until this child forgot or regretted what he or she wanted. Soon there was pure silence around my uncle.</i>	Mais Maps - De acordo com o meu tio, o mundo era os livros , suas palavras, suas línguas. Suas tardes de treinos gramaticais induziram enfermidades, ataques de pânico, náusea e sonolência. “‘Tu’ nunca ‘tem’”, ele responderia aos berros para alguma criança que dissesse: “Tio, tu tem visita lá fora te esperando”. “‘Tens visita’, ou ‘visitas’ para o plural, mas ‘tu’ nunca ‘tem’.” Não existia uma única afirmação que passasse sem tais correções, até que essa criança se esquecesse o que queria. Breve havia um puro silêncio em torno do meu tio.
NT 1 retiradas do protocolo de tradução de T1	
Neste último trecho, me vi diante de apenas dois grandes problemas: como explicar a que se referia o “ <i>its books</i> ”, já que o possessivo em inglês varia para coisas ou para pessoas,	

diferentes do português? Como recriar a correção do erro da narradora-personagem, se não temos, no português, a regra da terceira pessoa no presente? A solução para a primeira inquietação foi omitir o pronome possessivo na primeira palavra, o que diminuiu a ambiguidade (se o seus se referia ao mundo ou ao tio). A segunda foi reformular a frase e os erros para se adequar a uma regra análoga que temos em nosso idioma: a da segunda pessoa do singular, “tu”; e adaptar, também, o “*there is*” e “*there are*”, substituindo os verbos pelo substantivo “visitas”, para manter a diferença entre singular e plural que o tio enfatizou. Acredito que isso deu conta de manter a carga da cena da obra original.

Análise

Sobre o excerto acima, o tradutor T7 debruçou-se sobre o termo “*its book*”, levantando questionamentos, procurando refletir, através de indagações que pudessem sanar, ou melhor, resolver o desafio na tradução desse pequeno termo. O participante, não apenas preocupou-se em traduzir um grupo de palavras, para então formar um sentido conjunto, mas sim, dar mais atenção, e procurar fazer um escolha consciente que de certa forma deixaria o texto mais próximo da cultura da língua portuguesa. Para que isso ocorresse foi necesssário sair um pouco de si, isto é tornar-se o inter-lugar, para tentar compreender o sentido posto pela autora e conseqüentemente, como essa transferencia para a outra língua poderia vir a manter o sentido do texto original. No final de seu protocolo, T7 diz que as escolhas feitas foram suficientes para tornar o texto mais legível, “Acredito que isso deu conta de manter a carga da cena da obra original” (TRADUTOR, T7). “Que isso deu conta”, quer dizer que as escolhas feitas conseguiram manter o sentido da cena apresentada na obra original e não mudou o que deveria ter sido mantido. Contudo, T7 assim com os demais, com exceção do participante T8 que efetivamente elenca questões teóricas a sua prática, T7 se limita à tradução do pronome pessoal do caso oblíquo para justificar o impasse em sua tradução, ele poderia ter procurado compreender o termo dentro do contexto e assim chegar a uma tradução que não iria prejudicar a rede de significação do texto em sua totalidade.

FONTE: Protocolo de tradução de T7, 2016

Neste capítulo tratamos especificamente da análise e interpretação dos dados coletados e encontrou-se subdividido por seções. Na seção 4.1, apresentamos um panorama geral sobre duas das aulas observadas junto a três alunos (as) regularmente matriculados no componente curricular “Prática de tradução”. A primeira observação registrou uma dimensão prática, em que o participante T8 trouxe para a sala uma pequena parte do percurso tradutório de alguns termos da obra *A Map to the Door of No Return* (2001). Já a segunda observação, registrou uma aula teórica, os participantes T6 e T7 discutiram juntamente com a turma o texto “*The politics of translation*” de autoria de Spivak (2000) os mesmos direcionaram a discussão do texto para um cunho também prático, observou-se uma maturidade de T6 e T7 na condução da discussão, bem como uma apropriação do conhecimento prévio relacionado ao texto. Na seção 4.2 analisamos os dados triangulados dos questionários. A fim de conhecer o perfil e as experiências de cada participante na formação e compreensão do fenômeno da tradução. Foram elaboradas oito perguntas, três questões relativas a informações pessoais e cinco abertas, relativas à prática de tradução, experiência, formação e concepção, com o intuito de perceber como o diálogo entre teoria e prática propostos pelo componente emergiria

na reflexão destes discentes quando tivessem que pensar sua prática. Finalmente, na seção 4.3 foram analisados os dados triangulados dos protocolos e notas das traduções. Investigou-se a quais estratégias e ferramentas os participantes iram recorrer e como o diálogo entre teoria e prática seriam consolidadas em suas traduções e protocolos.

Como dito, este capítulo encontrou-se subdividido por seções, escolhemos este trajeto por acreditar, que uma organização mais didática poderia ajudar no trabalho da pesquisadora e o entendimento do leitor quanto aos procedimentos de construção de dados. Primeiro porque, ao apresentarmos as observações estaríamos dando uma prévia ao leitor de como a prática e a teoria foram trabalhados em sala. Segundo, como esse trabalho em sala seria concretizado em reflexões futuras pelos participantes, quando tivessem que responder a perguntas relativas às suas experiências tradutórias e teóricas. Terceiro, nos protocolos seria avaliado, como e se, as questões postas em sala da aula (nos componentes sobre tradução, particularmente Prática de tradução) emergiriam nas falas dos participantes no momento da prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As traduções, protocolos e notas das traduções dos participantes (T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7, T8), os questionários aplicados e as observações efetivadas em sala de aula, foram os instrumentos utilizados para a construção de dados, como extensamente explicitamos no capítulo 3, interpretados a partir dos seguintes objetivos: a) compreender como a prática tradutória demandada pelos tradutores não profissionais põe em evidência o deslocamento de suas identidades culturais ao tempo em que media diálogos entre culturas, b) investigar se há ou não a preocupação/ o cuidado do tradutor em buscar informações contextuais, extratextuais e paratextuais para contextualizar a proposta literária da obra traduzida, c) averiguar como as competências demandadas para a tradução (construídas ao longo do curso na intercessão de vários eixos – cultural, linguístico, literário, entre outros), contribuem para a construção de uma prática tradutória crítica e reflexiva, teoricamente embasada, emergente nos protocolos e notas de tradução.

A primeira pergunta de pesquisa que levantamos foi se os marcos teóricos e discussões desenvolvidas nas aulas sobre tradução³⁰, bem como a prática tradutória demandada pelos componentes, contribuíram para a elaboração de protocolos e notas da tradução, referente à obra *A Map to the Door of No Return*, críticos e reflexivos - reflexo de práticas tradutórias críticas. Pode-se responder que, em vista da análise dos protocolos, os participantes T4, T6, T7, T8 mostraram-se mais reflexivos, preocupados em construir suas traduções a partir de suas inquietações e percepções quanto aos excertos ilustrados neste trabalho.

A segunda questão levantada consistiu em averiguar de que maneira estes documentos elaborados pelos tradutores não profissionais refletiram a experiência do deslocamento de suas identidades culturais, uma vez que, a) ao traduzirmos estamos pondo em questão tanto a nossa identidade quanto a do – Outro – autor, texto; b) a própria obra escolhida tem a experiência do deslocamento (forma e conteúdo, diáspora e gêneros literários) como seu cerne. Diante da análise dos dados advindos dos instrumentos aplicados e da triangulação destes, não percebemos que a questão do deslocamento das identidades culturais dos participantes – postas em xeque tanto pela sua tarefa enquanto tradutores, como pelo próprio texto da autora que tem a diáspora e o deslocamento como experiências estruturantes de sua obra, conforme discutimos no segundo capítulo deste trabalho – tenha sido uma questão

³⁰ Componentes Tópicos de Tradução, cursado no quarto semestre, e Prática de Tradução, cursado no sétimo semestre.

relevante para os tradutores, com exceção de T8 (que, inclusive, relaciona sua experiência tradutória ao parto de um texto-monstro). Para T1, por exemplo, a tarefa de elaborar os protocolos e refletir sobre sua prática se configurou com uma tarefa cansativa (interessantemente, o trabalho de conclusão de curso de T1 trata sobre pós-colonialismos). Tal reflexão crítica sobre deslocamento e diáspora também não ficou evidente nas respostas dos questionários dos demais participantes.

O terceiro e último questionamento levantado foi sobre qual seria o papel adotado pelos tradutores quanto ao diálogo entre obra e tradução e quais meios contextuais, extratextuais e imagéticos utilizaram para tornar a obra mais ou menos legível em língua portuguesa. Seis dos oito participantes relatam ter utilizado ferramentas *online* como dicionários *online*, Google *imagens*. Além dos recursos citados, T4, T7 e T8 foram em busca de outros textos, artigos científicos, resumos, etc., que melhor embasassem suas traduções. O participante T8, inclusive, ao traduzir e elaborar seus protocolos utilizou a própria obra da Brand (2001) para solidificar suas escolhas.

Como apontado na introdução e no decorrer da discussão metodológica, esta pesquisa passou por vários momentos críticos, tanto a definição do campo quanto o recorte e posterior a deflagração da greve dos docentes das universidades estaduais prejudicaram o andamento da pesquisa. Primeiro, levou-se bastante tempo até que o recorte no campo a ser pesquisado fosse definido, fato que causou frustração à pesquisadora e prejudicou a aceleração do andamento da pesquisa. Depois, com a greve, a pesquisadora foi forçada a interromper as observações em sala, reduzindo a permanência e contato com os participantes de pesquisa. Em seguida, a própria aplicação do questionário, por uma limitação de tempo, foi efetuada no último dia de aula, fato que impossibilitou o regresso da pesquisadora à turma caso as respostas fossem insatisfatórias e outras aproximações pudessem se fazer necessárias.

A primeira limitação encontrada quando nos deparamos com a análise dos dados foi por termos optado pela observação assimétrica, não-estruturada, pois, de modo geral, consideramos que as observações acabaram por se tornar inconsistentes: teria sido necessário definir, de antemão, os objetivos e os propósitos para cada observação para que as mesmas pudessem ter contribuído de maneira mais efetiva na análise dos dados. Os protocolos, outro instrumento utilizado, foram deixados a cargo dos participantes quanto à elaboração, isto é, eles ficaram livres quanto ao registro: a pesquisadora e orientadora apenas sinalizaram os elementos que estes deveriam conter. Todavia, em termos de organização, tal proposta não funcionou como o esperado, pois acabou por acarretar protocolos com dados diferenciados, dificultando a triangulação e categorização dos mesmos. Esta foi uma falha da pesquisadora,

pois ela havia sido orientada previamente sobre a necessidade de fornecer aos participantes um modelo único/padronizado de protocolo.

Como ponto positivo, temos a participação efetiva da pesquisadora em sala de aula, onde a mesma pôde acompanhar os participantes no decorrer do desenvolvimento do componente, além disso, por ter tido a oportunidade de participar e dirigir algumas discussões em sala em conjunto com sua orientadora. Outra questão é considerar a utilização de registros orais (entrevistas), pois possivelmente algumas questões (relativas a experiências teóricas) seriam mais bem esclarecidas em uma entrevista, do que através de questionário, que por si, já é um instrumento limitado de pesquisa.

Assumir a função de pesquisadora diante de uma turma considerada “modelo” por alguns docentes foi desafiador e ao mesmo tempo instigante. Por vezes, a insegurança pairada, não por estar diante desses discentes, mais por ter a oportunidade de observá-los em seu *locus* e posteriormente interpretá-los. Acredito que a posição de observador não é algo fácil, é como se houvesse um objeto estranho olhando e tomando notas, mas com esses discentes eu fiquei totalmente à vontade, pois já tínhamos uma relação anterior, vindoura do contato em outros componentes e puderam-se construir possibilidades de acesso e trocas. No entanto, no tangente aos protocolos, senti que a elaboração foi principalmente efetuada pelo rigor da docente do componente e não porque estavam satisfeitos em contribuir com a pesquisa, tendo em vista que para o componente “Prática de tradução” estes discentes deveriam elaborar *papers* finais referentes à obra e não os protocolos propriamente ditos, apenas os participantes T1, T7 apresentaram os protocolos, os demais encaminharam os *papers*, neles estavam contidos os relatos da tradução (notas comentadas), não foram enviados diretamente à pesquisadora, mais à orientadora e professora do componente, sendo posteriormente encaminhados por esta última, para que a pesquisadora procedesse com a triangulação.

Como pesquisadora, posso afirmar que a realização/ o desenvolvimento da presente pesquisa foi algo enriquecedor, principalmente por realizá-la na UNEB-Jacobina (instituição na qual eu passei o último quarto anos da minha vida). Esta pesquisa surge como uma possibilidade de reconfiguração do próprio curso Letras – Língua Inglesa, no sentido de que inicia uma reflexão do lugar de alguns componentes – língua, literatura, tradução, etc., na formação/ concepção cultural e identitária discente/ pesquisador/profissional. Mas, também para a pesquisadora, que como aluna (ex-aluna), pôde refletir o seu processo de formação/amadurecimento intelectual e crítico ao longo do curso. Daqui em diante, a mesma, terá a possibilidade de corrigir algumas falhas em sua formação, bem como mapear outras

oportunidades de formação profissional/ de pesquisa, uma vez que o trabalho monográfico é apenas o começo que possibilita alçar altos voos. Com essa pesquisa, em que limitações foram testadas, potencialidades foram descobertas ou simplesmente acordadas, não podemos simplesmente deixá-la na gaveta ou numa estante qualquer. O trabalho, afirmo, não encerrar-se-á aqui!

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática** – 5. ed. – São Paulo: Ática, 2007.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**; tradução Denise Bottman – São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **O melhor da poesia brasileira**. 16ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- ASSOCIAÇÃO EDUCATIVO-CULTURAL (AEC-TEA). **Estatuto Social**, 2002.
- BHABHA, Homi K. **“Introdução Locais da cultura”**. IN: O Local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 19-42.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. 2ª ed. Ampliada. São Paulo, Makron Books, 2000.
- BASSNETT, Susan, TRIVEDI, Harish. **“Introduction: of colonies, cannibals and vernaculars”**. In: Post-colonial translation: theory & practice. New York: Routledge, 2002, p. 01-19.
- BENJAMIN, Walter. **“A tarefa do tradutor”; tradução**; Fernando Camacho. Organizadora Lucia Castello Branco - Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.
- BERMAN, Antoine. **“Translation and the trials of the foreign”**. Translated by Lawrence Venuti. In: Translations studies reader. London: Routledge, 2000. P. 284-297.
- BERND, Zilá. **Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade**, [S. l.], n. 23, p. 211-222, Revista Brasileira de Literatura Comparada, 2013.
- BRAND, Dionne. **A map to the door of no return – notes to belonging**. Canada: Vintage, 2001, p. 119-135.
- CESAR, Ana Cristina. **Escritos da Inglaterra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- Desleitura em série: **da tradução como transcrição, adaptação, refração, diáspora**. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1792517921828602>>. Acesso em 23 maio 2016.
- ADUNEB. **Greve dos servidores das universidades estaduais da Bahia**. Disponível em: <http://www.aduneb.com.br/email_visualizacao.php?nws1_env_pk=483> acesso em: 10 de abr. 2016).
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Rescende et al. – Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: representação de UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **Identidade cultural na pós-modernidade**: Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAKOBSON, Roman. “**On Linguistic Aspects of Translation**”. In: *Translations studies reader*. London: Routledge, 2000. P. 113-118.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**; tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LUDKE, Mengue, ANDRÉ Masli. **Pesquisa em Educação. Abordagens qualitativas**. S. Paulo, EPU, 1986.

MAGALHÃES, Célia. **Tradução e Transculturação: A teoria monstruosa de Haroldo de Campos**. [S. l.], n.3, v. 1, p. 139-156, *Cadernos de Tradução*, ISSN 2175-7968, Florianópolis, Brasil, 1998.

MARLEY, Bob. **Redemption Song**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/bob-marley/24572/tradução.html>>. Acesso em: 07 out. 2015).

MESCHONNIC, H. **Poética do traduzir, não tradutologia**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/poeticadotraduzir-site.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. – 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. – (acadêmica; 16).

PAES, João Paulo. **Tradução a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir**. - São Paulo: Editora Ática S.A. 1990.

Padrão PUC Minas de normalização: normas da ABNT para apresentação de teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos / Elaboração Helenice Rêgo dos Santos Cunha. 9. ed. rev. ampl. atual. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**; tradução; Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**; tradução Tomás Rosa Bueno. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “**The Politics of Translation**”. In: *Translations studies reader*. London: Routledge, 2000. P. 397-416.

TYMOCZKO, Maria. **“Post-colonial writing and literary translation”**. In: Post-colonial translation: theory & practice. New York: Routledge, 2002, p. 19-32.

VENUTI, L. **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença**; tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VENUTI, L. **“Translation, community, utopia”**. In: VENUTI, L. (Ed.). The translation studies reader. London/New York: Routledge, 2004. p. 397-416. p. 468-488.

APÊNDICE A – DADOS DA OBSERVAÇÃO

Data: 21 de agosto de 2015

OBSERVAÇÃO 1

Nesta aula específica a docente apresentou para a turma o estudo de caso da tradução de alguns poemas de E. E. Cummings: Olho e Fôlego, traduzido por Augusto de Campos, solicitou que a turma passasse o olho nos poemas e analisasse a forma de cada um deles. O que chamou a atenção da turma foi a estruturação das estrofes, por se tratar de poemas compostos por versos livres. Os poemas foram retirados da obra; CAMPOS, Augusto De. E. E. Cummings – pões(a)s. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011. Toda a aula desse dia foi dedicada a análise da tradução dos poemas em comparação com o “original”. Evidenciando termos e palavras que foram retiradas, compensadas e quais as implicações dessas escolhas para a compreensão e manutenção da forma do poema. A docente levantou vários questionamentos acerca da tradução de poesia, por que há um problema em se traduzir poesia? Qual a maior preocupação do tradutor ao traduzir poesia? entre outras. As questões foram sendo solucionadas a medida em que a turma ia cotejando a poesia “original” com sua respectiva tradução. Ao final da aula foi reservado um momento para a reorganização do plano de curso da disciplina, tendo em vista que com a paralisação dos professores da UNEB, ocorreu um desordenamento do cumprimento das aulas. A docente sugeriu que as aulas ocorressem quinzenalmente e fossem subdivididas entre a teoria e a prática da tradução, decisão que foi acatada por todos, desse modo, os textos teóricos e a apresentação da prática de tradução será apresentada em duplas a cada quinze dias dessa aula em diante.

Data: 04 de setembro de 2015

OBSERVAÇÃO 2

Esta aula foi subdividida em duas partes: a primeira desrespeito a discussão teórica e a segunda a oficina de tradução de excertos da obra *A Map to the Door of No Return*. O texto utilizado para embasar a discussão teórica foi de Rosemary Arrojo (2007), intitulado, “Oficina de tradução”. Houve um contratempo ao iniciar a apresentação do texto teórico, um pequeno atraso, mas no fim ocorreu tudo bem. A discussão foi iniciada, como o questionamento das mediadoras em relação ao título da obra “OFICINA DA TRADUÇÃO”, a turma respondeu que possivelmente seria oriundo de ofício, do trabalho, do fazer, que exigia um cuidado, uma atenção. Logo, após foi apresentado a ideia posta pela autora da obra sobre o título, do porquê da escolha desse título e não o título “WORKSHOP” por exemplo, enfim passou muito tempo nesta discussão. Via slide, as condutoras do seminário foram expondo o panorama geral da obra posta para discussão, por fim, a análise de algumas traduções sugeridas por Arrojo no livro e comparada pela turma, foi um momento produtivo. Sobre a oficina de tradução de excertos da obra *A Map to the Door of No Return*, outras duas discentes fizeram uma análise comparativa das traduções de ambas, formam levantadas várias questões a respeito principalmente das escolhas de cada uma ao traduzir determinados termos, uma delas por exemplo optou por deixar nomes próprios como os que constavam na obra original, segundo ela para não prejudicar a substância do texto. Infelizmente neste dia eu não pude ficar até o fim da apresentação, e por esse motivo não tive como acompanhar o processo de análise por completo, no entanto, as questões, escolhas formam registradas no protocolo de tradução, facilitando minha análise posteriormente.

Data: 09 de outubro de 2015.

OBSERVAÇÃO 3

Para esta aula havia sido programado a discussão de dois textos teóricos, o primeiro intitulado “Translation, Community and Utopia”, autoria de Lawrence Venuti (2004), e o segundo, “A formação de identidades culturais”, Também da autoria de Venuti (2002), bem como, continuação da análise da oficina, de excertos da obra *A Map to the Door of no Return*, no entanto, devido a limitação do tempo apenas o primeiro texto teórico foi discutido, a mediação ficou a cargo de dois dos discentes, mas apenas um compareceu, o outro apresentou justificativa da ausência. Ao observar a apresentação, notei que a discente mediadora aparentava estar um tanto quanto insegura em relação ao texto, desse modo, a contribuição dos colegas assim como da professora da disciplina foram imprescindíveis para carregar a discussão, houveram várias interferências das demais colegas ao longo da apresentação, contribuíram com a leitura do texto e análise de um trecho exposto no texto em discussão, porém, o texto não foi discutido integralmente, ficando uma discussão rasa, superficial sem muito aprofundamento. Sobre o outro texto e a oficina, ambos ficaram para ser encaixados ao longo das semanas seguintes, os mediadores serão avisados por e-mail sobre as novas datas pela docente.

Data: 06 de novembro de 2015.

OBSERVAÇÃO 4

Esta aula alcançou as duas partes programadas, na primeira discutiu-se o texto de Ana Cristina Cesar (1988), intitulado: Escritos da Inglaterra e na segunda, oficina: com a obra *A Map to the Door of No Return*. O texto teórico, na verdade trata-se da prática de tradução da Ana Cristina Cesar, que vem expor o caminho percorrido por ela ao traduzir. A obra é convidativa, pois trata-se de uma literatura confidencial, isto é, dialoga diretamente com o leitor, convidando-o a fazer parte do diálogo de modo colaborativo. As discentes responsáveis por mediar a discussão se apropriaram integralmente do texto, conseguiram captar a “substância” da obra e conseguiu passar para a turma com fluência e confiança. A turma de modo geral, como em aulas anteriores colaboraram com a discussão do texto, contribuíram para o melhor andamento da aula, desse modo o primeiro tempo da aula foi bem sucedido. A oficina de tradução de *A Map to the Door of Nor Return*, começa com a discussão do termo *Copper* em Inglês traduzido para o Português pelos discentes por lapidar, a docente da disciplina sinaliza que talvez essa tradução não seja a mais adequada, já que, o termo lapidar é específico para pedras preciosas e não se encaixaria no metal, mesmo reconhecendo que o lapidar demanda um cuidado, precisão mais tem um questão de ordem semântica, a professora solicitou que os discentes dessem uma revisada no termo para não subverter a ideia central da palavra, e que citasse essa escolha no protocolo de tradução. Outra questão apontada foi com a tradução *negro alto* – (*dark man *no texto*), segundo colocações dos colegas de classe, ao optar por tal tradução, ocorreu uma perda/apagamento de sentido porque o termo *dark* não necessariamente significa negro como foi traduzido, pode remeter a um sujeito que tenha uma tonalidade de pela diferenciada, não o homogeneizando no negro apenas, deve haver uma negociação de sentido – repensar termos na tradução. Rede semântica, fazer escolhas que dê sequência a escolhas anteriores para não cair em contradição, seguir uma sequência de ideia que se unem ao final da tradução. Pode fazer um desvio semântico, no entanto tem que ter em mente do porquê da escolha para seguir uma linha de pensamentos posteriores. De novo, não pude observar/acompanhar a aula até o final, mas o pouco que observei já foi suficiente para compreender escolhas e contexto do tradutor.

Data: 17 de novembro de 2015.

OBSERVAÇÃO 5

Nesta aula o texto teórico proposto para discussão fora, de SPIVAK (2004), intitulado: “The politics of translation”. Os discentes mediadores de início apontaram que o conteúdo do texto foi desafiador, por se tratar-se de um texto denso e iniciar a discussão do meio, isto é, é como se o leitor iniciasse a leitura do livro e parecesse que o texto já havia sido iniciado antes mesmo da entrada do leitor. Antes de ir direto ao texto os discentes, procuram contextualizar e explicar o mais objetivamente possível o conteúdo do texto, assinala que a discussão centra-se no feminismo pós-colonial – as mulheres das margens/periferia – aquelas que foram colonizadas duplamente. Logo após, nos chama atenção para o uso do pronome *her* empregado para se referir ao tradutor, esse she/her nos causam um estranhamento, porque costumamos fazer uso do pronome genérico he/his para generalizar. Adentrando ao texto, nos adverte para a retórica amplamente enfatizada pela Spivak na obra – a retórica é o que o texto indica – quais as redes de significações construídas por ele (*o texto). Ademais, assinala que o tradutor estar todo o tempo negociando identidades em sua língua e na outra língua, visto que o processo de tradução envolve a imersão na linguagem de si e do outro – como o tradutor se posiciona em meio a essas identidades – a língua do outro e a sua própria língua. A questão da identidade na tradução é bastante problemática. Ressalta que o processo de tradução é antes de tudo um processo de leitura, e que ler é ter uma relação íntima com o texto, o erótico, o íntimo, a sedução (tradução erotizada, comparado ao ato íntimo). Temos desse modo que libertar as potencialidades ocultas, silenciadas, (o não dito) do texto.

APÊNDICE B – DADOS TRANSCRITOS DO QUESTIONÁRIO

ALUNO 1 (T1)
<p>1. Identificação pessoal: Sexo: [<input checked="" type="checkbox"/>]Feminino [<input type="checkbox"/>]Masculino Idade: <u>20 anos</u></p>
<p>2. Formação Acadêmica: Semestre em Curso: <u>7º</u> Ano de entrada no Curso: <u>2012</u> Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? <u>não</u> Quando? _____ Motivo: _____ Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? <u>sim</u> Quando? <u>2013</u></p>
<p>3. Experiência/Prática Profissional: Possui experiência/atuação na área de tradução? <u>não</u> Se sim, especifique _____</p>
<p>Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:</p>
<p>1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução? Contribuíram para criar uma percepção mais ampla, ou melhor, para pensar a respeito do processo/desafios da tradução visto que antes dos componentes não havia pensado a respeito. No processo de tradução serviu para me fazer parar e pensar a respeito da palavra que estava traduzindo e não apenas colocar a primeira que vem na mente,</p>
<p>2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você? Traduzir é uma tarefa complexa que envolve a transformação de significantes e significados e muitas vezes não sendo possível a reprodução de ambos cabe ao tradutor fazer essa escolha.</p>
<p>3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução? Acho importante para disseminação de conhecimento/cultura, por meio de texto teóricos/científicos/literários.</p>

4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra *A Map to the Door of No Return* da escritora Dionne Brand?

Primeiramente fazer os protocolos de tradução, pois achei extremamente chato e cansativo ficar parando para anotar e dizer o que fiz e porque fiz. Fora isso, algumas palavras que acredito serem regionalistas e em alguns trechos tive dificuldade com a interpretação do texto, conseqüentemente com a tradução.

5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução?

Procurei algumas palavras, além do dicionário inglês/português, o dicionário de significado, dicionário de sinônimos, procurei algumas palavras/freses que não estavam encontrando no dicionário, na internet.

ALUNO 2 (T1)

1. Identificação pessoal:

Sexo: [X]Feminino []Masculino

Idade: 21 anos

2. Formação Acadêmica:

Semestre em Curso: 7º

Ano de entrada no Curso: 2012.1

Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? não

Quando? _____

Motivo: _____

Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? sim

Quando? 2013.2

3. Experiência/Prática Profissional:

Possui experiência/atuação na área de tradução? não

Se sim, especifique _____

Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:

1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?

<p>Os componentes influenciaram de maneira positiva no processo de tradução, considerando que o componente “Prática de tradução” trouxe com a carga teórica mais segurança no que diz respeito a liberdade de escolhas dos termos ao traduzi-los, também facilitou no processo com a realização das oficinas de tradução ocorridas nas aulas. A teoria aliada as “práticas” foi sustentando os argumentos pensados na hora de escolher a palavra que melhor se “encaixava” no contexto.</p>
<p>2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você? Traduzir é algo muito complicado de definir porque pode ser que os termos utilizados não expressem o real sentido: Para mim traduzir é recriar um texto em outra língua de modo a fazer com que o texto de partida esteja presente na tradução, porém não de modo a ser uma transferência de informações e nem um novo texto extremamente diferente. Tradução é o ato de recriar em outra língua a obra “original” de modo a fazer sentido, culturalmente falando, na língua alvo.</p>
<p>3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução? Traduzimos pela necessidade de conhecer os materiais (textos falados, escritos, literários e não literários) produzidos em outras línguas. Esse conhecer o que o outro produz, ou seja, conhecer o outro, implica no ato de autoconhecimento, considerando que essa troca de informações entre as duas línguas “influenciam” no modo com o falante se constroem perante a sociedade. Há também a necessidade social, nos termos de produção de “artigo”, produtos consumidos em diversos países e para facilitar a venda há as traduções a exemplo de manuais e bulas.</p>
<p>4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra <i>A Map to the Door of No Return</i> da escritora Dionne Brand? O maior desafio foi não ter referências de outras traduções da mesma obra, além das dificuldades linguísticas, de conhecimento cultural das línguas.</p>
<p>5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução? Usei além do dicionário, considerei importante as ferramentas da “internet”, para procurar imagens e outras coisas que facilitasse a compreensão de termos (maior parte).</p>

ALUNO 3 (T3)
<p>1. Identificação pessoal: Sexo: [X]Feminino []Masculino Idade: <u>19 anos</u></p>
<p>2. Formação Acadêmica: Semestre em Curso: <u>5º semestre</u> Ano de entrada no Curso: <u>2013</u> Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? <u>não</u> Quando? _____</p>

<p>Motivo: _____</p> <p>Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? <u>sim</u></p> <p>Quando? <u>3º semestre</u></p>
<p>3. Experiência/Prática Profissional:</p> <p>Possui experiência/atuação na área de tradução? <u>não</u></p> <p>Se sim, especifique _____</p>
<p>Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:</p>
<p>1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?</p> <p>No componente curricular não houveram textos teóricos, apenas práticas de pequenos trechos e parágrafos. Contudo, na disciplina de prática de tradução pude conhecer teóricos e textos dessa área. Nesse sentido, os textos contribuíram positivamente no que diz acerca do papel do tradutor – como eu enquanto tradutora devo me portar diante de duas línguas – e com relação à perdas e ganhos do se traduzir. Também importante ressaltar que contribui no fato de analisar gramaticalmente um texto ao traduzir.</p>
<p>2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você?</p> <p>De acordo com os estudos realizados em sala de aula, o tradutor deve servir a dois deuses (duas línguas), analisando as perdas e ganhos, seja na língua materna, seja na língua estrangeira. Logo, traduzir é todo esse processo de “servidão” e estudo de fazer uma tentativa de passar a cultura do outro e tornar o texto acessível a um determinado público.</p>
<p>3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução?</p> <p>Ao traduzir o texto acadêmico, jornalístico e/ou literário se torna acessível a um público, fazendo assim uma movimentação de levar e trazer conhecimento. Como isso, o texto vai carregado de opiniões do tradutor, peso cultural e histórico do lugar em que fio escrito, levando um conhecimento regional para o outro.</p>
<p>4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra <i>A Map to the Door of No Return</i> da escritora Dionne Brand?</p> <p>Em <i>A map to the Door of No Return</i> o peso cultural está bastante intrínseco ao texto, deixando difícil a tradução já que no meio em que vivo não há determinados movimentos ou festividades.</p>
<p>5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução?</p> <p>Uma ferramenta bastante importante no ato da tradução é a visualização de imagens,</p>

principalmente se o texto cita lugares específicos.

ALUNO 4 (T4)	
<p>1. Identificação pessoal: Sexo: [X]Feminino []Masculino</p> <p>Idade: <u>23</u></p>	
<p>2. Formação Acadêmica: Semestre em Curso: <u>7º</u></p> <p>Ano de entrada no Curso: <u>2012</u></p> <p>Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? <u>não</u></p> <p>Quando? _____</p> <p>Motivo: _____</p> <p>Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? <u>sim</u></p> <p>Quando? <u>4º semestre/2013</u></p>	
<p>3. Experiência/Prática Profissional: Possui experiência/atuação na área de tradução? <u>não</u></p> <p>Se sim, especifique _____</p>	
<p>Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:</p>	
<p>1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?</p> <p>Os textos estudados no decorrer dos componentes de tradução serviram para iluminar um pouco alguns aspectos relacionados a tradução, aprender e discutir alguns conceitos como intraduzibilidade, tradução literal, domesticação x alteridade.</p>	
<p>2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você? Traduzir é passar um texto de uma língua para outra, envolve leitura e interpretação.</p>	
<p>3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução? Acredito que traduzimos para que o outro conheça o objeto traduzido e para que a obra, no caso de literatura, não morra.</p>	
<p>4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra <i>A Map to the</i></p>	

Door of No Return da escritora Dionne Brand?

A falta de experiência em tradução, ter pouco ou quase nenhuma base teórica e porque o texto nunca foi traduzido antes, para que eu pudesse comparar as traduções.

5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução?

O PARTICIPANTE NÃO RESPONDEU À ÚLTIMA QUESTÃO

ALUNO 5 (T5)**1. Identificação pessoal:**

Sexo: [X]Feminino []Masculino

Idade: 22

2. Formação Acadêmica:

Semestre em Curso: 7º

Ano de entrada no Curso: 2012

Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? _____

Quando? _____

Motivo: _____

Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? sim

Quando? 2013

3. Experiência/Prática Profissional:

Possui experiência/atuação na área de tradução? não

Se sim, especifique _____

Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:

1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?

Traduzir é uma tarefa muito complicada, não tive nenhum contato anterior com tradução antes do componente Tópicos de Tradução que tive com proposta inicial em tradução de um poema sem “adrentarmos” na teoria. Foi muito difícil pois não sabia se existia uma maneira “certa” ou “errada” de traduzir. Já no componente Prática de Tradução a teoria foi proposto a tradução juntamente com a tradução dando mas embasamento ao componente anterior assim como no processo tradutório. Os textos teóricos ampliaram minha visão a respeito da tradução e os conceitos que eu tinha da

tradução de poemas que para mim era “um” dúvida a forma certa de traduzi-la.
<p>2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você? Traduzir é transportar um texto de uma língua para outra, a cultura e o que existe no texto, claro que o tradutor transfere o que ele acha cabível ou importante.</p>
<p>3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução? A tradução nos proporciona conhecer obras de outras línguas e a cultura do distante. Desde o mito de Babel os homens tinham interesse em traduzir e conhecer o diferente e a tradução nos “dá” esse leque de conhecimento.</p>
<p>4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra <i>A Map to the Door of No Return</i> da escritora Dionne Brand? Não conhecia o texto e a escritora, positivamente após traduzir algumas partes através de pesquisas descobrir que o texto se trata de uma não ficção, ou seja, contém histórias que podem ser verdadeiras ou não. Algumas partes me deixaram bastante confusa na tradução a passagem que o tio era professor e sempre corrigia as crianças com ‘have’ e ‘it’ não consigo traduzir e nem achar ainda um semelhante para traduzir e passa a mesma ideia do texto. Houve muitas outras partes que não me lembro mas que estão assinaladas no meu processo tradutório.</p>
<p>5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução? Quando o dicionário não me responde de maneira que eu entenda eu pesquiso a palavra no google e procuro em imagens ou aplicação em frases isso ajuda muito na minha compreensão.</p>

ALUNO 6 (T6)	
1. Identificação pessoal:	
Sexo: [<input checked="" type="checkbox"/>]Feminino	[<input type="checkbox"/>]Masculino
Idade: <u>22 anos</u>	
2. Formação Acadêmica:	
Semestre em Curso: <u>7º</u>	
Ano de entrada no Curso: <u>2012</u>	
Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? <u>não</u>	
Quando? _____	
Motivo: _____	
Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? <u>sim</u>	
Quando? <u>2013</u>	
3. Experiência/Prática Profissional:	
Possui experiência/atuação na área de tradução? <u>não</u>	

Se sim, especifique _____
Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:
<p>1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?</p> <p>Os textos teóricos ajudaram a ampliar o meu ponto de vista sobre o fenômeno da traduzir. Uma vez que pude perceber o quão delicada é essa área. O processo de tradução nos ajuda a fazer uma leitura mais “desafiada” do texto, e para conseguir reproduzir o proposto pelo original, temos que contar com a ajuda dos textos teóricos para nos “concientizarmos” sobre cada uma das nossas escolhas.</p>
<p>2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você?</p> <p>Não tenho uma vasta experiência na área, como salientei acima. Mas, considero como um ato de transferência de sentidos, dado que uma tradução pode ocorrer dentro da mesma língua. No entanto, ao trata-se de duas línguas, traduzir refere-se passar um texto/palavra de uma língua para outra.</p>
<p>3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução?</p> <p>Traduzimos pela necessidade de melhor compreendermos algo. No caso da tradução entre duas línguas, pode dar-se pelo desconhecimento de um “índioma” e, por isso, recorre-se a tradução.</p>
<p>4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra <i>A Map to the Door of No Return</i> da escritora Dionne Brand?</p> <p>O fato de não conhecer a obra, pois requer-se certa “intimidade” com o texto ou conhecimento do todo para que se possa fazer algo/ou reproduzir o que está sendo expresso. O contexto da obra também foi outro fator desafiante, por apresentar expressões e vivências desconhecidas para mim.</p>
<p>5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução?</p> <p>Pesquisa de imagens de alguns objetos e de algumas regiões citadas. Além de pesquisas mais amplas para melhor entender o contexto.</p>

ALUNO 7 (T7)
<p>1. Identificação pessoal:</p> <p>Sexo: [] Feminino [x] Masculino</p> <p>Idade: <u>20</u> anos</p> <p>Semestre em Curso: <u>7º</u></p>

<p>Ano de entrada no Curso: <u>2012</u></p> <p>Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? <u>não</u></p> <p>Quando? _____</p> <p>Motivo: _____</p> <p>Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? <u>sim</u></p> <p>Quando? <u>2013.2</u></p>
<p>2. Experiência/Prática Profissional:</p> <p>Possui experiência/atuação na área de tradução? <u>não</u></p> <p>Se sim, especifique _____</p>
<p>Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:</p>
<p>1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?</p> <p>Os componentes “Tópicos de Tradução” e “Prática de Tradução” puseram em cheque a minha concepção inicial sobre a tradução como uma operação linguística, algo que reescreve blocos de sentido em outro idioma apenas para viabilizar o acesso ao conteúdo superficial ao leitor estrangeiro à obra original. A partir das discussões recorrentes nas disciplinas, puseram-se em cheque outras noções como a carga cultural e papel político da tradução em lidar com diferenças sócio-culturais.</p>
<p>2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você?</p> <p>Traduzir é uma experiência mista de alteridade e esquizofrenia. O tradutor se coloca como uma via por onde texto e leitor, estrangeiros um ao outro, se encontram. A função do tradutor é estendida se pensarmos nas potencialidades do texto fonte que são exploradas na tradução. O tradutor é, portanto, um leitor que recria, em sua própria versão do texto fonte, através de uma recorte definido na leitura. O tradutor negocia as duas línguas, representa um dentro das potencialidades do outro.</p>
<p>3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução?</p> <p>Traduzimos por uma necessidade de nos comunicarmos com o outro, ou de deixar que o outro se comunique. Existe uma vertente mais lucrativa da tradução que visa a venda para um público maior. Em última instância, a tradução pode ser vista por uma ótica mais imperialista, que busca tornar o outro igual comigo, uma hegemonia.</p>
<p>4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra <i>A Map to the Door of No Return</i> da escritora Dionne Brand?</p> <p>A carga cultural. Existe todo um vocabulário voltado a objetos e costumes locais que requerem uma pesquisa mais detalhada destes. A segunda etapa do desafio foi tentar</p>

recriar a sensação de pertença aos costumes na personagem através da minha língua materna.

5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução?

Alguns tradutores automáticos, como o Bing e o Google, para conferir algumas questões de sintaxe, ou mesmo pegar sugestões para traduções. Também fiz pesquisas de imagens de objetos e demais manifestações culturais citadas e li alguns artigos.

ALUNO 8 (T8)

1. Identificação pessoal:

Sexo: []Feminino [x]Masculino

Idade: 23 anos

2. Formação Acadêmica:

Semestre em Curso: 7º semestre

Ano de entrada no Curso: 2012

Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? não

Quando? _____

Motivo: _____

Cursou o componente curricular Tópicos de tradução? sim

Quando? No 3º semestre em 2013

3. Experiência/Prática Profissional:

Possui experiência/atuação na área de tradução? sim

Se sim, especifique: No demand media studios

Considerando o percurso teórico e prático percorrido por você ao longo do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, UNEB/Jacobina, particularmente no que tange aos componentes que abordam diretamente a área dos estudos de tradução, a saber, Tópicos de tradução e Prática de tradução, responda às questões abaixo relacionadas:

1. Comente, a partir da sua experiência nos componentes citados, como estes contribuíram para sua formação e compreensão do fenômeno da tradução. Como os textos teóricos lidos (sua bagagem teórica) contribuíram positivamente e/ou negativamente em seu processo de tradução?

Para a minha formação, a tradução veio como uma ferramenta no aprendizado de vocabulário e compreensão do ato tradutório, a qual já fazia parte das minhas atividades extra classe. Os textos teóricos me ajudaram a compreender os caminhos possíveis e impossíveis na tradução de textos literários, fazendo com que refletisse sobre a carga semântica, histórica e cultural dos textos trabalhados.

2. A partir da sua prática, defina o ato de tradução: o que é traduzir, para você?

Apesar de ser do sexo masculino assumi a tradução como o parto. Mas, como assim com o parto? Talvez não só como o parto mas com o próprio produto do parto ou, até mesmo o ato antes do parto – sexo. Meu ato e experiência de tradução é caótica: No início, sinto um incomodo e ao mesmo tempo prazer, fico flertando com o texto mas sempre querendo chegar ao ápice, ao orgasmo; Depois, aquele embrião – que não é só meu, mas, meu e do outro e estar dentro de mim – cria vida e quer nascer, sair de mim, contudo não quero deixá-lo sair, mas quero conhecer esse novo ser, ver seu rosto. Daí, essa criatura nasce cresce. Eu daqui, fiz todas as escolhas possíveis – que ao meu ver foram as melhores – mas, talvez, para a criatura /texto não tinha sido as melhores escolhas propostas. Como isso, a criatura – o texto – pode seguir múltiplos caminhos, sai morte – ambas propiciadas por minhas escolhas e a “vida do texto”.

3. Em sua opinião, por que traduzimos? Qual é a necessidade histórica, social, cultural ou mesmo pessoal da tradução?

Ainda ando pensando sobre essa possível resposta para o porque traduzimos. A depender da perspectiva há várias respostas possíveis, particularmente, gosto da proposta que diz que através da tradução revificamos a linguagem e o texto. Em relação a sua necessidade histórica, cultural, intercultural, não faço a menor ideia.

4. Quais foram seus maiores desafios ao traduzir os excertos da obra *A Map to the Door of No Return* da escritora Dionne Brand?

Primeiramente, a linguagem, em termos de sintaxe e vocabulário, os quais dificultaram minha compreensão semântica. Depois, a forte contextualização cultural que me era obrigado a conhecer, dificultaram minha compreensão e reprimiram minhas escolhas iniciais.

5. Quais recursos, além do dicionário, você julgou importantes para melhor compreensão do texto e para auxiliá-lo em sua tarefa de tradução?

Além dos “dicionários” utilizados, julguei importante e necessitei de um conhecimento específico, no que diz respeito à cultura e representações culturais expostas e relatadas no texto “A map to the door of no return”. Para isso, fiz várias pesquisas no google sobre: lugares, pessoas, momentos, monumentos históricos, festas específicas que eram “utadadas” – a exemplo do “mas” que me deu um trabalho – para tentar entende-las ou associá-las com o português, em termos de língua e cultura.

**ANEXO C – TRADUÇÕES: DADOS DOS PROTOCOLOS E NOTAS DAS
TRADUÇÕES**

INFORMANTE	CÓDIGO
	T1
MOTIVAÇÃO/ JUSTIFICATIVA DA TRADUÇÃO	
<p>O texto que teve trechos traduzidos no presente trabalho foi o livro “A map to the Door of No Return” da autora, Dionne Brand, (...) Nos seus escritos, Brand explora temas relacionados a gênero, raça, sexualidade e feminismo, dominação masculina branca, injustiça e “a hipocrisia moral do Canada”, manteve essas considerações em mente durante a tradução, pois os alguns dos referidos temas estavam presentes em “A map to the Door of No Return”, de forma implícita.</p>	
EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS	
<p>ABERTURA DO LIVRO</p> <p>There are maps to the Door of No Return. The physical door. They are well worn gone over by cartographer after cartographer, refine from Ptolemy’s Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites. But to the Door of No Return which is illuminated in the consciousness of Blacks in the Diaspora there are no maps. This door is no mere physicality. It is a spiritual location. It is also perhaps psychic destination. Since leaving was never voluntary return was³¹, and still may be, an intention, however deeply buried. There is as it says no way in, no return.</p>	
EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO	
<p>Existem mapas para a Porta³² Sem³³Retorno. A porta física. Elas estão³⁴ bem usadas passado por cartografo à cartografo, refinado pela Geografia de Ptolomeu de</p>	

³¹ Não consegui encaixar outro “was” na tradução, optei por deixa-lo fora.

³² Mantive a letra maiúscula, assim como estava no original. Pois acredito que a intenção era chamar atenção/destacar o nome.

³³ Traduzindo literalmente, ficaria a Porta de Não retorno. Optei por usar “Sem” retorno, pois essa expressão é mais usada, se optasse pela primeira, causaria estranheza.

³⁴ Fiquei em dúvida entre colocar são ou estão, o “são” me pareceu ter uma ideia de continuidade e uso no presente, já o “estão” sugeriu uma ideia de passado, e como o verbo seguinte estava no passado, optei pelo “estão”.

fotografias orbitais e imagem³⁵ por campo magnético e satélites. Mas para a Porta Sem Retorno que é iluminada na consciência dos Negros na Diáspora ³⁶não há mapas³⁷. Essa porta não é meramente física³⁸. É uma localização espiritual. É também talvez um destino psíquico. Uma vez partindo nunca há voluntario retorno, e talvez ainda seja, uma intenção, entretanto profundamente enterrada. Há, pois³⁹, como dizem nenhuma maneira em, nenhum retorno.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

Maps

Isabella of Castile Commissioned a polyptych altarpiece in 1496. Juan de Flanders and Michel Sittow were retained to work on the miniature altarpiece. In one Panel called “The Multiplication of the Loaves and Fishes,” Isabella and Ferdinand are insert into the scene at the front of the crowd near Jesus Christ. Isabella is Kneeling: Ferdinand is standing.

What can be inferred here is that Isabella led a fabulous religious fantasy life. To see herself and Ferdinand at this occasion attest to the fertility of her imagination. But perhaps it was Juan de Flanders’ attempt to ingratiate himself further with Isabella of Castille: perhaps he said to her one day, “Dearest Queen, this scene would be nothing without you. You simply must be in it.” Then again the idea of multiplying loaves and fishes, this particular miracle, must have appealed to Isabella as she and Fernand acquire more and more wealth (p. 119).

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

³⁵ Essa parte foi muito confusa, pela quantidade de qualificativos, optei por não manter todos, ligando-os por preposições.

³⁶ Assim como feito anteriormente, mantive na tradução as palavras indicadas no texto original com letra maiúscula.

³⁷ Poderia ter traduzido essa frase de forma diferente, enfatizando a negação, como “não há mapa nenhum”, mas optei por traduzi-la assim, pois se aproxima do tamanho da frase original, que é bem concisa.

³⁸ Em tradução literal ficaria, não é mera fisicalidade, entretanto causa um estranhamento, por isso optei por inverter o infinitivo para o adjetivo.

³⁹ Havia quatro palavras- dois advérbios, um verbo e um pronome- que estavam com o sentido de indicação, optei por não colocar essa quantidade de palavras, e reduzi-as para duas, pois ficaria muito longa e fragmentada se colocasse quatro palavras em português.

Mapas

Isabella de Castela solicitou⁴⁰ um retábulo políptico em 1496. Juan de Flanders e Michel Sittow foram designados⁴¹ a trabalhar na miniatura de retábulo. Em um painel denominado “ A M⁴²ultiplicação dos Pães e Peixes,” Isabella e Fernando⁴³ foram inseridos na cena em frente a multidão próxima a Jesus Cristo. Isabella está Ajoelhando: Fernando de pé. ⁴⁴

O que pode ser inferindo aqui é que Isabella levava uma fabulosa e fantasiosa ⁴⁵vida religiosa. Vendo a si própria e a Fernando nessa ocasião atesta a fertilidade de sua imaginação. Mas talvez tenha sido Juan de Flanders, tentando congregar-se ⁴⁶ainda mais com Isabel de Castela: Talvez ele tenha dito há ela um dia, ‘Querida Rainha, essa cena não seria nada sem você. Você simplesmente deveria estar nela. “Novamente a ideia da multiplicação de pães e peixes, este milagre em particular, deve ter atraído para Isabella, como ⁴⁷ela e Fernando adquiriram mais e mais riquezas.”

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

⁴⁰ Troquei o termo utilizado, que o equivalente mais próximo em português seria comissionou, por solicitou. Que dão a ideia de encomendar algo. Troquei os termos pois o primeiro não é muito utilizado ou conhecido em Língua Portuguesa.

⁴¹ “Were retained”, poderia ser traduzido como foram retidos, entretanto essa primeira tradução não daria a ideia de que eles foram designados para executar a tarefa.

⁴² Letras maiúsculas assim como no original.

⁴³ Optei por traduzi os nomes do espanhol, com exceção daqueles que já estão implantados aqui, como por exemplo Juan.

⁴⁴ Fiquei em dúvida ao traduzir esse trecho, por conta do verbo “is”, pensei em traduzir como está de pé, mas além de acrescentar palavras, ficaria um pouco fora de contexto. Acabei retirando o verbo e substituindo por uma preposição.

⁴⁵ Optei por elencar os adjetivos antes dos substantivos que os adjetivos estavam qualificando, por ser os dois adjetivos para os dois substantivos.

⁴⁶ Quando li interpretei essa frase, como se a intensão de Juan fosse agradar a rainha, porém na sala disseram que a ideia dele foi agradar a si próprio mais que a rainha, continuo interpretando da mesma maneira, por isso deixei o verbo o mais próximo do original possível.

⁴⁷ O “as” é sempre uma dificuldade em minhas tradução, traduzi-o como “como”, mas achei que causou estranhamento.

Copper

My uncle used to work copper. He was a tall dark man. His face was beautiful and chiseled, as chiseled as the scars that cut into the auburn face of the sheet of copper. His teeth were white even in his sculpted jaw; he grinned easily. Just as easily he took a smile back, his face turning stern in admonition of some small weakness of nieces and nephews like a stolen mango or a too lazy Sunday when the shoes weren't whitened. But my uncle used to work copper. With screwdriver, knife, pick, and hammer, he would chisel and pound some image out of the flat surface of a sheet of copper. He worked from no photograph or drawing but from a pattern he must have had inside himself. A mask emerged which at the time, having no other words for it, we called African- serene eyes, broad nose, full lips- not a recognizable face but an image, a presentiment of a face. This face came out of my uncles. My uncle was a teacher. He wore dark trousers and starched white long-sleeved shirts to go to his job as a teacher; He spoke and enforced proper English in our house and in his classrooms like he beat out African masks from copper. My second uncle wore these masks from copper. My second uncle use these masks on carnival day-sometimes as breastplates or headdresses on whatever 'mas. He only coaxed the face out of the blank sheet of copper. Over monthes he would pick and mark, beat and drum out whatever spirit lay there. Eyes, jaws, cheeks, foreheads would emerge.

Scarification mirrored in scarification- the one my uncle made of the ones on the face of the image. My uncle's hands were deft, his fingers black on the back of his hands, pink on the flat of his palms. The other uncle would wear this mask on his chest or his forehead surrounded by feathers and beads and dance under the burning sun- singing nonsensical chants that stood for African or Ameridian words.

My uncle would take months to draw and cut the masks: he would leave it for days, frustrated that a cheekbone would not level out. My uncle was not a scholar of African art of any kind. He did not know of the personal masks of the Bassa people, he did know of the men's society masks of the Manding people or Guinea, nor the dance masks of Igbo or the Bawa or Bamana people. He had no recall of the Baule, the Oan, the Mossi, the Ogoni, the Sennefo, the Ngbaka, or the Akwaya. My uncle only had the gaping Door of No Returning, a memory resembling a memory of a thing that he remembered. And not so much remembered as felt. And not so felt as a memory which held him (p. 119-120-121).

Cobre

Meu tio costumava trabalhar cobre. Ele era um homem alto e escuro. Sua face era bonita e cinzelada, tão cinzelada como as cicatrizes que cortavam na ruiva face da folha de cobre.⁴⁸ Seus dentes eram brancos mesmo em sua mandíbula esculpida; ele sorria com facilidade.⁴⁹ Tão fácil quanto ele retirava o sorriso,⁵⁰ sua face mudava severamente em advertência⁵¹ de pequenas fraquezas de sobrinhas e sobrinhos como uma manga roubada ou um Domingo⁵² preguiçoso demais quando os sapatos não foram alvejados. Mas meu tio costumava trabalhar cobre. Com chave de fenda, faca, machadinha,⁵³ e martelo, ele iria cinzelar e bater alguma imagem para fora da superfície plana de uma folha de cobre.

Ele não trabalhava por nenhuma fotografia ou desenho, mas por um padrão que ele deveria ter⁵⁴ dentro dele mesmo. Uma máscara emergiu a qual na época,⁵⁵ não tendo outro nome para isso, nós a chamamos Africana- olhos serenos, nariz cheio, lábios carnudos⁵⁶, um pressentimento de uma face. Essa face saiu do meu tio.

Meu tio era um professor. Ele usava calças escuras e engomadas com camisas de manga comprida para ir ao seu trabalho como professor; Ele falava e aplicava o inglês apropriado em nossa casa e em sua sala de aula assim como ele esculpiu⁵⁷ mascaras Africanas do cobre. Meu Segundo tio usaria essas mascaras de cobre. Meu segundo tio usaria estas máscaras no dia do carnaval- as vezes com couraças ou cocares sobre o que quer que fosse ‘mas’.⁵⁸ Ele apenas persuadiu a face para fora da folha de cobre

⁴⁸ Tive dificuldade de traduzir essa frase, por conta do número de palavras que formavam um bloco de tradução e precisavam ser entendidas juntas, e pela quantidade de adjetivos. Acabei excluindo a palavra “into”.

⁴⁹ Troquei o advérbio facilmente, por facilidade, pois achei soou melhor na frase.

⁵⁰ Modifiquei algumas coisas nessa frase, inclusive retirei algumas palavras para ficar mais sonoro.

⁵¹ Utilizei essa palavra pois demonstra o sentido de chamar atenção para algo, no sentido de repreender.

⁵² Estava como letra maiúscula no original.

⁵³ Em uma primeira tradução, pick significa picareta, entretanto pelo contexto essa tradução não se encaixa, pois não se usa picareta para trabalhar cobre. Procurei por imagens com o nome “pick” e vi que o objeto em português é popularmente chamado de “machadinha”, por isso, utilizei esse nome.

⁵⁴ Não soube como traduzir have had, dessa forma traduzi como se fosse apenas um “have”.

⁵⁵ No texto em Língua Inglesa aparece “at time”, traduzi como época pois oralmente utilizamos mais essa forma.

⁵⁶ Traduzi “full lips” por lábios carnudos, pois é comum utilizar essa expressão para lábios cheios.

⁵⁷ No texto original tinha a palavra beat out, que não encontrei tradução que fizesse sentido. Por isso, substitui pela palavra esculpiu que era sinônimo de algumas traduções de beat out.

⁵⁸ Mantive a palavra, pois acredito que seja espanhola ou de outra língua, que não seja o inglês.

em branco. Ao longo dos meses ele iria pegar e marcar, bater e tocar tambor para fora qualquer espírito que estivesse lá. Olhos, mandíbulas, bochecha, testa iriam surgir.

Arranhões ⁵⁹espelhada em arranhões- aqueles que meu tio fez daqueles sobre o rosto da imagem. As mãos de meu tio eram hábeis , seus dedos pretos na parte de trás de suas mãos, cor de rosa sobre o centro de suas palmas. O outro tio iria usar essa máscara em seu peito ou sua testa cercado por penas miçangas e dançar sob o sol escaldante⁶⁰ - cantando cânticos absurdos que representavam palavras africanas ou Ameridian .

Meu tio levaria meses para desenhar e cortar a máscara ; ele iria protelar por dias , frustado que uma maçã do rosto não se nivelava. Meu tio não era um estudioso de qualquer arte Africana. Ele não sabia da máscara pessoal do povo Bassa, ele não sabia da máscara da sociedade dos homens do povo Manding ou Guiné, nem da máscara dança do Igbo ou Bawa ou povo Bamana . Ele não tinha nenhuma recordação do Baule, a Oan, a Mossi, a Ogani, o Sennefo, o Ngbaka, o Akwaya. Meu tio só tinha escancarada a Porta Sem Retorno uma memória semelhante a uma memória de uma coisa que ele se lembrava. E não tão lembrava como sentia. E não tanto sentia como uma memória que ele realizou.⁶¹

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

More Maps

According to my uncle the world was in books, its words its languages. His evenings of grammar drills induced illnesses, panic attack, nausea, and sleepiness. “ ‘It’ could never ‘have’, he would shout to some child saying, “Uncle, it have a man outside asking for you.” “‘There is, ‘there are’, for the plural, but ‘it’ could never ‘have’. No simple request or statement went without such correction, until this child forgot or regretted what he or she wanted. Soon there was pure silence around my uncle.

⁵⁹ A primeira tradução encontrada seria escarificação, porém essa não é uma palavra conhecida na Língua Portuguesa, por isso procurei um sinônimo dela.

⁶⁰ Poderia ser sol ardente, mas optei por escaldante, por ser mais forte.

⁶¹ Essa parte final ficou confusa por conta das repetições de palavras e mudanças nos tempos verbais. Acredito que não consegui entende-la muito bem e isso refletiu na tradução.

What is the Spanish word for butter!(interrogação) *Mantequilla*. What is the Spanish word for butterfly! Mariposa. Girl! Ninã. Water! Agua. Beach! Playa. And for Drens! Suenos. Hope! Esperanza. Help! Socorro. Sometimes this child would discover quite by mistake his or her own hopeless desire for esperanza, Socorro, suenos against this endless schoolings.

Out of the blue my uncle's face turning from laughter to seriousness would say, "conjugate the verb tener". Just as he was teaching, you ⁶²the waltz by having you step on his feet as he danced to Pete d'Ulyut's Band playing. 'Stardust', he would surprise you with the difficult declension of the verb llevar. Every shadow made by an opaque body smaller than the source of light casts derivate shadows tinged by the colour of the original shadows. From Leonardo da Vinci notes on light and shadows, circa 1492

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Mais mapas

De acordo com meu tio o mundo estava em livros, as suas palavras suas línguas. Suas manhãs de treinos gramaticais⁶³ provocou-o ⁶⁴doenças, ataque de pânico, náusea, insônia. 'It' ⁶⁵poderia nunca 'have', ⁶⁶ ele iria gritar para alguma criança dizendo: " Tio, tem um homem lá fora procurando por você." "There is, 'there are', para o plural, mas 'it' poderia nunca 'have'. Nenhum simples pedido ou declaração foi sem tal correção⁶⁷, até que essa criança se esqueceu ou se arrependeu o que ele ou ela queria. Logo havia apenas⁶⁸ silencio envolta do meu tio. Qual é a palavra Espanhola ⁶⁹para manteiga! Mantequilla. Qual é a palavra espanhola para borboleta!

⁶² Na tradução com outro "you" achei que ficou muito estranho, por isso retirei.

⁶³ Transformei o substantivo gramatica pelo adjetivos gramaticais, para fazer mais sentido no conjunto.

⁶⁴ Substitui o introduziu na frase, pois não é usado introduzir a uma doença.

⁶⁵ Optei por deixar a palavra em inglês para enfatizar que ele estava estudando gramatica, e também porque tentei fazer essa parte traduzindo esses trechos e não gostei do resultado.

⁶⁶ Mesmo caso o "it".

⁶⁷ Tive problema para traduzir essa frase inteira, acredito que a estrutura da frase original causa esse estranhamento, não consegui deixa-la menos travada.

⁶⁸ Troquei o puro silencio por apenas silencio, pois, o puro traz uma ideia diferente, de limpeza ou inocência, enquanto o apenas traz a ideia de que só havia o silencio ao redor dele.

⁶⁹ Pensei em mudar a Língua, de espanhola para o inglês, pois algumas palavras do espanhol citadas, são praticamente iguais no português. Por fim optei por deixar em Espanhol para não se distanciar tanto do original.

Mariposa. Menina! Ninã. Água! Agua. Praia! Esperança! Esperanza. Ajuda! Socorro. Ocasionalmente⁷⁰ essas crianças descobriram bem por acaso suas ou seus ⁷¹próprios desejos desesperados por esperanza, Socorro, suenos contra essa interminável escolarização. Fora do azul a face do meu tio mudaria de sorridente para séria⁷² diria, “conjugue o verbo tener⁷³”. Assim como ele ensinaria, a valsa, tendo seu passo sobre seu pé ⁷⁴assim como ele dançava tocando para a banda de Pete d’Ulyut. “Poeira-estelar”, ele o surpreenderia com a difícil conjugação do verbo llevar. Cada sombra feita por um corpo opaco menor que a fonte de luz projetada⁷⁵ deriva sombras tingidas pela cor da sombra original.

Por Leonardo da Vinci notas sobre luzes e sombras, circa 1492.

INFORMANTE	CÓDIGO
	T2
EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO	
<p>Um mapa para o portal não Retornável⁷⁶ (Páginas 117 e 118) Há mapas para o Portal Não Retornável⁷⁷. O concreto portal⁷⁸. Eles estão bem cansados, passando de cartógrafo após cartógrafo, requintado a partir da geografia de</p>	

⁷⁰ Traduzi sometimes como ocasionalmente para reforçar a ideia da frase, de ser uma coisa por acaso.

⁷¹ Inverti a ordem, coloquei suas antes, pois ‘seus próprios’ soa melhor que ‘suas próprios’.

⁷² Traduzindo literalmente ficaria seriedade, mas não soou bem no conjunto.

⁷³ Verbo em espanhol, mantive em espanhol.

⁷⁴ Esse trecho ficou confuso, a parte do passo depois do pé, pensei em mudar para “pé depois de pé” que sugeriria com mais precisão o movimento da dança, mas por fim optei por não mudar.

⁷⁵ Há várias possibilidades para traduzir esse verbo, optei por projetada, pois é um dos mais utilizados, se tratando de luz.

⁷⁶ Para esta parte da tradução foram utilizados os dicionários online: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/>; EM-PT Dictionary Free; <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>. Também foram utilizados: <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR> & <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT>

A tradução foi realizada de modo contínuo por cerca de uma hora e depois revisada considerando as anotações realizadas nas oficinas de tradução.

Ptolomeu de fotografias orbitais e imagens de campos magnéticos tiradas por satélites⁷⁹. Mas, no Portal Não Retornável, a qual é iluminado na consciência dos Pretos⁸⁰ da Diáspora, não há mapas. Este portal não é mera concretude⁸¹. É um local espiritual. Este é também quiçá, um destino psíquico. Desde que deixou nunca foi voluntário, o regresso foi, e ainda pode ser, uma intenção, no entanto profundamente enterrado. Como dizer que não há caminho⁸²; nem retorno.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Mapas⁸³

(Pagina. 119)

Isabella de Castille⁸⁴ encomendou um retábulo políptico em 1496. Juan de Flandes e Michel Sittow foram retidos para trabalhar na miniatura de retábulo. Em um painel

⁷⁷ A primeira opção tentada foi “Há mapas para a porta sem retorno”, era a tradução mais simples e automática, a posterior se deu depois das discussões nas oficinas de tradução realizadas nas aulas. Esta considera o uso da negativa “Não” a qual se mantém fiel ao texto e era perdida na primeira opção. O uso de “portal” ao invés de “porta” mantém a possível magia existente no contexto palavra. A troca de “retorno” por “retornável” ocorreu pela concordância.

Outra opção pensada para esta expressão foi “Há mapas para o portal irregressível”, que daria a mesma ideia que a expressão anteriormente utilizada, porém haveria algumas perdas não necessárias, tais como realizar a junção entre o “no” e “return”, tornando se o adjetivo “irregressível” (i+regressar+vel), também haveria perda na sonoridade e beleza da expressão, de maneira que ambas as expressões dão a ideia de algo que não se pode regressar, assim não se faz necessário essas perdas.

⁷⁸ Fiquei em dúvida com o uso invertido do adjetivo e o substantivo poderia ficar de duas maneiras “portal concreto” ou “concreto portal”, optei pela segunda opção porque na minha visão fica mais bonito e condizente com o decorrer do texto. Uma outra opção pensada para esta expressão foi “portal físico” porém há uma ambiguidade nesta (físico) palavra que me fez não utiliza-la.

⁷⁹ Esta sentença foi muito difícil traduzir, porque não conseguia colocar as palavras em ordem para que fizessem sentido, para conseguir coerência eu acrescentei “tiradas”.

⁸⁰ A tradução de “Blacks” foi um pouco confusa, tinha a opção de negro, obscuro, escuro, mas nenhuma dessas opções parece completar o espaço de “blacks”, optei pela palavra “Pretos”, porque dá a ambiguidade percebida na palavra em língua inglesa, assim pode se referir a pessoas negras, assim como ao ambiente escuro.

⁸¹ Outra opção seria “meramente concreto”.

⁸² “There is as it says no way in”, esta expressão foi muito difícil traduzir, assim eu coloquei no “google imagens” e apareceu algumas que me deu o sentido utilizado, acho que manteve a coerência do texto, apesar de haver muitas mudanças.

⁸³ Para esta parte da tradução foram utilizados os dicionários online: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/>; EM-PT Dictionary Free; <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>. Também foram utilizados: <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR> & <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT>

A tradução foi realizada de modo contínuo por cerca de uma hora depois revisada considerando as anotações realizadas nas oficinas de tradução.

⁸⁴ Mantive os nomes pessoais da forma como são.

chamado “A multiplicação dos pães e dos peixes” Isabella e Ferdinand estão inseridos na cena em frente a coroa, perto de Jesus Cristo. Isabella está ajoelhada; Ferdinand está de pé.

O que pode ser deduzido aqui é que Isabella conduziu uma vida de religião mítica e fantasiosa⁸⁵. Para ver a si mesmo e a Ferdinand nesta ocasião, atestando a fertilidade da imaginação dela. Mas, talvez fosse a tentativa de Juan de Flandes agradar a ele mesmo por meio⁸⁶ de Isabella de Castille; Talvez ele dissesse para ela um dia: “Querida Rainha, esta cena seria nada sem você. Você simplesmente deveria estar nela.” Então, novamente a ideia da multiplicação de pães e peixes, esse específico milagre, deve ter recorrido a Isabella quando ela e Ferdinand adquiriram mais e mais riquezas.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Cobre⁸⁷

(Page 119-121)

Meu tio acostumado a trabalhar cobre. Ele era um homem alto e escuro. Sua face era bonita e talhada⁸⁸, tão talhada quanto às cicatrizes que cortam a ruiva face da folha de cobre. Seus dentes eram brancos e regulares em sua esculpida mandíbula; ele sorriu facilmente. Assim como facilmente ele deu um sorriso de volta, o rosto severo de viragem na admoestação de alguma pequena fraqueza de sobrinhos e sobrinhas, como uma manga roubada ou um domingo preguiçoso demais quando os sapatos não estão

⁸⁵ “Isabella led a fabulous religious fantasy life”/ Isabella conduziu uma vida de religião mítica e fantasiosa. O significado primordial de “fabulous” é fabuloso, adjetivo que dá a ideia de ficção, mas também de algo fantástico. Pela ambiguidade da palavra em português optei por usar o sinônimo mítico, porque deixa a ideia mais clara.

⁸⁶ A tradução de “with” não foi a mais utilizada que seria “com”, usou outro significado que foi “por meio de”.

⁸⁷ Para esta parte da tradução foram utilizados os dicionários online: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/>; EM-PT Dictionary Free; <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>.

Também foram utilizados: <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR> & <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT>

A tradução foi realizada de modo interrompido, dividindo em quatro momentos de tradução, por cerca de duas horas no total, depois revisada considerando as anotações realizadas nas oficinas de tradução.

⁸⁸ “Chilselled”: talhada, esculpida, porém a palavra esculpida faz mais referência a trabalho com outros tipos de materiais.

limpos. Mas meu tio é acostumado a trabalhar o cobre. Com chave de fenda, faca, esculpidor⁸⁹, e martelo, ele fazia cinzel golpeando alguma imagem para fora da superfície plana de uma folha de cobre. Ele trabalhou não a partir de uma fotografia ou desenho, mas a partir de um padrão que ele deve ter tido fora de si mesmo. Uma máscara emergiu que, na época, não tendo outras palavras para isso, chamamos África- olhos serenos, nariz largo, lábios carnudos - não uma face reconhecível, mas imagem, um pressentimento de um rosto. Essa face saiu do meu tio. Meu tio era um professor. Ele vestia calças escuras e camisas engomadas de mangas cumpridas para ir ao seu trabalho como professor.

Ele falava e forçava um inglês correto em nossa casa e em suas salas de aula como ele golpeava para fora máscaras Africanas de cobre. O meu segundo tio usava essas máscaras no dia de carnaval - às vezes como couraças ou cocares 'MAS'⁹⁰ ele estava jogando. Meu primeiro tio nunca jogou 'MAS. Ele só persuadiu o rosto para fora da folha de cobre. Ao longo de meses, ele esculpiu⁹¹ e marcou, bateu tambor e saiu qualquer espírito que estava lá⁹². Olhos, boca, bochechas, testa surgiram⁹³.

Escarnificações espelhadas em escarnificações – aquelas que meu tio fez, daquelas na face da imagem. As mãos do meu tio eram ágeis, seus dedos negros nas costas das suas mãos, rosados na planície das suas palmas. O outro tio vestia sua máscara em seu peito ou sua testa cercado por penas e miçangas e dança sob o sol escaldante - cantando cânticos⁹⁴ absurdos que representavam palavras africanas ou indígenas-americanas⁹⁵.

⁸⁹ “Pick” primeiro significado encontrado foi “picareta”, mas não se usa picareta para trabalhos com cobre, assim podemos encontrar outros significados como “ice pick” que é um objeto de furar e esculpir gelo, por isso a opção de tradução foi esculpidor, traduzindo a palavra através do seu uso.

⁹⁰ Não consegui encontrar algo que referenciasse ou pudesse ser usado no lugar de “Mas”, de modo que preferi deixar o termo original.

⁹¹ “Would pick” como o “would” pode ser usado para expressar passado e o “pick” foi utilizado como esculpir ao invés de picareta a opção para traduzir esses termos foi esculpiu.

⁹² “[...] beat and drum out whatever spirit lay there” est parte foi traduzida tendo em vista a compreensão da sentença, tradução pelo significado.

⁹³ “Eyes, jaws, cheeks, forehead would emerge”. O would foi considerado como auxiliary do passado.

⁹⁴ Poderia usar também cantigas para manter o sentido de ritual religiosa sagrado.

⁹⁵ “Americanindian” foi traduzida como indígena-americana para manter o significado que vai além de apenas indígena.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Mais mapas⁹⁶

(Pagina. 124)

De acordo com o meu tio o mundo era seus livros, suas palavras, suas línguas. Suas noites de práticas de gramática causaram-lhe⁹⁷ enfermidades, ataques de pânico, náuseas e sonolência. “Enfermidades”⁹⁸ que poderia nunca ‘ter,’ ” “Ele gritava para alguma criança dizendo”, “Tio, tem⁹⁹ um homem lá fora perguntado pelo senhor.” “Há” para plural e singular, mas nunca use “tem”¹⁰⁰. Nenhum pedido simples ou declaração foi sem essa correção, até que essa criança se esqueceu de ou lamentou o que ele ou ela queria. Logo havia puro silêncio ao redor do meu tio. Nenhum pedido simples ou declaração foi sem essa correção, até que essa criança se esqueceu ou lamentou o que ele ou ela queria. Logo havia puro silêncio em volta do meu tio.

Qual a palavra em espanhol para manteiga? *Mantequilla*. Qual a palavra em espanhol para pão? *pan* Qual a palavra em espanhol para borboleta? *Mariposa*. Menina? *Ninã*. Água? *Água*. Praia? *Playa*. E para sonhos? *Suenos*. Esperança? *Esperanza*. Socorro? *Socorro*. Às vezes essa criança descobria muito pelos erros dele ou dela ou seu próprio desejo desesperado por *esperanza*, *socorro*, *suenos* contra estas aprendizagens infinitas.

Fora da face triste¹⁰¹ de meu tio transformando o riso em seriedade dizia, "conjugue o verbo *tener*". Assim como ele estava ensinando-lhe a valsa por tendo você pisado em

⁹⁶ Para esta parte da tradução foram utilizados os dicionários online: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/>; EM-PT Dictionary Free; <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>.

Também foram utilizados: <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR> & <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT>.

A tradução foi realizada em três momentos cada um com cerca de 30 minutos cada, totalizado em uma hora e meia, depois revisada considerando as anotações realizadas nas oficinas de tradução.

⁹⁷ “His evenings of grammar drills *induced* illness, panic attacks, náuseas, and sleepiness” Apesar de não ter nenhum pronome que fizesse relação a “lhe” para manter a coerência da sentença em português houve esse acréscimo, assim a sentença ficou: Suas noites de práticas de gramática causaram-lhe enfermidades, ataques de pânico, náuseas e sonolência.

⁹⁸ Como não há tradução para “It”, optou-se por repetir a palavra enfermidades.

⁹⁹ Não encontrei uma palavra específica para “It” de modo que ele foi omitido.

¹⁰⁰ “there is’, ‘there are’ for the plural, but ‘it’ could never ‘have’”, no português não há esta diferenciação entre o verbo haver no singular e no plural, então deixei claro que use Há nos dois momentos.

¹⁰¹ “Blue” poderia ser traduzida como a cor azul, porém esta cor pode significar felicidade o que se opõe ao sentido do texto.

seus pés enquanto dançava Pete d’Ulyut’s Band tocando “Stardust”, ele surpreendeu você com a difícil declinação do verbo *llevar*.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Conjugações em desgraça e paraíso¹⁰²

(Page 125-126)

Bem, suponho que, em seguida, meu tio me ensinou a pendura-me no mundo dos braços de livros¹⁰³, em outras palavras, a qualquer custo. Estar alerta para a tradução, mesmo que o seu pé dance. Mesmo se "Stardust" estiver tocando ou "Via con dios My darling", deve-se estar alerta para questões de significado que podem estar arrojados¹⁰⁴ em emboscada ou caindo em cima de você, ou à espreita nos recantos suaves da sala de estar, como o seu bonito tio professor da escola. Ler é atravessar o espaço limnal entre o riso e a ortografia, entre sintaxe e dança.

Então, eu estou em um avião indo para a Austrália, lendo romance de J.M Coetzee, *Desgraça*. O seu único romance, onde se pode ler claramente ler questões raciais como seu tema. Seus livros anteriores pareciam recusar raça. Quem poderia culpa-lo? Uma vez que a África do Sul reduziu humanos à sua tirania arbitrária biológica, para um escritor trabalhando sob o estado totalitário do apartheid, alegoria foi uma estratégia literária óbvia. Uma maneira de sobreviver a violência implacável do apartheid. A vitória sobre o apartheid pareceu libertar Coetzee para o realismo, usar mais termos sobre raça. Esse momento deve ter sido estranho- deslumbrante eufórico. Quando o mundo muda, mesmo quando é a mudança que você tem desejado e sonhado, isto deve ser desestabilizador. Transformou o estilo de Coetzee, que foi da alegoria a um tipo de jornalismo.

¹⁰² Foram utilizados os dicionários online: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/>; EM-PT Dictionary Free; <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>.

Também foram utilizados: <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR> & <https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT>.

A tradução foi realizada em um momentos com duração de uma hora.

¹⁰³ “I suppose then, my uncle taught me to hang on to the world from the arms of books, or words at any rate” esta sentença ficou muito confuse, não consegui ajustar de modod a ficar bem compreensível.

¹⁰⁴ Penso que a palavra “lying” tenha sentido duplo este contexto, incluindo o de mentira, considero que a palavra utilizada complete este duplo sentido. Arrojar de estar posto de modo escuso, o que não elimina o sentido de enganação.

Como eu li *Desgraça*, esses pensamentos vieram à tona. Os escritores não conduzem, eles seguem, no entanto presciente do que suas palavras possam parecer às vezes. É só que eles, diferentemente da maioria das pessoas, não podem se calar. Eles brotam o que eles vêem – tanto faz o que pensasse que eles têm, e todos ao seu redor se assustaram, porque eles disseram que todo mundo estava pensando. Às vezes eles veem muito cedo, às vezes tarde demais. Às vezes eles jorram seus medos e às vezes eles deixaram escapar suas afinidades.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

More maps(p.124)

According to my uncle the world was it books, it Words, its languages. His evenings of grammar drills induced illnesses, panic attacks, nausea and sleepness. “It could never have.” He would shout to some child saying “Uncle, it have a man outside asking for you.” There is, there are for the plural ,but it could never ‘have’. No simple request or statement went without such correction, until this child forgot or regret what he or she wanted. Soon there was pure silence around my uncle.

What is the Spanish word for butter? *Mantequilla*. What is the Spanish word for bread? *pan*. What is the Spanish word for butterfly?

Mariposa. Girl? *nina*. Water? *agua*. beach? *playa*. And for dreams? *suenos*. Hope? *Esperanza*. Help? *Socorro*. Sometimes this child would discover quite by mistake his or her own hopeless desire for *esperanza*, *Socorro*, *suenos* against this endless schooling.

Out of the blue my uncles face turning from laughter from seriousness would say “conjugate the verb *tener*.” Just as he was teaching you the waltz by having you step on his feet as he danced to Pete d’Ulyut’s Band playing “Stardust” he would surprise you with the difficult declension of the verb *llevar*.

TRADUÇÃO DA OBRA EM PORTUGUÊS

Mais mapas(p.124)

De acordo com o meu tio eram seus livros, suas palavras, suas línguas. Suas noites de exercícios de gramática induziram-lhe doenças, ataques de pânico, náuseas e sonolência. “Tio um homem lá fora perguntando pelo senhor.” “Tem”, nunca use “é” ele gritava para alguma criança falando. Nenhum pedido simples ou declaração foi sem essa correção, até que essa criança se esqueceu ou lamentou o que ele ou ela queria. Logo havia puro silêncio ao redor do meu tio. Existe ou existem para o plural mas, “é” nunca “tem”. Qual a palavra em espanhol para manteiga? *Mantequilla*. Qual a palavra em espanhol para pão? *pan* Qual a palavra em espanhol para borboleta? *Mariposa*. Menina? *Ninã*. Água? *Água*. Praia? *Playa*. E para sonhos? *Suenos*. Esperança? *Esperanza*. Socorro? *Socorro*. Às vezes essa criança iria descobrir muito por engano dele ou dela ou seu próprio desejo desesperado por *esperanza*, *socorro*, *suenos* contra estas aprendizagens infinitas.

Do nada, o rosto de meu tio transformando-se do riso à seriedade diria, “conjugue o verbo *tener*”. Da mesma maneira que ele estava ensinando você à valsa com você pisando nos pés dele enquanto dançava Pete d’Ulyut’s Band tocando “Stardust”, ele iria surpreendê-lo com a difícil declinação do verbo *llevar*.

PROTOCOLO

04/08/2015 11:35 P.M –Li o trecho escolhido para traduzir duas vezes. Percebi a presença de palavras da língua espanhola no texto. Comecei a pensar em algumas questões de tradução, como por exemplo se o tradutor precisa entender o texto que vai traduzir.

Observei o quanto a língua inglesa é mais enxuta ‘According to’ vira De acordo com Outra questão que me despertou atenção foram as palavras com sufixo less e as traduções que encontrei:

Endless-infinito, contínuo, interminável

Hopeless-sem esperança, desesperado, incorrigível

Eu desconhecia a expressão informal ‘Out of the blue’. Fui pesquisar e descobri que significava descrever um fato que ocorre de forma inesperada, sem qualquer aviso. É usado como um advérbio. Traduzi como ‘Do nada’.

Utilizei como ferramentas de tradução o Google tradutor e o dicionário online Dictionary.com (link <http://dictionary.reference.com/>)

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

Conjugations in Disgrace and Paradise (pag.125)

Well,I suppose then taught me to hang on the world from the arms of books ,or words at any rate.To be alert to translation even as your feet dance.Even if “Stardust” is playing or Via con dios My darling",one must be alert to questions of meaning that may be lying in ambush or bearing down on you,or lurking in the soft recesses of livingroom like your beautiful schoolteacher uncle. To read is to transverse to limnal space between laughter and spelling ,between syntax and dancing.

So,I am on plane going to Australia,reading J.M Coetzee's novel Disgrace. It is his only novel where one can clearly read race as subject.His earlier books seemed to refused race.Who could blame him?Since South Africa reduced human beings to its arbitrary biological tyranny,for a writing work under the totalitarian state of apartheid seemed to free Coetzee to realism more plains terms about race.That moment must have been odd –stunning,euphoric.When the world changes,even when it is the change you have longed for and dreamed,it must be desitabilizing .It turned Coetzee's style from allegory to a kind of journalism.

As I read Disgrace ,these taughts come to me. Writers do not lead, they follow however prescient their works might seen at times.It is only that day ,unlike most people ,cannot shut up.They gush out what they see –whatever taught they have,and everyone around them is startled because they have said what everyone's been thinking .Sometimes they see too early,sometimes too late.Sometimes they gush their fears,and sometimes they blurt out their affinities.

TRADUÇÃO DA OBRA EM PORTUGUÊS

Conjugações em desgraça e paraíso (pag.125)

Bem, suponho que, em seguida, meu tio me ensinou a cair sobre o mundo das armas dos livros, ou seja, de qualquer modo. Estar alerta para a tradução, mesmo que o seu pé dance mesmo se "Stardust" estiver tocando ou "Via con dios My darling", deve-se estar alerta para questões de significado que podem estar deitados em emboscada ou caindo em cima de você, ou à espreita nos recantos suaves de sala de estar como o seu tio bonito professor da escola. Ler é atravessar o espaço liminar entre o riso e a

ortografia, entre sintaxe e dança.

Então, eu estou em um avião indo para a Austrália, lendo romance de J.M Coetzee, Desgraça. O seu único romance, onde se pode ler claramente questões raciais como seu tema. Seus livros anteriores pareciam recusar esse assunto. Quem poderia biológica, para um escritor trabalhando sob o estado totalitário do apartheid, alegoria foi uma estratégia literária óbvia

Uma maneira de sobreviver a violência implacável do apartheid. Ter vitória sobre o apartheid pareceu libertar Coetzee para realismo, usar mais termos planos sobre raça. Esse momento deve ter sido estranho- deslumbrante eufórico. Quando o mundo muda mesmo quando é a mudança que você desejava e sonhava, ele deve desestabilizar. Mudou o estilo de Coetzee, foi da alegoria a um tipo de jornalismo.

Como eu li Desgraça, esses pensamentos vieram à tona. Os escritores não levam. Eles seguem, no entanto prescientes suas obras pode parecer às vezes. E que, ao contrário da maioria das pessoas, eles não podem calar a boca. Eles jorram o que eles vêem-o que quer que eles tenham pensado, e todos ao seu redor se assustam, porque eles disseram o que todo mundo estava pensando. Às vezes eles vêem muito cedo, às vezes tarde demais. Em algum momento eles jorram seus medos, e, em seguida, às vezes eles deixar escapar suas afinidades.

PROTOCOLO

03/08/2015 21:15 Li parte do texto. Leitura superficial. Não tive dificuldades para entender a leitura mas percebi que teria para traduzir. O primeiro paragrafo foi tranquilo. Usei somente o dicionário online Dictionary.com.

21:40 Parei.

22:35 Para traduzir o segundo paragrafo, usei o google tradutor e também pesquisei o autor Coetzee e o romance Disgrace citado no trecho.

Confesso que foi uma experiência bem angustiante traduzir esse texto, ainda mais sabendo que ainda não existem traduções oficiais em português. Acho que preferia que tivesse alguma tradução para que eu pudesse comparar com as minhas após fazê-las.

23:12 Parei

00:42: Traduzi o terceiro paragrafo frase por frase e ficou um pouco confuso. Fiquei encucada sobre a diferença em jorrar e brotar (to gush). Optei por jorrar.

Não fiz revisão da tradução.

INFORMANTE	CÓDIGO
	T5
TRADUÇÃO E PROTOCOLO	
<p>Inicialmente a tradução foi dada cada parágrafo seguindo a estrutura da língua inglesa pensando que talvez seja possível uma boa tradução dessa maneira, sendo que a tradução era uma leitura do texto em não uma transposição do mesmo, buscou-se fazer algumas mudanças e adições de palavras para torna o texto compreensível. Apesar de ter passagem nebulosas no meu ponto de vista tentei traduzir o texto de forma que ele não <i>core</i>.</p> <p>De início problemático surgiu com o título do texto pois comecei a tradução sem pesquisa sobre o texto e a autora, fazendo com que não houve uma contextualização do todo. Através de pesquisas na internet foi percebido o todo do texto com o título.</p> <p style="text-align: center;"><i>A map to the door of no return</i></p> <p style="text-align: center;">O mapa para um portal sem retorno</p> <p>Há nessa passagem uma problemática por assim dizer <i>door e no rertun</i> primeiramente <i>door</i> que em seu significado no dicionário AED “the entrance (the space in a wall) through which you enter or leave a room or building; the space that a door can close” ou seja no português porta, sendo que havia três possibilidades (porta, portal portão.)</p> <p>Mas optei por portal pois dá qualificação maior pois no português portal significa “entrada principal, ger. ornamentada, de uma igreja, de um grande edifício etc; porta de grandes dimensões.” Dando assim um sentido amplo além de somente uma passagem física mais uma passagem psíquica que foi a diáspora vivida pelos negros e que para a autora ainda é “ferida aberta”. Para <i>no return</i> foi utilizada o comparativo que não se distanciasse sendo um cognato ambos têm o mesmo significa e equivalência.</p> <p>Há uma diferença de uso do <i>no</i> tradução <i>não</i> pois no português a tradução não tem o mesmo uso que na língua inglesa, ou seja, enquanto o <i>no</i> serve como quantificador negativo de falta, na nossa língua ele é um partícula negativa oposta ao sim, fazendo com que a opção dessa tradução seja a palavra <i>sem</i> que indica falta a ideia transpassada pela autora acredita-se.</p>	

Após essa conclusão partir-se para o próximo texto:

More Maps

According to my uncle the world was its books, its word its language. His evenings of grammar drills induced illness, panic, attack, nausea, and sleepiness. **“It” could never ‘have’, he would shout to some child saying, “uncle it have a man outside asking for you” there is there are for the plural but “it ‘could never ‘have’”.** No simple request or statement went without such correction, until this child forgot or regretted what he or she wanted. Soon there was pure silence around my uncle.

What is Spanish word for butter? *Mantequilla*. What is Spanish word for bread? *pan*.

What is Spanish word for butterfly? *Mariposa*. *Girl?niña*. *water? Agua*. Beach? *Playa*. And for dreams? *Suenos*. Hope? *Esperanza*. Help? *Socorro*.

Tradução:

Voltando aos mapas

De acordo com meu tio o mundo era seu livro, suas palavras, sua linguagem. As noites praticando gramática induziriam o a doença, pânico, náuseas e sonolência. **It** nunca poderia ser usado com **have**. Ele gritaria para crianças dizendo **“ Tio, tem um homem lá fora perguntando por você” “ existe” “existem” para o plural, mas ...**

Nem um simples ou pedido ou afirmação foi sem essa correção, até as crianças esquecerem-se ou lamentaram-se do que queriam. Logo o silêncio tomava meu tio. Qual é a palavra espanhola para manteiga? *Mantequilla*. Qual é a palavra espanhola para pão? *Pan*. Qual é a palavra espanhola para borboleta? *Mariposa*. Garota? *Niña*. Água? *Agua*. Praia? *playa*. E para os sonhos? *Suenos* Esperança. *Esperanza*. Ajuda? *Socorro*.

Por vezes as crianças descobririam pelos seus erros o desejo impossível/deseperado pela *Esperanza*, *socorro*, *suenos*. Contra interminável ensino/aprendizagem sem fim.

Nessa passagem a tradução tornou-se muito complicada pois de início o título

more maps que foi traduzido como voltando aos mapas já que anteriormente há um topicis denominado *maps*, escolha realizada através da definição de more AED “go or come back to place, condition, or activity where one has been before” dando a opções: voltar, retornar, regressar.

O processo de tradução corria “bem” até chega-se na terceira linha do parágrafo quando é utilizado termos da gramática da língua inglesa, que ao me ver não tem a mesma equivalência gramatical no português na frase: “*It* could never ‘have’, he would shout to some child saying, “uncle it have a man outside asking for you” there is there are for the plural but “it ‘could never “have” é abordado nessa passagem que a gramática era umas das coisas que o tio da garota em questão sempre corrigia a minha tradução inicial para essa frase não percebi que se tratava de um jogada gramatical causando um confronto de lógica.

Tentando me aproximar traduzir como: *It nunca poderia ser usado com have. Ele gritaria para crianças dizendo “ Tio, tem um homem lá fora perguntando por você” “ existe” “existem” para o plural, mas ...”* deixando o it e o have e na frase que estão juntos pois não encontrei até o momento um equivalente para os dois, traduzir com o ver ter no presente, deixando para repensar na tradução dessa mesma frase futuramente. Nas sequências de palavras em espanhol as mantive como na ordem em inglês deixando duas opções de palavras grifadas em amarelo com futuras possibilidades.

Seguindo para o próximo texto:

Maps

Isabelle of Castille commissioned by a **polyptych altarpiece** in 1496. Juan Flandes and Michael Sittow were retained to work on the miniature altarpiece. In one panel called “The Multiplication of Loaves and Fish” Isabella and Ferdinand are insert into the scene at the front of the crowd near Jesus Christ. Isabella is kneeling Ferdinand is standing.

Tradução:

Mapas

Isabella de Castille encomendou um retábulo políptico de 1496. Juan de Flandes e Michel Sittow foram contratados para trabalhar fazendo alguns retoques pequenos na arte. Em um painel chamado “A multiplicação de pães e peixes”

Isabella e Fernand foram implantados/incluídos na cena em frente da multidão perto de Jesus Cristo. Isabella ajoelhando-se: Fernand em pé.

Deparamos com a primeiro obstáculo **polyptych altarpiece** que se refere a pinturas renascentistas feitas em painéis de madeira ou pedra chamados de retábulos que tem as imagens divididas em seções que conta uma história. Geralmente ilustram histórias religiosas. Apesar dessa definição houve-se que pesquisar em imagens no google pois não conhecia esse tipo de arte.

Fig1 “A multiplicação dos pães e peixes”

fig. 2 Retábulo políptico

Nessa passagem a história torna-se muito evidente do uso de pintores famosos dessa época que pintaram retratos da rainha Isabella de Castille nessa passagem é posto em foco a arte renascentista e religiosa.

Gramaticalmente, pode-se dizer que não houve muitas dúvidas e problemas houve perdas e acréscimos na passagem: **Isabella is kneeling Ferdinad is standing.** Traduzida: **Isabella ajoelhando-se Fernand em pé.** Na língua inglesa o *ing* tem função de gerúndio e de substantivar e adjetivar um verbo, caso que não acontece no português optei por deixar um verbo no gerúndio com a partícula *se* como pronome reflexivo, no segundo ver escolhe a palavras *em pé* que realmente descreve a imagem que a escritora quis passar.

Próximo tópico:

Note a while discoursing my way along latitudes of **newsprint**, making a compendium of the salient points. In fact, I had memorized the **monograph** itself – the streets it sketched, the particular contours the landmarks. So when I embarked I was already its citizen. I was dressed in a leatherette suit, approximating as well as I could under the circumstances the iconography of a woman in my situation, **my hair was bursting from its orthodox perm** my family was already not my family my road was already laid down. my city was a city in my imagination where someone suddenly an plainly applied. Appear as if belonging and belonging **where someone may disappear also into nothing or everything.** When I landed in Toronto, I put my luggage down in the apartment on Keele Street and headed for Harlem the Apollo 125th street.

Tradução:

Anotando enquanto observava o meu caminho ao longo das latitudes num papel

barato fazendo uma coletânea dos pontos salientes. Na verdade, eu tinha memorizado a **monografia** –esboços das ruas, os contornos particulares, os pontos interessantes. Então quando eu embarquei, já era sua cidadã. Estava vestindo um terno de couro sintético, que desenhava a curvas do meu corpo, **meu cabelo estava desmanchando em cachos**, minha família já não era minha família, meu caminho já estava estabelecido, a minha cidade era uma cidade na imaginação onde alguém de repente e simplesmente aparecia como se pertencesse ou não a esse lugar, **onde alguém poderia desaparecer de uma hora pra outra** .Quando desembarquei em Toronto coloquei minha bagagem no apartamento na rua Keele e dirigindo-me para o rua Apollo no Harlem 125

Nessa passagem houve problemática linguísticas, mas o foco principal foi a transposição das ideias do texto. Optei na palavra **monograph** tradução equivalente que é monografia, apesar de ter procurados outros termos ano foi achado até o presente momento, já que minha primeira tradução foi literal, tentei ao máximo igual a ordens das palavras que ocasionou num texto sem sentido em português que foi revisto e remodelado algumas vezes.

A palavras e frases marcadas e em negritos foram pontos de causaram uma confusão na tradução na frase “*my hair was bursting from its orthodox perm*” traduzida como “*meu cabelo estava desmanchando em cachos*” três palavras chaves definiram essa minha tradução que foram **Bursting** que significa *rebentamento, explosão, ruptura* seguindo esse pensamento e como se tratava do cabelo utilizei *desmanchando* que me pareceu ser uma escolha adequada.

Orthodox (ortodoxo) que se refere a um doutrina e o tradicional e **perm** (permanente, encaracola os cabelos) dessa sequência de palavras criei a ideia da frase que de fato não sei se era o que Brand queria transparecer.

Tendo em vista o parágrafo em que a narradora deixa seu país para viver no Canadá ela se descreve a sua roupa e seus sentimentos e seu cabelo que mostra sua raiz sua origem, tentando transportar a ideia que sua origem latente seu cabelo estava a ser rebelar contra os padrões ortodoxos.

Na frase “**where someone may disappear also into nothing or everything**”

optei de início seguir a ordem gramatical, mas quando traduzir os pronomes indefinidos a frase ficou sem sentido no meu ponto de vista, e como na frase fala-se de desaparecimento utilizei um equivalente ao português bastante conhecido que ficou: **onde alguém poderia desaparecer de uma hora para outra**, deste modo mudando a grafia da frase.

INFORMANTE	CÓDIGO
	T6
EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS	
<p>Maps (119)</p> <p>Isabella of Castille commissioned a polyptych altarpiece in 1496. Juan de Flandes and Sittow were retained to work on the miniature altarpiece. In one panel called “The Multiplication of the Loaves and Fishes,” Isabella and Ferdinand are inserted into the scene at the front of the crowd near Jesus Christ. Isabella is kneeling; Ferdinand is standing.</p> <p>What can be inferred here is that Isabella led a fabulous religious fantasy life. To see herself and Ferdinand at this occasion attests to the fertility of her imagination. But perhaps it was Juan de Flandes’ attempt to ingratiate himself further with Isabella of Castille: perhaps he said to her one day. “Dearest Queen, this scene would be nothing without you. You simple must be in it.” Then again, the idea of multiplying loaves and fishes, this particular miracle, must have appealed to Isabella as she and Ferdinand acquired more and more wealth.</p>	
EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO	
<p>Mapas (p.119)</p> <p>Isabela de Castela (Nota 1) comissionou um retábulo políptico em 1496. Juan de Flandes e Michel Sittow foram mantidos (Nota 2) para trabalhar na miniatura do retábulo. No painel chamado “A Multiplicação dos Pães e dos Peixes,” Isabela e Fernando foram inseridos na cena em frente à multidão próxima de Jesus Cristo. Isabella está ajoelhada e Ferdinand está de pé.</p> <p>O que pode ser inferido aqui é que Isabela levava, fabulosamente, uma vida fantasio-religiosa (Nota 3). Ver ela mesma e Fernando nessa ocasião atesta a fertilidade da sua</p>	

imaginação. Mas, talvez, fosse a tentativa de Juan de Flandes para congregar-se ainda mais com Isabela de Castela, talvez dissesse para ela um dia: “Querida Rainha, essa cena não seria nada sem você. Você simplesmente deveria estar nela.” Em seguida, a ideia de multiplicar pães e peixes, esse milagre em particular, deve ter atraído (Nota 4) Isabela, como ela e Fernando adquiriram mais e mais riquezas.

PROTOCOLO

11/04/2015

Levei uma tarde para traduzir esse trecho, dado que me distraia facilmente. Ele revisado após a apresentação na aula do componente Prática de Tradução. Para tanto, foi utilizado dicionários online e pesquisa na internet.

Nota 1

Isabella of Castille- Isabel I de Castela, rainha-consorte da Sicília a partir de 1469 e de Aragão desde 1479. Primeiramente eu tinha optado por não traduzir o nome da personagem, mas, após a apresentação/discussão dessa tradução na aula de prática de tradução, decidi traduzir, pois facilitará na compreensão do leitor, o qual poderá associar com mais prontidão o nome a figura histórica.

Nota 2

Retain- reter, manter, guardar, conservar. Optei pelo verbo “manter” porque “reter” dá a ideia de ficar preso e acredito que o sentido não seja esse.

Nota 3

“Isabella led a fabulous religious fantasy life”. Tive dificuldades de traduzir essa frase pela quantidade de adjetivos. Uma vez que não soaria bem em português traduzir as três palavras de forma literal. Por isso achei conveniente traduzir um adjetivo como um advérbio, que foi o caso de fabulous/fabulosamente. E o “fantasio-religiosa”, foi a solução sugerida por um colega no momento de apresentação, a qual aderi.

Nota 4

Appeal- apelar, atrair, recorrer. Escolhi o verbo “atrair” por causa do discurso de Flandes, que parece estar convencendo Isabela.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

Copper (p.119)

My uncle used to work copper. He was tall dark man. His face was beautiful and chiseled, as chiseled as the scars that cut into the auburn face of the sheet of copper. His teeth were white and even in his sculpted jaw; he grinned easily. Just as easily he took a smile back, his face turning stern in admonition of some small weakness of nieces and nephews like a stolen mango or too lazy Sunday when the shoes weren't whitened. But my uncle used to work copper. With screwdriver, knife, pick, and hammer, he would chisel and pound some image out of the flat surface of a sheet of copper. HE worked from no photograph or drawing but from a pattern he must have had inside himself. A mask emerged which at the time; having no other words for it, we called African – serene eyes, broad nose, full lips – not a recognizable face but an image, a presentiment of a face. This face came out of my uncle. My uncle was a teacher. HE wore dark trousers and starched white long-sleeved shirts to go to his job as a teacher. He spoke and enforced proper English in our house and his classrooms like he beat out African masks from copper. My second uncle wore these masks of copper. My second uncle wore these masks on carnival day – sometimes as breastplates or headdresses on whatever 'mas he was playing. My first uncle played 'mas. HE only coaxed the face out of the blank sheet of copper. Over months he would pick and mark, beat and drum out whatever spirit lay there. Eyes, jaws, cheeks, foreheads would emerge.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Cobre (p. 119)

Meu tio costumava trabalhar com cobre (Nota 5). Ele era um homem alto e negro (Nota 6). O seu rosto era lindo e cinzelado, tão cinzelado quanto as suas cicatrizes que cortam o rosto em um castanho-avermelhado da folha de cobre. Seus dentes eram brancos até em seu esculpido maxilar; ele sorriu facilmente. Assim como ele levou um sorriso de volta, seu rosto torna-se severo em abominação de algumas pequenas fraquezas de sobrinhas e sobrinhos, como uma manga roubada ou um domingo muito ocioso quando os sapatos não estão branqueados. Mas meu tio costumava trabalhar com cobre. Com chave de fenda, faca, picareta, e martelo, ele poderia martelar e esculpir alguma imagem a partir da superfície plana de uma folha de cobre (Nota 7). Ele não trabalhou a partir de uma fotografia ou desenho, mas partindo de um padrão que ele deve criado dentro dele mesmo (Nota 8). Uma máscara emergiu no momento, sem ter palavras, chamamos Africana - olhos serenos, nariz largo, lábios carnudos –

um rosto irreconhecível, mas uma imagem, um pressentimento de um rosto – Este rosto resultou do meu tio. Meu tio era um professor. Ele vestira calças escuras e camisa engomada de mangas longas brancas para ir ao seu trabalho como professor (Nota 9). Ele falou e reforçou o apropriado Inglês em nossa casa e na sua sala de aula assim como esculpira as máscaras africanas de cobre. Meu segundo tio usara estas máscaras de cobre. Meu segundo tio usara estas máscaras no dia de carnaval. Às vezes com couraças ou cocares em qualquer *'mas* (Nota 10) ele estava jogando. Meu primeiro tio nunca jogou *'mas*. Ele só persuadiu o rosto para fora da folha de cobre. Durante meses, ele iria pegar e marcar, bater e tocar o tambor para expulsar o qualquer espírito que estava lá. Olhos, boca, bochechas, testas emergiriam.

PROTOCOLO

29/06/15- 14:40

Todas as palavras que tive que pesquisar pelo significado, eu optei por pesquisá-las no dicionário online Linguee, devido as traduções contextualizadas e exemplificadas, e o Google tradutor. Utilizei a internet também para pesquisar sobre o *'mas*.

Nota 5

“My uncle used to work copper”- na tradução, coloquei a preposição “com” que não encontra-se no original. Talvez essa ação tenha sido um erro, pois, havia a opção de não usá-la para, propositalmente, causar um estranhamento.

Nota 6

“Tall and dark man”- Fiquei em dúvida entre negro ou moreno. Mas optei por negro, acho moreno um termo pejorativo, às vezes. Embora pudesse usar também o sentido literal, escuro. Mas, pouco usamos esse termo em português para adjetivar pessoas, o que poderia soar estranho.

Nota 7

“Chisel and pound”- resolvi mudar a ordem, para dar mais sentido. Na mesma frase retirei a palavra “out”, perde-se um sentido que acredito ser compensado com “a partir de”, pode não ter sido uma boa escolha por tratar-se da tradução de uma palavra por três.

Nota 8

“From a pattern”- traduzi “from” como “partindo” para não repetir “a partir de”.

Nota 9

Omiti o pronome, já que não há a necessidade de usá-lo em português.

Nota 10

Não encontrei uma explicação contextualizada do que seria “ ‘mas” , por isso decidi manter em itálico.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

Scarifications mirrored in scarifications – the ones my uncle made of the ones on the face of the image. My uncle’s hands were deft, his fingers black on the back of his hands, pink on the flat of his palms. The other uncle would wear this mask on his chest or his forehead surrounded by feathers and beads and dance under the burning sun – singing nonsensical chants that stood for African or Amerindian words.

My uncle would take months to draw and cut out the masks; he would leave it for days, frustrated that a cheekbone would not level out. My uncle was not a scholar of African art of any kind. He did not know of the personal masks of the Bassa people, he did not know of the men’s society masks of the Manding people or Guinea, not the dance mask of Igbo or the Bawa or Bamana people. He had no recall of the Baule, the Oan, the Mossi, the Ogoni, the Sennefo, the Ngbaka, or the Akwaya. My uncle only had the gaping Door of No Return, a memory resembling a memory of a thing that he remembered. And not so much remembered as felt. And not so much felt as a memory which held him. (p.120-121)

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Arranhões espelhados em arranhões- aquelas que meu tio fez daquelas sobre a imagem da face. As mãos de meu tio eram hábeis, seus dedos negros nas costas das suas mãos, rosada nas suas palmas (Nota 11). O outro tio usaria essa máscara em seu peito ou na testa cercado por penas e miçangas e dança sob o sol escaldante – Cantando cânticos sem sentido que ficou para a África ou para as palavras Ameríndia (Nota 12).

Meu tio levaria meses para desenhar e recortar as máscaras. Ele as abandonaria por dias, frustrado porque a maçã do rosto (Nota 13) não nivelou. Meu tio não era estudioso de nenhum tipo de arte africana (Nota 14). Ele não sabia das máscaras pessoais das pessoas de Bassa, ele não sabia das máscaras dos homens da sociedade do povo de Mandinga ou Guineia, nem a máscara dança do Igbo, o Bawa ou as

peças Bamana. Ele não tinha nenhuma recordação do Baule, Oan, Mossi, Ogoni, Sennefo, Ngbaka, ou Akwaya. Meu tio tinha somente a escancarada Porta Sem Retorno, uma memória semelhante a uma memória de uma coisa que ele lembrava. E não muito lembrado como sentido. E não muito sentido como uma memória que o segurava.

PROTOCOLO

Essa parte foi traduzida em três dias diferentes, nos dias 08 e 31 de julho e no dia 05 de agosto. Fiz uso das mesmas ferramentas citadas acima.

Nota 11

“Black on the back of his hands, pink on the flat of his palms.”- na palavra “back” e “pink” tentei aproximar a linguagem coloquial.

Nota 12

“Amerindian”- optei por traduzir o termo para que perceba-se o sentido que a palavra está sendo usada.

Nota 13

“Cheekbone”- maçã do rosto, osso malar. Optei por maçã do rosto para ficar mais semelhante ao modo como falamos. Além disso, nessa passagem há um ponto e vírgula no original, a qual decidi trocar por um ponto de continuação, pois em português é a pontuação mais adequada.

Nota 14

“My uncle was not a scholar of African art of any kind”- fiz uma inversão das últimas palavras da frase com o intuito de aproximar ao modo como nos expressamos, mas perdi o estranhamento que o “ any kind” poderia causar se estivesse no final.

INFORMANTE	CÓDIGO
	T7
EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS	
<i>Copper</i> (19/05)	
My uncle used to work copper. He was a tall dark man. His face was beautiful and	

chiseled, as chiseled as the scars that cut into the auburn face of the sheet of copper. His teeth were white and even in his sculpted jaw; he grinned easily. Just as easily he took a smile back, [...].

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Tanoeiro

Meu tio costumava trabalhar de tanoeiro. Ele era um homem alto e escuro. Seu rosto era bonito e bem formado, tão bem formado como as cicatrizes nas ruivas lixas de tanoeiro. Seus dentes eram brancos em sua mandíbula esculpida; sorria facilmente. Tão facilmente quanto tomava de volta este sorriso, [...].

PROTOCOLO

Protocolo: 20:16~21:20

Comecei repensando o título do texto. Retomei uma discussão sobre as diferenças sintáticas/semânticas do inglês para o português; o uso do “no” foi uma delas. Para manter essa diferença no português, acabei optando por traduzir o título para “*Um mapa para o portal de não-retorno*”. Pesquisando o termo novo no google, descobri que “Porta de Não-Retorno” é o nome real do monumento relacionado ao título do livro.

Cooper: Precisei pesquisar o significado do nome. Procurei no Advanced English Dictionary (AED - app do windows 8/windows phone) e depois a tradução do Google (Translator). O AED me deu o sentido, mas eu ainda precisei de uma palavra em português. Depois de encontrar *tanoeiro*, pesquisei esta palavra no google para comparar os sentidos com os encontrados no AED.

“[...] *to work cooper*”: Pesquisei esta frase no google translator, pois achei a sintaxe um pouco problemática (estou familiarizado com “*to work as a cooper*”). Deduzi que poderia ser um uso oral da língua inglesa. Para manter este tom oral, usei “*trabalhar de tanoeiro*”.

Chiselled: Pesquisei no google translator e encontrei dois sentidos: *cinzelado* e *bem formado*. *Bem formado* é o significado encontrado no AED (“*strongly defined facial features*”). Fiquei em dúvida se o narrador estava se referindo à cor do tio se negro

acinzentado ou se era um rosto bem formado, pois havia uma comparação com as cicatrizes de uma folha de lixa de tanoeiro. Primeiramente, pesquisei a lixa do tanoeiro no google para conferir a sua cor. Depois de conferir que nos primeiros resultados eram todas vermelhas que reparei na palavra *auburn*, que significa ruivo, mas a dúvida perdurou; os arranhões da lixa ainda podem ser acinzentados. Pesquisei “*chiselled face*” no google e encontrei vários rostos de homens, brancos em sua maioria, e todos tinham em comum as mandíbulas bem definidas. Optei por “*bem formado*”, tradução que foi reforçada pela frase seguinte, que apresenta “*sculpted jaw*”, traduzido (por mim) como “*mandíbula esculpida*”.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

Continuação: 20 e 21/05

[...] his face turning stern in admonition of some small weakness of nieces and nephews like a stolen mango or a too lazy Sunday when the shows weren't whitened. But my uncle used to work copper. With screw-driver, knife, pick, and hammer, he would chisel and pound some image out of the flat surface of a sheet of copper. He worked from no photograph or drawing but from a pattern he must have had inside himself. A mask emerged which at the time, having no other words for it, we called African – serene eyes, broad nose, full lips – not a recognizable face but an image, a presentiment of a face. This face came out of my uncle. My uncle was a teacher.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

[...] seu rosto se tornava severo em admoestação de pequenas travessuras dos sobrinhos, como uma manga roubada, ou um domingo preguiçoso onde os sapatos não foram bem branqueados. Mas meu tio costumava entalhar cobre. Com chave de fenda, faca, picareta e martelo, ele cinzelava e entalhava imagens a partir da lisa superfície da folha de cobre. Ele trabalhava a partir não de fotografias ou desenhos, mas de um modelo que ele deveria ter em si. Uma máscara emergiu, à qual, naquele momento, não havendo outras palavras para isso, chamamos de Africana – olhos

serenos, nariz largo, lábios carnudos – não um rosto reconhecível, mas uma imagem, o pressentimento de uma face. Este rosto saiu do meu tio. Meu tio era um professor.

PROTOCOLO

Protocolo: 21:00~21:20

Stern; admonition: Pesquisei ambas apenas no google tradutor, escolhendo, entre as palavras dadas, *severo* e *admoestação*, respectivamente.

Some small weakness: Não achei que *alguma pequena fraqueza* daria de imediato o sentido de delito, ainda que este estivesse posto no período seguinte, também porque acredito que *weakness* traga este sentido mais claramente que *fraqueza*, mas *delito* seria uma palavra mais forte do que o roubo de uma manga precisava.

Weren't whitened: Apresenta um sentido de limpeza, então, primeiramente, pensei que *foram bem limpos* traduziria bem o sentido. Mas aí perderíamos a descrição da cor dos sapatos.

Screw-driver; pick (21/05: 11:50~12:27): Usei novamente a tradução dada pelo google. Primeiramente, porque o AED não tinha a primeira palavra e segundo porque não vejo uma grande necessidade de pesquisar a descrição de um objeto material em inglês, se isso não me lembrar de qual objeto se trata em português.

Chisel and pound: Já sabia que *chiselled* tinha os sentidos de *bem formado* e *cinzelado*, pela pesquisa do dia anterior, resolvi ir direto para *pound*. O 3º sentido dado pelo AED foi o que melhor descreveu o ato apresentado na cena, mas “*deliver repeated heavy blows*” ainda não me deu uma boa noção de como traduzir esta palavra. No *The Free Dictionary*, encontrei “*to strike repeatedly*”, seguido pelo exemplo “*pounded the nail with a hammer*”. Pensei na palavra esculpir, que não dava a noção de como o trabalho estava sendo feito (*pounding*), então pesquisei esta palavra no google, em busca de sinônimos. No google, encontrei *cinzelar*, que me deu uma nova noção de *cinzelado*; achei que esta palavra dava o sentido da cor cinza, mas *cinzelar* é o processo de modelagem que estava sendo feito e, portanto, sinônimo de *bem formado*, e *entalhar*, que descreve melhor a forma como a modelagem estava sendo feita.

Cooper (17:30~18:45): Por fim, a expressão *out of the flat surface of the sheet of cooper* me obrigou a repensar se realmente *sheet of cooper* podia ser traduzido como lixa de tanoeiro. Preciso corrigir uma informação dada no protocolo de ontem: de fato

pesquisei para confirmar a cor da lixa de tanoeiro, mas as palavras usadas foram *sheet of cooper*, em inglês, a cor arruivada que vi era de uma *folha de cobre*, confirmada quando eu refiz esta pesquisa com os termos em português. De fato, *entalhava imagens da lisa superfície da folha de cobre* fazia muito mais sentido. Finalizei a tradução corrigindo as outras ocorrências deste erro, que incluía, também, o título do capítulo (*Copper*) e o termo *used to work cooper*.

Acabei percebendo que a origem do erro era um problema de *spelling*: eu estava lendo *copper* no texto e digitando *cooper* na pesquisa. Por este motivo, vou deixar *cooper* onde já havia digitado no protocolo.

PALAVRAS CORRIGIDAS

Palavras corrigidas:

Tanoeiro para *Cobre* (*Copper* no título);

Trabalhar de tanoeiro para *trabalhar cobre*: pensei primeiro em *cinzelar cobre*, mas a palavra *cinzelado* reapareceria algumas vezes no mesmo parágrafo, depois em *entalhar cobre*, mas, além de *work copper* não descrever tão precisamente o processo, *cinzelar cobre* e *entalhar cobre* não renderam tão bons resultados como *trabalhar cobre*, quando pesquisados estes termos no google.

(19/05, corrigido em 21/05)

Cobre

Meu tio costumava entalhar cobre. Ele era um homem alto e escuro. Seu rosto era belo e cinzelado, cinzelado como as cicatrizes nas ruivas folhas de cobre. Seus dentes eram brancos e certinhos em sua mandíbula esculpida; sorria facilmente. Tão facilmente quanto tomava de volta este sorriso, [...].

Nesta nova versão, além de corrigir os erros relacionados ao cobre, mudei o adjetivo referente ao rosto do tio, uma vez que “beautiful” tem uma força maior que “bonito”, força essa que “belo” capta bem. Trouxe, também, a palavra “even”, a qual eu havia omitido por não encontrar correspondente em português, até que numa discussão em sela encontramos o real significado da palavra, enquanto adjetivo: uniforme, adaptado para “certinho” para se adequar à proposta geral do projeto.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

Continuação: (17/09)

He wore dark trousers and starched white long-sleeved shirts to fo to his job as a teacher. He spoke and enforced proper English in our house and in his classrooms like he beat out African masks from copper. My second uncle wore these masks from copper. My second uncle wore these masks on carnival day – sometimes as breastplates or headdresses on whatever ‘mas he was playing. My first uncle never played ‘mas. He only coaxed the face out of the blank sheet of copper. Over months he would pick and mark, beat and drum out whatever spirit lay there. Eyes, jaws, cheeks, foreheads would emerge.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Ele vestia calças* escuras e camisas engomadas de mangas compridas* para ir ao seu trabalho de professor. Ele falava e forçava um Inglês correto em casa e nas suas aulas como ele golpeava* máscaras Africanas do cobre. Meu segundo tio usava essas máscaras de cobre. Meu segundo tio usou essas máscaras no dia de carnaval – às vezes como peito de prova* ou cocar* em qualquer que fosse o bloco* que ele estava participando. Meu primeiro tio nunca participou de um. Ele apenas emergia* rostos da folha de cobre limpa. Durante meses ele escolhia e marcava, batia e rufava qualquer que fosse o espírito que habitava lá. Olhos, mandíbula, bochechas*, testas emergiam.

PROTOCOLO

Protocolo (9:20~10:11)

Precisei pesquisar *long-sleeved, trousers, headdresses e cheeks*. Fiquei um pouco confuso sobre o uso de trousers, então conferi a definição em inglês desse termo no Dictionary.com (app), o outro eu usei a tradução do google.

Não consegui estabelecer sintaticamente um bom paralelo entre a força o golpear da

máscara e o esforço para falar um inglês correto.

Breastplates poderia ser traduzido como peitoral ou couraça. No entanto, como essa última palavra tem um equivalente exato em inglês (*cuirass*), optei por uma tradução que mantivesse a função do objeto no nome; peito de prova.

‘*Mas*’ foi o mais complicado de traduzir de todo o texto, até agora. Eu precisei pesquisar no google, acompanhado do verbo infinitivo *to play* no termo de busca, para estudar sobre o que era esse ‘*mas*’. De cara, já me foi definido como uma brincadeira de carnaval, mas eu precisava de um substantivo que me definisse o termo propriamente. Uma das definições trazia uma espécie de *rewording* entre parêntese (*to be in the parade*), que nós conhecemos simplesmente como “ir pra avenida”, “pular carnaval”. Como nestas definições vinham imagens de pessoas como roupas parecidas, optei por traduzir como “bloco”.

Por último, só fiquei em dúvida se “emergir” poderia ser usado como verbo transitivo.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

More Maps

According to my uncle the world was its books, its words, its languages. His evenings of grammar drills induced illnesses, panic attacks, nausea, and sleepiness. “‘It’ could never ‘have’”, he would shout to some child saying, “Uncle, it have a man outside asking for you”. “‘There is’, ‘there are’ for the plural, but ‘it’ could never ‘have’”. No simple request or statement went without such correction, until this child forgot or regretted what he or she wanted. Soon there was pure silence around my uncle.

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO

Mais Mapas

De acordo com o meu tio, o mundo era os livros, suas palavras, suas línguas. Suas tardes de treinos gramaticais induziram enfermidades, ataques de pânico, náusea e sonolência. “‘Tu’ nunca ‘tem’,” ele responderia aos berros para alguma criança que dissesse: “Tio, tu tem visita lá fora te esperando”. “‘Tens visita’, ou ‘visitas’ para o plural, mas ‘tu’ nunca ‘tem’.” Não existia uma única afirmação que passasse sem tais correções, até que essa criança se esquecesse o que queria. Breve havia um puro silêncio em torno do meu tio.

PROTOCOLO

Neste último trecho, me vi diante de apenas dois grandes problemas: como explicar a que se referia o “its books”, já que o possessivo em inglês varia para coisas ou para pessoas, diferentes do português? Como recriar a correção do erro da narradora-personagem, se não temos, no português, a regra da terceira pessoa no presente? A solução para a primeira inquietação foi omitir o pronome possessivo na primeira palavra, o que diminuiu a ambiguidade (se o seus se referia ao mundo ou ao tio). A segunda foi reformular a frase e os erros para se adequar a uma regra análoga que temos em nosso idioma: a da segunda pessoa do singular, “tu”; e adaptar, também, o “there is” e “there are”, substituindo os verbos pelo substantivo “visitas”, para manter a diferença entre singular e plural que o tio enfatizou. Acredito que isso deu conta de manter a carga da cena da obra original.

INFORMANTE	CÓDIGO
	T8
EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS	
Texto original	
<p>There are maps to the Door of No Return. The physical door. They are well worn, gone over by cartographer after cartographer, refined from Ptolemy’s Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites.</p>	
EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS E PROTOCOLO	
Proposta de tradução	
<p>Existem mapas que levam ao Portal do Nunca Mais. Ao portal concreto. Eles estão bem usados, passados de cartógrafos para cartógrafos, laborados pela Geografia de Ptolomeu até fotografias orbitais e satélites para imageamento por campo magnético.</p>	
PROTOCOLO	

O primeiro ponto a ser destacado neste trecho inicial é a tradução do “Door of no return” como *Portal do Nunca Mais*. Essa escolha parte da leitura interpretativa do tradutor e de sua percepção do sentimento da diáspora ao decorrer da narrativa da autora pós-colonial Dione Brand como algo/lugar/sentimento, na qual o narrador não pode mais voltar “no return” – enfatizado pelo *nunca mais*. No entanto, em primeira instância, o *door of no return* remete à porta física/concreta cartografada nos mapas e projetada por meio de satélites. Existem duas referências para as portas concretas assinaladas: a primeira é a *Porta do Não Retorno* em Ouidah, Benin (Fig. 1) que, apesar de ser um portal visível/concreto por meio da imagem e passível de ser encontrada em mapas, é também uma figura representativa da diáspora; a Fig. 2 apresenta a *Porta sem retorno/Porta do Não Retorno* em Gorée Senegal localizada no museu Casa dos Escravos, a qual, nos tempos do tráfico negreiro, dava passagem dos escravos para as embarcações negreiras.

Ainda no primeiro trecho, temos a sentença “Magnetic field imaging satellites”. Para evitar um truncamento na tradução, decidimos modificar a sintaxe da frase, traduzindo-a como *satélites para imageamento por campo magnético*. A construção e transposição dessa frase para o português torna-se complexa, pois: a palavra *field* (campo) é um substantivo e está acompanhado do adjetivo *magnetic* (magnético) e procedida do substantivo *imaging* (imageamento), o qual funciona nessa frase como um adjetivo modificador, em consonância com os outros modificadores apontados, do substantivo *satellites* (satélites). Assim, temos *magnetic field imaging* como modificadores em função do substantivo satélites.

EXCERTO DA OBRA EM INGLÊS

Continuação do excerto:

[...] It is also perhaps a **psychic destination**. Since **leaving was never voluntary**, return was, and still may be, an intention, however deeply buried. **There is as it says no way in; no return.**

EXCERTO DA OBRA EM PORTUGUÊS

Proposta de tradução

[...] Talvez, ele seja um destino **imaginário** também. Desde que **a ida (sempre) foi (in)voluntária**, a volta foi, e ainda pode ser, uma intenção, mesmo que

profundamente enterrada. **Como dizem, não há de forma alguma um caminho; de forma alguma um retorno –nunca mais.**

PROTOCOLO

Na primeira sentença, traduzimos o “psychic destination” como, “destino imaginário”, fazendo alusão ao sentimento da diáspora e as lembranças “imagem-nárias” das personagens ao decorrer da(s) narrativa(s). Também modifiquei a sentença “leaving was never voluntary” para “a ida (*sempre*) foi (*in*)voluntária”. Primeiramente, modificamos o adverbio *never* (nunca) para seu antônimo *always* (sempre), dando continuidade semântica na palavra *involuntary* (involuntária), acrescentando o prefixo (*in*) que remete a negatividade do *never* (nunca). Optamos por essa escolha semântica, para tentarmos referenciar o processo de continuidade no tráfico negreiro, o qual era *sempre* forçado *involuntário*. Fica evidente neste trecho a preocupação ou relação da tradução com os sujeitos referenciados no texto – o que desponta para a segunda fundamentação da tradução enquanto poieses. A segunda fundamentação, segundo Meschonic (2009, p.21), aponta que a tradução é vista como poieses/literatura está inter-relacionada ao sujeito, estabelecendo relações do texto com os indivíduos e sua cultura.

**APENDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE DOCUMENTO
ESCRITO**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LETRAS LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

PROJETO DE PESQUISA:

A TRADUÇÃO COMO EXERCÍCIO DA ALTERIDADE– (RE)CONHECER A LÍNGUA, IDENTIDADE, CULTURA DO OUTRO: Uma análise do percurso tradutório de excertos da obra “A Map to the Door of No Return da escritora Dionne Brand traduzida para a Língua Portuguesa por discentes da disciplina Prática de Tradução do curso de Língua Inglesa e Literaturas – Campus IV.

AUTORIZAÇÃO DO USO DE DOCUMENTO ESCRITO

Eu, _____
portador(a) do RG _____, autorizo a análise de
minhas declarações por escrito, como parte do projeto de pesquisa: A TRADUÇÃO COMO
EXERCÍCIO DA ALTERIDADE – (RE)CONHECER A LÍNGUA, IDENTIDADE,
CULTURA DO OUTRO: Uma análise do percurso tradutório de excertos da obra A Map to
the Door of No Return da escritora Dionne Brand traduzida para a Língua Portuguesa por
discentes da disciplina Prática de Tradução do curso de Língua Inglesa e Literaturas –
Campus IV, de autoria da estudante do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas do
Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia, Jailma
da Silva Oliveira, de forma gratuita e concordando com a veiculação destas em qualquer
suporte midiático, quando necessário, desde que desvinculadas de minhas informações
pessoais.

Jacobina, _____ de _____ de 20

Sujeito da Pesquisa

APENDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LETRAS LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, da pesquisa **A TRADUÇÃO COMO EXERCÍCIO DA ALTERIDADE– (RE)CONHECER A LÍNGUA, IDENTIDADE, CULTURA DO OUTRO: Uma análise do percurso tradutório de excertos da obra “A Map to the Door of No Return da escritora Dionne Brand traduzida para a Língua Portuguesa por discentes da disciplina Prática de Tradução do curso de Língua Inglesa e Literaturas – Campus IV.** Apresento as informações sobre o projeto, bem como sobre os pesquisadores responsáveis, a saber pela graduanda Jailma da Silva Oliveira e orientada pela Professora Doutora Juliana Cristina Salvadori. Caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é dos pesquisadores responsáveis.

O objetivo geral desta pesquisa é examinar a questão da formação de identidades culturais postas na tradução em comparação com os excertos da obra “*A map to the door of no return*”, a fim de compreender como a tradução põe em evidência essa experiência do deslocamento, da diáspora e media diálogos entre culturas. Mais especificamente busca, 1) analisar as escolhas estruturais, morfológicas, lexicais, semânticas feitas pelo tradutor. 2) perceber como a diversidade cultural emerge na linguagem e é tratada pelo outro – o tradutor na leitura do texto estrangeiro - considerando que o tradutor também é um leitor. 3) notificar se o tradutor tem a preocupação/o cuidado em buscar informações extratextuais para contextualizar o leitor a linguagem (contexto cultural) da época. Por fim, almeja, 4) evidenciar como o conhecimento prévio do tradutor acerca da vários campos do saber, como a história, a gramática, a filosofia, entre outros, promove uma boa tessitura da tradução final.

Você deverá apresentar sua tradução das páginas 119 a 134 da obra “A Map to the Door of No Return” de autoria da Dionne Brand. Solicitamos que o exercício diário de tradução seja acompanhado de um diário de bordo/ protocolo de tradução – cabendo ao tradutor, marcar o horário de início, pausas, finalização, ferramentas de tradução usadas, questões problemáticas levantadas durante o processo de tradução, soluções possíveis, qual solução escolhida e porquê, assim como os procedimentos de tradução: ex. traduziu de uma só vez deixando termos para serem revistos/ verificados depois da tradução integral? Preferiram uma abordagem mais lenta e limpa, verificando cada termo passo a passo, parando para consultar dicionário, cotejando as possibilidade de uso de termos e expressões características presentes no texto? Como justificou cada escolha?

A participação na pesquisa não envolve riscos ou danos. Ao final da pesquisa, o pesquisador irá lhe mostrar as conclusões tiradas a partir dos resultados das atividades, o que poderá lhe trazer uma melhor percepção sobre seu percurso de tradução.

Os resultados serão publicados, mas nenhuma informação pessoal sua constará nos resultados, mantendo-se assim sua confidencialidade. Apenas o pesquisador e a orientadora terão acesso aos dados coletados antes dos mesmos serem preparados para publicação.

Quaisquer dúvidas podem ser tiradas com o pesquisador através do e-mail jailma88@gmail.com ou através dos números (74) 99110-4437 e (74) 98135-0044.

Salientamos que não há compensação financeira em função de sua participação na pesquisa.

Esse documento deverá ser assinado em duas vias, todas as páginas rubricadas, ficando uma via com você e outra com o pesquisador. Assinando o Consentimento Pós-Informação abaixo, você estará consentindo com o uso dos dados coletados para a pesquisa. Muito obrigado.

Jacobina (BA), ____ de _____ de 2015.

Jailma da Silva Oliveira

Pesquisador

Juliana Cristina Salvadori
Orientadora

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____ (nome completo), fui esclarecido sobre a pesquisa A TRADUÇÃO COMO EXERCÍCIO DA ALTERIDADE– (RE)CONHECER A LÍNGUA, IDENTIDADE, CULTURA DO OUTRO: Uma análise do percurso tradutório de excertos da obra “A Map to the Door of No Return da escritora Dionne Brand traduzida para a Língua Portuguesa por discentes da disciplina Prática de Tradução do curso de Língua Inglesa e Literaturas – Campus IV e concordo que meus dados sejam utilizados para a realização da mesma.

Jacobina, ____ de _____ de 2015.

Assinatura: _____.

RG: _____.

APENDICE F – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LETRAS LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

Caro(a) Colega!

Você está convidado a responder este questionário, que corresponde a um instrumento de informações para o estudo intitulado “A TRADUÇÃO COMO EXERCÍCIO DA ALTERIDADE – (RE)CONHECER A LÍNGUA, IDENTIDADE, CULTURA DO OUTRO”, sob a minha responsabilidade como discente do Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). As questões de pesquisa apontam para uma discussão sobre a área dos estudos da tradução e formação do tradutor e a sua participação contribuirá para o avanço da pesquisa acadêmica sobre a temática em estudo. Salientamos que a sua identidade será preservada através do anonimato e que o resultado deste questionário será utilizado apenas para fins de construção do trabalho de conclusão de curso referente ao estudo.

Sua participação é muito importante!

Cordialmente,

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Juliana Cristina Salvadori; Orientanda: Jailma da Silva Oliveira

Espaço reservado para preenchimento pelo pesquisador(a):

Questionário nº _____

Data de aplicação: ____/____/____

4. Identificação pessoal:

Sexo: []Feminino []Masculino

Idade: _____

5. Formação Acadêmica:

Semestre em Curso _____

Ano de entrada no Curso _____

Algum trancamento ou abandono de semestre/curso? _____

